

EXTRAMUROS

REVISTA DE EXTENSÃO DA UNIVASF

Volume 2, número 2 | jul./dez.
2014



EXTRAMUROS

REVISTA DE EXTENSÃO DA UNIVASF

Volume 2, número 2 | jul./dez. 2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO
SÃO FRANCISCO**

Reitor

PROF. DR. JULIANELI TOLENTINO DE LIMA

Vice-Reitor

PROF. DR. PROF. DR. TÉLIO NOBRE LEITE

Pró-Reitora de Extensão

PROF. DRA. LUCIA MARISY SOUZA RIBEIRO DE OLIVEIRA

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

PROF. DR. HELINANDO PEQUENO DE OLIVEIRA

Pró-Reitor de Ensino

PROF. DR. LEONARDO RODRIGUES SAMPAIO

Pró-Reitora de Assistência Estudantil

ASSISTENTE SOCIAL ISABEL CRISTINA SAMPAIO ANGELIM

Pró-Reitor de Orçamento e Gestão

PROF. DR. ANTÔNIO PIRES CRISÓSTOMO

**Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento Institucional**

PROF. ME. JOSÉ RAIMUNDO CORDEIRO NETO

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Pró-Reitora de Extensão

PROF. DRA. LUCIA MARISY SOUZA RIBEIRO DE OLIVEIRA

Diretor de Extensão

PROF. DR. WAGNER PEREIRA FÉLIX

Diretor de Arte, Cultura e Ação Comunitária

PROF. ME. EURICLÉSIO BARRETO SODRÉ

Diretor do Espaço Ciência e Cultura

PROF. DR. MILITÃO FIGUEREDO

Técnico do Espaço Ciência e Cultura

ROGER FAZOLLO - BIÓLOGO

Assistente em Administração – Gabinete da Pró-Reitoria

EDILÚCIA BARROS DA SILVA

Assessora da Pró-Reitoria

JACKELINE FERREIRA GOMES

Assistente de Apoio às Atividades de Estágio

MARIANA FILGUEIRAS VIEIRA

Assistente de Apoio às Atividades de Extensão

RUTH MORAIS NUNES DE AMORIM

Auxiliar Administrativo

EDILENE GOMES

Estagiários – Coordenação de Estágio

EDUARDO NEVES ROCHA DE BRITO

MARCEL CARVALHO MARQUES

Estagiários – Diretoria de Extensão

BRUNA SANTOS SIQUEIRA – Cursos de Idiomas

GRAZIELE ÁQUILA DE SOUZA BRANDÃO – Ligas Acadêmicas

ROMULLO ABIZAIR AMÂNCIO DOS SANTOS

Estagiários – Diretoria de Arte

BRUCE WAGNER AMORIM PEREIRA

CAROLINE MOREIRA BACURAU

DÁRIO PEIXOTO WANDERLEY JÚNIOR

RODRIGO GOMES WANDERLEY

COMISSÃO EDITORIAL

Editor Responsável

PROF. DR. FULVIO TORRES FLORES

Editor de Layout

PROF. ESP. CECILIO RICARDO DE CARVALHO BASTOS

CONSELHO EDITORIAL

PROFA. DRA. DARIZY FLÁVIA VASCONCELOS

UFBA - Universidade Federal da Bahia

PROF. DR. FRANCISCO ROBERTO CAPORAL

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

PROFA. DRA. GHISLAINE DUQUE

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

PROFA. DRA. GISELE GIANDONI WOLKOFF

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

PROF. DR. DR. H.C. HANS-JOACHIM APPELL CORIOLANO

DSHS - Deutsche Sporthochschule Köln

PROF. DR. HELINANDO PEQUENO DE OLIVEIRA

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

PROFA. DRA. HOSANA DOS SANTOS SILVA

UNIFESP - Universidade Federal do Estado de São Paulo

PROFA. DRA. JOSEFA SALETE BARBOSA CAVALCANTE

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

PROF. DRA. LÚCIA MARISY SOUZA RIBEIRO DE OLIVEIRA

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

PROFA. DRA. MARCIA BENTO MOREIRA

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

PROFA. DRA. SIMONE MALAGUTI

LMU - Ludwig-Maximilians-Universität München

PARECERISTAS *AD HOC*

v. 2, n. 2, jul./dez. 2014

PROFA. DRA. ALESSANDRA ROSA CARRIJO (UNIOESTE)
PROFA. DRA. ANGÉLICA MARGARETE MAGALHÃES (UFGD)
PROFA. DRA. BARBARA ELEONORA BEZERRA CABRAL (UNIVASF)
PROFA. DRA. CAROLINA MARIA DE LIMA CARVALHO (UNILAB)
PROFA. DRA. DÉBORA ABDALLA SANTOS (UFBA)
PROFA. DRA. ELIETE DA SILVA PEREIRA (USP)
PROFA. MA. FLAVIA MARIA DE BRITO PEDROSA VASCONCELOS (UNIVASF)
PROF. DR. FULVIO TORRES FLORES (UNIVASF)
PROFA. DRA. GRAZIELA MARIA LISBOA PINHEIRO (USP)
PROF. DR. IZAIAS DA SILVA LIMA NETO (UNIVASF)
PROFA. DRA. JANAYNA ALVES BREJO (UEMG)
PROFA. DRA. JANE EYRE GABRIEL (UNIVASF)
PROFA. DRA. JOELMA ANA GUTIÉRREZ ESPÍNDULA (UFRR)
PROF. ME. JORGE LUIS CAVALCANTI RAMOS (UNIVASF)
PROF. DR. JORGE LUIS DE SOUZA RISCADO (UFAL)
PROFA. DRA. KATHLEEN ELANE LEAL VASCONCELOS (UEPB)
PROFA. DRA. LUIZA EUGENIA DA MOTA ROCHA CIRNE (UFCEG)
PROF. DR. LAJOSY SILVA (UFAM)
PROFA. DRA. LARISSA ARAÚJO ROLIM (UNIVASF)
PROFA. DRA. LILIAN CRISTIANE GOMES VILLAS BOAS (UNIFEG)
PROFA. DRA. LIVIA MARQUES CARVALHO (UFPB)
PROFA. DRA. MÁRCIA BARROS DE SALES (UFSC)
PROFA. MA. MARIA DAS GRAÇAS CLEOPHAS PORTO (UNIVASF)
PROFA. DRA. MARIA DAS GRAÇAS LINS BRANDÃO (UFMG)
PROFA. DRA. MARIA DO SOCORRO DE LUCENA CARDOSO (UFAM)
PROFA. DRA. MARILENE DANDOLINI RAUPP (UFSC)
PROFA. MIRIAM CLEIDE CAVALCANTE DE AMORIM (UNIVASF)
PROF. DR. PETRÔNIO JOSÉ DE LIMA MARTELLI (UFPE)
PROFA. DRA. RENATA WILNER (UFPE)
PROF. RODRIGO GUSTAVO DA SILVA CARVALHO (UNIVASF)
PROFA. DRA. SELMA PASSOS CARDOSO (UNIVASF)
PROFA. DRA. SILVIA DE MAGALHÃES SIMÕES (UFS)
PROFA. DRA. SILVIA FERREIRA LIMA CAVALHEIRO (UNESP)
PROFA. DRA. SILVIA RAQUEL SANTOS DE MORAIS (UNIVASF)
PROFA. DRA. SIMONE DE PINHO BARBOSA (UFJF)
PROFA. DRA. VERONICA BRANCO (UFPR)
PROFA. DRA. VLÁDIA JAMILE DOS SANTOS JUCÁ (UFBA)

REVISTA DE EXTENSÃO DA UNIVASF

Av. José de Sá Maniçoba, s/n.
Centro
Petrolina – PE
CEP 56304-205

Gabinete da Pró-Reitoria: (87) 2101-6768

Todos os textos e suas imagens, assim como a revisão e referências, são de responsabilidade dos autores.

É permitida a reprodução parcial das informações publicadas, desde que seja citada a fonte.

Universidade Federal do Vale do São Francisco
Pró-Reitoria de Extensão

www.extramuros.univasf.edu.br
extramuros@univasf.edu.br

EXTRAMUROS – Revista de Extensão da UNIVASF
Petrolina-PE.
Pró-Reitoria de Extensão
Vol. 2, n. 2 (jul./dez.-2014).
146 p.
Semestral
ISSN 2318-3640
1. Extensão. 2. Universidade. 3. Revista.
I. Título

SUMÁRIO

EDITORIAL <i>Prof. Dr. Fulvio Torres Flores</i>	7
PALAVRA DOS ARTISTAS <i>Marcus Ramos e Cecilio Bastos</i>	9
RELATOS	
Promoção da saúde por meio de orientação nutricional e atividades físicas com enfoque na hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus no bairro José e Maria <i>Alesson Rodrigo Santos e Santos, Thiago Alves de Castro</i>	11
Terapias complementares em pessoas vivendo com HIV/Aids: a enfermagem no auxílio a adesão ao tratamento <i>Carla Luzia França Araújo, Diana da Silva Gonçalves, Fabiana de Mello Barros, Tallyta Rodrigues Rocha, Vanessa Damasceno Bastos</i>	18
Visita Domiciliária na atenção a usuários de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus - BA <i>Jaqueline da Silva Santos, Ana Claudia Lobo Borges, Vânia Sampaio Alves</i>	27
Programa de Educação Tutorial: o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na construção de uma nova graduação <i>Paula Cristiana de Freitas, Elis Regina Duarte</i>	36
Práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos: educando no museus <i>Maria Dolores Ferrari, Maclovia Corrêa da Silva</i>	43
Nas Quebradas do Mar, em obras <i>Angela Maria Carneiro Silva</i>	49
ARTIGOS	
Tecnologia, agricultura familiar e meio ambiente: diálogos a partir da prática da extensionista no semiárido nordestino <i>Cynthia Xavier Carvalho, Georgia Cavalcanti Alves de Miranda, Antônio Roberto Mendes, Andson Freitas Melo</i>	57
Projeto de extensão plantas medicinais na atenção básica à saúde <i>Amanda Cavalcante Silva, Alyne Almeida de Lima, Risonildo Pereira Cordeiro, Arquimedes Fernandes Monteiro de Melo</i>	75

Subprojeto Pibid: extensão universitária para a formação de professores de língua inglesa <i>Didiê Ceni Denardi</i>	86
O Câncer Infantil Sob Vários Olhares <i>Mariellem Pazzinatto, Tatiane Piazza, Suraia Estacia Ambros</i>	102
A escola no universo da arte do faz de conta: O teatro corroborando nas práticas pedagógicas do Centro de Ensino Urbano Rocha em Imperatriz – MA <i>Domingos Alves de Almeida , Herli de Sousa Carvalho , Maria da Penha Nunes da Rocha, Railson Silva Lima</i>	119
Juventudes e Políticas Públicas: temporalidades e identidades percebidas a partir de uma experiência de extensão universitária para inclusão digital <i>Giuseppa Maria Daniel Spenillo, Vanessa Maria Santiago da Silva, Aline de Oliveira Bomfim, Eliane Maria Araujo da Silva</i>	127
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA	145
DADOS TÉCNICOS	146

Prof. Dr. Fulvio Torres Flores Editor Responsável

fulvio.flores@
univasf.edu.br

Em comemoração aos 10 anos da UNIVASF, universidade que iniciou suas atividades em 2004, lançamos este quarto número da **Extramuros** – Revista de Extensão da UNIVASF.

A extensão, exercício vital para o diálogo da universidade com a sociedade, tem sido uma das prioridades não apenas da UNIVASF, mas também de universidades em todo o Brasil. A EXTRAMUROS tem contribuído com esse diálogo por meio da publicação de relatos de experiência, artigos e entrevistas. Desde seu lançamento, a revista teve mais de 22 mil acessos/downloads de seus 42 textos publicados. Esse número mostra a procura por textos que tratem dessa prática que cada vez é mais difundida e valorizada.

Esta edição contou com a colaboração de Cecilio Ricardo de Carvalho Bastos e Marcus Vinicius Midená Ramos na seleção das imagens que compõem a capa e as seções da revista, escolhidas entre a produção das Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco.

Abrindo a seção **Relatos**, Alesson Rodrigo Santos e Santos e Thiago Alves de Castro (UNIVASF) apresentam, em *Promoção da saúde por meio de orientação nutricional e atividades físicas com enfoque na hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus no bairro José e Maria*, um projeto direcionado ao controle e prevenção de agravos da hipertensão arterial e da diabetes mellitus, por meio de intervenção nos fatores de risco modificáveis com alimentação e prática de exercícios físicos.

Terapias complementares em pessoas vivendo com HIV/Aids: a enfermagem no auxílio a adesão ao tratamento, escrito por Carla Luzia França Araújo, Diana da Silva Gonçalves, Fabiana de Mello Barros, Tallyta Rodrigues Rocha e Vanessa Damasceno Bastos (UFRJ), discorre sobre a experiência do projeto cujos objetivos são implementar a consulta em Terapia Floral e Reiki, contribuir para a melhoria da adesão de PVHA ao plano terapêutico e criar e organizar banco de dados sobre terapias florais, Reiki e PVHA atendidas.

Jaqueline da Silva Santos, Ana Claudia Lobo Borges e Vânia Sampaio Alves (UFRB) relatam, em *Visita domiciliar na atenção a usuários de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus- BA*, a experiência da visita domiciliar na atenção a usuários de álcool e outras drogas como prática de intervenção, identificando a potencialidade dessa estratégia.

Programa de Educação Tutorial: o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na construção de uma nova graduação, de Paula Cristiana de Freitas e Elis Regina Duarte (UTFPR), apresentam as atividades realizadas pelo grupo PET de Engenharia Química e também as contribuições para o desenvolvimento desse curso e da comunidade acadêmica.

Em *Práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos: educando no museu*, Maria Dolores Ferrari e Maclovia Corrêa da Silva (UTFPR) tratam de especificidades como espaço, tempo e objetos, por meio de práticas interdisciplinares educativas, culturais e ambientais que contribuíram para a promoção e construção de valores de transformação social e qualidade de vida.

Nas *Quebradas do Mar, em obras*, de Angela Carneiro (UFRJ), analisa desdobramentos das experiências do projeto político-pedagógico da Universidade das Quebradas, cujo objetivo é criar um espaço de intercâmbio de conhecimento entre academia e artistas.

Abrindo a seção **Artigos**, em *Tecnologia, agricultura familiar e meio ambiente: diálogos a partir da prática extensionista no semiárido nordestino*, Cynthia Xavier Carvalho, Georgia Cavalcanti Alves de Miranda, Antônio Roberto Mendes e Andson Freitas Melo (UFPE) expõem resultados de experiências para se dialogar sobre as interfaces entre o uso/implantação de tecnologias adaptadas para a agricultura familiar, o meio ambiente e a sociedade.

Projeto de extensão Plantas medicinais na atenção básica à saúde, de Amanda Cavalcante Silva, Alyne Almeida de Lima, Risonildo Cordeiro, Arquimedes Fernandes Monteiro de Melo (ASCES), descreve e analisa ações sociais para o conhecimento sobre as plantas medicinais e o uso correto das mesmas, também distribuindo mudas produzidas na horta medicinal implantada na faculdade.

Didiê Ceni Denardi (UTFPR) relata e discute, em *Subprojeto PIBID: extensão universitária para a formação de professores de língua inglesa*, as principais atividades desenvolvidas no âmbito do Subprojeto focadas na articulação entre teoria e prática de ensino de língua inglesa na perspectiva de gêneros textuais.

Mariellem Pazzinato, Tatiane Piazza e Suraia Estacia Ambros (UPF), em seu texto *O câncer infantil sob vários olhares*, investigam as reações do câncer infantil na dinâmica familiar para compreender a relação dos profissionais e cuidadores com as crianças em tratamento e seus pais.

A escola no universo da arte do faz de conta: o teatro corroborando nas práticas pedagógicas do Centro de Ensino Urbano Rocha em Imperatriz – MA, Domingos Alves de Almeida, Herli de Sousa Carvalho, Maria da Penha Nunes da Rocha e Railson Silva Lima (UFMA) analisam atividades desenvolvidas com estudantes do ensino médio, entre elas aulas expositivas, exercícios lúdicos de interação, cantigas de roda, exercício de dublagem, interpretação de textos, teatrais e não teatrais.

Juventudes e Políticas Públicas: temporalidades e identidades percebidas a partir de uma experiência de extensão universitária para inclusão digital, de Giuseppa Maria Daniel Spenillo, Vanessa Maria Santiago da Silva, Aline de Oliveira Bomfim e Eliane Maria Araujo da Silva (UFRPE), interpretam a experiência de inclusão digital de jovens rurais no semiárido pernambucano entre os anos de 2011 e 2013.

Boa leitura e parabéns à UNIVASF pelos seus 10 anos de ensino, pesquisa e, principalmente, extensão.

Marcus Ramos¹
Cecílio Bastos²

¹ Professor da UNIVASF, engenheiro elétrico e mestre em sistemas digitais. E-mail: marcus.ramos@univasf.edu.br.

² Docente da Universidade do Estado da Bahia, bacharel em Comunicação Social e Pós-Graduado em Jornalismo Digital. E-mail: cecilioricardo@gmail.com.

Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco é um projeto que existe desde 2010 e tem como objetivo produzir ensaios mensais sobre a cultura, a história, as belezas naturais e o estilo de vida da região. Formado por 244 pessoas das mais diversas áreas de atuação, entre participantes ativos e simpatizantes, o projeto já realizou 42 Jornadas para destinos diferentes nos seus quatro anos de existência.

Além do objetivo documental, o projeto pretende incentivar e estimular o uso da fotografia como forma de expressão artística e pessoal, permitindo o intercâmbio de experiências e o aprimoramento técnico e estético dos seus participantes. Isso é alcançado, principalmente, através das reuniões de avaliação que sucedem cada Jornada, onde todos apresentam uma edição do seu trabalho e recebem críticas, comentários e sugestões dos demais.

O projeto, além disso, mantém um sítio (www.jornadasfotograficas.com.br) onde uma seleção das imagens das Jornadas anteriores pode ser visualizada, assim como todo o histórico de organização e planejamento das Jornadas. Lá também existem links para matérias publicadas em rádio, TV e jornais, informações sobre exposições realizadas, material de divulgação e muito mais. Dessa maneira, ele contribui também para uma maior divulgação das atrações e do patrimônio histórico e cultural da região, tão carente de reconhecimento, informações e roteiros.

A fotografia que ilustra a Capa desta edição da Revista Extramuros é de autoria da jornalista Jennifer Lee Palmer. A imagem retrata cores vibrantes da flora do Sertão do São Francisco e foi capturada durante a 35^a. Jornada, realizada em fevereiro de 2014, na Serra Dez, em Sobradinho (BA). Para abrir a seção Relatos, uma fotografia de Luciana Cajado. Composição elaborada na 36^a. Jornada Fotográfica, que aconteceu no Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí, em março de 2014. Douglas Iuri Medeiros Cabral assina a fotografia do Falco Rufingularis, mais conhecido como Falcão Cauré. A imagem também foi capturada durante 36^a. Jornada Fotográfica e ilustra a seção de Artigos da edição.



Relatos

Promoção da saúde por meio de orientação nutricional e atividades físicas com enfoque na hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus no bairro José e Maria

Alesson Rodrigo Santos e Santos¹
Thiago Alves de Castro²

¹ Graduando do Curso de Medicina da Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. alessonrodrigo@live.com.

² Graduando do Curso de Medicina da Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. thiagoacastr@hotmail.com.

RESUMO

Este relato de experiência refere-se a um projeto de intervenção da disciplina Saúde e Comunidade do curso de Medicina da Universidade Federal do Vale do São Francisco desenvolvido junto à comunidade do bairro José e Maria, em Petrolina-Pe. O foco das ações foi direcionado para o controle e prevenção de agravos no que tange a Hipertensão Arterial Sistêmica e a Diabetes Mellitus, valendo-se da intervenção nos fatores de risco modificáveis através da alimentação e da prática de exercícios físicos. A concepção deste projeto traz em sua essência não necessariamente o cumprimento de uma tarefa disciplinar, mas um enfoque na importância do contato com a comunidade no processo de formação do profissional médico.

Palavras-chave: Saúde; Comunidade; Prevenção; Hipertensão; Diabetes.

Health Promotion through nutritional counseling and physical activity focusing on Hypertension and Diabetes Mellitus in the neighborhood José and Maria: Experience report

ABSTRACT

This experience report refers to an intervention project in the discipline of the Kurdish Community Health and Medicine, Federal University of São Francisco Valley developed by the José and Maria of the neighborhood community in Petrolina-Pe. The focus of action was directed to the control and prevention of diseases in relation to Hypertension and Diabetes Mellitus, taking advantage of the intervention on modifiable risk factors through diet and physical exercise. The design of this project brings in its essence does not necessarily comply with a disciplinary task, but a focus on the importance of contact with the community in the process of training the medical professional.

Key-words: Health; Community; Prevention; Hypertension; Diabetes.

INTRODUÇÃO

A disciplina Saúde e comunidade, presente na grade curricular do curso de Medicina da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), proporciona aos estudantes um contato intenso com as comunidades de Petrolina-Pe e Juazeiro-Ba ainda no primeiro semestre do curso. Nas atividades práticas propostas pela cadeira é possível vivenciar, junto às comunidades, os conceitos de saúde e doença, bem como os seus determinantes sociais e as formas de interação entre os serviços de saúde e os seus

usuários. O presente relato de experiência teve como espaço o Bairro José e Maria, no município de Petrolina-Pe.

Ao longo do semestre, além de conviver e conhecer de que forma a comunidade se organiza social e culturalmente, foi proposto como tarefa a elaboração e execução de um projeto de intervenção que pudesse contribuir de alguma forma com a melhoria da qualidade de vida das pessoas que habitam aquele espaço, levando em consideração, sistematicamente, a realidade social, econômica, cultural e os indicadores de saúde identificados durante o período de vivência no bairro.

Quando os estudantes chegaram ao José e Maria, ainda pela primeira vez, procuraram saber dos indivíduos da comunidade coberta pela Unidade de saúde o que os mesmos entendiam por saúde e doença e de que forma eles buscavam a manutenção da saúde e a prevenção de doenças, sendo obtida, dessa forma, as mais variadas conceituações. De um modo geral, predominou o conceito clássico de que saúde é apenas ausência de doença e que doença é apenas um estado de desequilíbrio biológico, marcada pelo ambiente nosocomial e associado à utilização regular de medicamentos previamente prescritos pelo médico.

Existem diversas maneiras de conceituar saúde e doença, ambas recebendo denominações bastante subjetivas que, do ponto de vista prático podem ser questionadas. Uma maneira muito comum de conceituar saúde, por exemplo, é aquela atribuída a Organização Mundial da Saúde (OMS) que, em 1948, preconiza: “saúde é um completo estado de bem-estar físico, social e mental e não apenas ausência de doenças”. O fato é que, entre os diversos princípios de compreensão do processo saúde-doença, o predomínio é o entendimento do homem como ser biológico e naturalmente social.

Partindo para o cuidado com a saúde, é perceptível que há um maior acesso à informação quando o assunto são medidas preventivas e de cuidados com a mesma. As pessoas reconhecem a importância de se cuidar através de hábitos saudáveis de vida, como a prática regular de atividade física, no entanto, o destaque para esta seção ficou com a dieta, ou seja, uma alimentação rica do ponto de vista nutricional é unanimidade quando as pessoas se referem a cuidados com a saúde. A procura regular pelos serviços de saúde, como consultas médicas e atividade de vacinação também foram citadas como meios de cuidados.

Quando encaminhados para outra atividade prática na comunidade, dessa vez buscando identificar as doenças prevalentes no perímetro de cobertura da unidade de saúde, os estudantes levantaram alguns dados que possibilitaram a identificação da Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e da Diabetes Mellitus (DM) como duas doenças crônicas de alta prevalência no território.

As chamadas Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), onde estão listadas a HAS e a DM, representam um grande desafio para a saúde pública brasileira, sendo também consideradas grandes desafios de saúde no que tange ao desenvolvimento global nas próximas décadas, visto que o agravamento das mesmas representam enormes gastos tanto para o portador, quanto para a sociedade em geral (BRASIL, 2011).

Todavia, vale salientar que muitos fatores de risco comuns a HAS e DM são potencialmente modificáveis através da adoção de hábitos de vida saudáveis como

prática regular de atividade física em substituição ao sedentarismo e modificações de hábitos alimentares.

Dessa forma, valendo-se da necessidade de sensibilização da comunidade para a importância da prevenção de agravos das patologias supracitadas, aliada ao reconhecimento pela mesma da importância de certos hábitos, o grupo de atuação resolveu elaborar um projeto que privilegiasse a educação física aliada à educação nutricional, através de ações simples, como exercícios para dia-a-dia e o aproveitamento integral de alimentos. Para tanto, foram trazidos como foco principal das atividades os portadores de HAS e DM, pondo em prática um dos mais diversos objetivos do projeto que foi o de colaborar com as ações já desenvolvidas pela atenção primária à saúde.

Sabe-se que a abrangência do Sistema Único de Saúde deve estar planejada desde a prevenção terciária, onde se procura reduzir as complicações e mortalidade de determinada doença, até o âmbito da educação popular em saúde (MINAS GERAIS, 2006). “A educação em saúde é o campo de prática e conhecimento do setor saúde que se tem ocupado mais diretamente com a criação de vínculos entre a ação médica e o pensar e fazer cotidiano da população” (VASCONCELOS, 2005). Trabalhou-se desta forma, a educação popular em saúde como uma das formas de promoção da mesma.

Para a promoção da saúde, Buss (2000), fala que devem ser considerados os determinantes da saúde como os físicos, econômicos e sociais, estilo de vida e comportamento, sendo uma estratégia chave para a melhora da qualidade de vida de determinada população. Tendo os integrantes desta promoção à saúde direto ou indiretamente procurar estabelecer práticas que mudem o estilo de vida e o comportamento individual ou coletivo de forma a melhorar a qualidade de vida do público alvo.

Junto a este público alvo, trabalhou-se também com crianças, adolescentes e adultos sem manifestações destas doenças, caracterizando-se assim um grupo heterogêneo que recebeu as orientações, colaborou com as atividades propostas e se fez participativo em todo o processo.

DESENVOLVIMENTO

O protagonismo da comunidade

Além de vivenciar na prática os temas discutidos em sala de aula, a disciplina de Saúde e Comunidade nos possibilita um processo de sensibilização das necessidades de saúde da comunidade a qual estamos inseridos, emergindo dessa forma alguns ideais de intervenção para melhoria da qualidade de vida na região, que possa ser usufruída em longo prazo.

A OMS e a Associação Mundial dos Médicos Gerais e de Família (WONCA) entendem que os fundamentos conceituais e éticos, as técnicas e práticas da Medicina de Família e Comunidade constituem elementos importantes na formação médica geral, independentemente da especialidade que o futuro médico irá exercer, envolvendo os estudantes em uma perspectiva ampliada do cuidado em saúde (ALLEN, 2002).

Diante do reconhecimento da importância da alimentação na manutenção da saúde e da dificuldade também compartilhada pelos estudantes em conceituar alimen-

tação saudável pela própria subjetividade da questão, suscitou a necessidade de trabalhar um projeto de intervenção para o local, baseada em conceitos de alimentação saudável, levando em consideração o desejo também mencionado pelas pessoas em ter acesso a hábitos alimentares saudáveis, sem grandes investimentos financeiros.

Deve-se pensar também que toda ação educativa em saúde deve estar ligada a lideranças comunitárias, trabalhando conjuntamente (MINAS GERAIS, 2006) e estabelecendo a interdisciplinaridade, sendo que isto tem de ser feito de forma a adquirir uma confiança necessária ao processo de educação. Quando se trata de um processo de sensibilização relacionado a doenças crônicas, o trabalho de conquista da confiabilidade merece mais empenho e a integração com a comunidade em que se atua se torna componente de essencial importância.

Inicialmente os estudantes envolvidos buscaram a opinião dos atores sociais existentes naquela comunidade com o intuito de que a ação pudesse ser feita não para a comunidade, mas com a comunidade, trazendo, esta, para o centro da proposta, de forma que a linguagem e os anseios da mesma estivessem presentes em todo processo de elaboração e desenvolvimento. Para a divulgação, líderes e agentes comunitários foram convidados a colaborar com a turma, rádios comunitárias foram utilizadas na difusão das ideias e organizações da sociedade civil fomentaram a importância da participação de todos para que o projeto pudesse alcançar os seus objetivos.

O destaque fica com a Associação das Mulheres Rendeiras do José e Maria que esteve ao lado dos estudantes na execução da proposta, participando ativamente do processo através da divulgação e da doação do espaço físico para realização das atividades planejadas.

Métodos: bases para o processo

A hipertensão arterial sistêmica (HAS) e a diabetes são umas das maiores causas de consultas em serviços da atenção primária a saúde tendo a mudança de estilo de vida como parte fundamental na prevenção e no tratamento destas doenças (GUSO, et al. 2012). Como forma de colaborar com as mudanças necessárias à população, promoveu-se uma série de atividades de incentivo a alimentação saudável e a prática regular de atividades físicas, através de dinâmicas, experiências práticas e rodas de conversa, contando também com a confecção e distribuição um livro de receitas baseadas no conceito de aproveitamento integral dos alimentos.

Para uma melhor estruturação do ponto de vista técnico, os envolvidos com o projeto buscaram apoio de profissionais da área de nutrição e educação física e com isso obtiveram a colaboração de algumas instituições que foram cruciais no desenvolvimento das atividades, podendo ser mencionada a parceria firmada com o Colegiado de Nutrição da Universidade de Pernambuco-Campus Petrolina que, além de atuar diretamente nas rodas de conversas sobre alimentação, participaram da revisão científica do caderno de receitas.

O projeto trouxe como objetivo geral a necessidade de despertar nas pessoas a importância de praticar hábitos alimentares saudáveis que podem ser obtidos através do reaproveitamento de alimentos descartados no dia-a-dia e sem grandes gastos financeiros, além de evidenciar a atividade física como algo simples que pode ser inclu-

ída no dia-a-dia das pessoas. No mais, os estudantes objetivaram a colaborar, através de dicas de alimentação, com o tratamento de públicos específicos, a citar os diabéticos e hipertensos.

Explicitação da experiência

O dia começou com grande esforço por parte dos estudantes envolvidos que desde as primeiras horas correram contra o tempo no intuito de organizar o espaço para receber a população convidada. O trabalho correspondeu a todo processo de logística do material para realização do café da manhã, obtido através de doações, e posterior preparo da alimentação a ser distribuída.

Próximo ao início das atividades, a baixa adesão do público a participar do projeto levou alguns estudantes a percorrerem as ruas do bairro com o intuito de convidar às pessoas que estivessem disponíveis a participar das ações naquele instante. Após alguns minutos, o público já era quantitativamente significativo e finalmente as atividades puderam ser iniciadas.

Uma conversa sobre atividades físicas seguida de alongamento e leves exercícios marcaram o começo das ações propriamente ditas. Os presentes mostraram-se empolgados com a proposta e aguardavam ansiosos pela atividade seguinte, correspondente ao café da manhã.

O momento do café da manhã foi marcado pela interação entre os participantes e também por uma grande oportunidade de troca de experiências entre estudantes, profissionais e público-alvo. As conversas paralelas evidenciavam as dúvidas do público que a todo o momento questionavam sobre mudanças em hábitos de vida que pudessem melhorar a sua saúde e a de toda a família.

Grande parte dos questionamentos lançados durante o café da manhã foram respondidos em outro momento, correspondente à roda de conversa com nutricionistas que trouxeram à comunidade todos os seus conhecimentos a respeito de aproveitamento integral dos alimentos voltado para o controle e prevenção de agravos associados à hipertensão e a diabetes. Dicas de preparações e de formas de como se alimentar saudavelmente sem deixar de lado certos hábitos culturais foram também privilegiadas durante a conversa que marcou a finalização da etapa de orientações.

A manhã foi encerrada com discussões e depoimentos dos participantes que, de forma espontânea, falaram sobre suas expectativas em relação ao projeto, citando a sua superação e reconhecendo a importância de eventos como o ocorrido para que o acesso a informações desse tipo seja democratizado e chegue até às comunidades onde as pessoas realmente necessitam de tais orientações.

Os estudantes concluíram a atividade do dia com a sensação de dever cumprido diante das palavras de agradecimento do público participante. Apesar de não ter existido uma ficha de avaliação, as manifestações positivas emergiram espontaneamente das pessoas através de gestos que confirmavam a satisfação em ter feito parte de todo o processo de elaboração e execução da proposta que recebeu a denominação de “José e Marias saudáveis” em alusão ao nome do bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração e desenvolvimento do projeto de intervenção no Bairro José e Maria pôs em evidência a necessidade de se atribuir maior importância às disciplinas do currículo do curso de medicina que proporcionam um maior contato do discente, desde o início da graduação, com a comunidade e seus respectivos agentes sociais.

Ao introduzir uma proposta de atividade, da qual a sua execução exige o envolvimento de diversas pessoas e organizações, é proporcionado ao estudante de medicina o desenvolvimento de práticas e habilidades em grupo que são essenciais para o seu futuro profissional. A coisa torna-se ainda mais interessante quando esses estudantes tem a oportunidade de reconhecer em campo os diversos determinantes de saúde que estão inseridos na comunidade e que muitas vezes são negligenciados durante a prática clínica.

A comunidade permite que o estudante enxergue o homem de forma holística, nas suas associações biológicas, ambientais e sociais, possibilitando assim que durante o desenvolvimento de suas atividades profissionais o médico seja comprometido com o doente e não com a doença.

Além do convívio diário que representa uma ferramenta bastante enriquecedora, quando se deseja promover saúde em âmbito coletivo, atividades comunitárias são capazes de transformar simples tarefas acadêmicas em fortes laços sociais que contribuem efetivamente com a formação do indivíduo enquanto cidadão responsável por intervir nas melhorias e transformações da sociedade a qual está inserido.

O foco norteador deste relato de experiência surge da necessidade e preocupação atual de se formar profissionais comprometidos com a boa relação médico-paciente, ou seja, profissionais que, além do conhecimento técnico e científico e das especializações associadas, sejam especialistas principalmente em gente. Dessa forma, reitera-se o quão é importante este contato direto do médico em formação com as ações de promoção à saúde na comunidade.

REFERÊNCIAS

ALLEN J. et al. **Definição europeia de clínica geral e medicina familiar**. Wonca – Europa, 2002. Disponível em: <<http://www.woncaeurope.org/sites/default/files/documents/European%20Definition%20in%20Portuguese.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014

BRASIL. **Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) no Brasil 2011-2022**. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BUSS, P. M. **Promoção da saúde e qualidade de vida**. Ciência & Saúde Coletiva, 5(1):163-177, 2000.

GUSSO, G.; LOPES, J. M. C. Et al. **Tratado de medicina de família e comunidade: princípios, formação e prática**. Vol. I e II. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. **Atenção à saúde do adulto: hipertensão e diabetes**. Belo Horizonte: SAS/MG, 2006.

OMS. **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)**. Nova York, 1946. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>>. Acesso em: 23 mar. 2014

VASCONCELOS, E. M. **Educação popular e a atenção à saúde da família**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

COMO CITAR ESTE RELATO:

SANTOS, Alesson Rodrigo Santos e; CASTRO, Thiago Alves de. Promoção da saúde por meio de orientação nutricional e atividades físicas com enfoque na hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus no bairro José e Maria. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 11-17, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 1 abr. 2014.

Aceito em: 27 ago. 2014.

Terapias complementares em pessoas vivendo com HIV/Aids: a enfermagem no auxílio a adesão ao tratamento

Carla Luzia França Araújo¹
Diana da Silva Gonçalves²
Fabiana de Mello Barros³
Tallyta Rodrigues Rocha⁴
Vanessa Damasceno Bastos⁵

¹ Doutora em Saúde Coletiva; Prof^a Adjunta Escola de Enfermagem Anna Nery / Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ; Coordenadora do LEPPA DST/ Aids – HESFA/ UFRJ. araujo.ufrj@gmail.com.

² Enfermeira. Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. silva.di@hotmail.com.

³ Graduanda em enfermagem - Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ. mellofabiana@ig.com.br.

⁴ Graduanda em enfermagem – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ. tallyta.rodrigues@hotmail.com.

⁵ Enfermeira. vdb.enf@gmail.com.

RESUMO

O presente relato discorre sobre a experiência do projeto de extensão Terapias Complementares em Pessoas vivendo com HIV/Aids: a enfermagem no auxílio a adesão ao tratamento, que conta com a participação de docentes e discentes da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua implementação se dá através de consultas de enfermagem com a utilização de terapia floral e aplicação de Reiki. O projeto tem como objetivo implementar a consulta em Terapia Floral e Reiki, construir espaço para a prática acadêmica de discentes de Graduação e Pós-Graduação; contribuir para a melhoria da adesão de PVHA ao plano terapêutico; e criar e organizar banco de dados sobre terapias florais, Reiki e PVHA atendidas. Atualmente são atendidas 42 pessoas em sua maioria mulheres, idade predominante de 30 a 57 anos e heterossexuais. Verifica-se expressiva melhora na qualidade de vida das PVHA após o início das terapias propostas.

Palavras-chave: Terapias complementares; Síndrome de Imunodeficiência Adquirida; Adesão à Medicação.

Complementary therapies for people living with HIV/ AIDS: nursing aid in treatment adherence

ABSTRACT

This present report talks about the experience of the extension project “Complementary Therapies in People living with HIV/Aids: the nursing helping in adherence to the treatment” with the involvement of teachers and learners of Anna Nery Nursing School in the Rio de Janeiro Federal University. This applications occurs through nursing consultation with the utilization of flower therapy and Reiki application. The project aim to implement consultation in flower therapy and Reiki, build a space to the academic practice of students in graduation and postgraduate, to contribute towards improving the adherence of PVHA to therapeutic; create and organize the database about flower therapy, Reiki an PVHA assisted. Currently are assisted 42 people are mostly women’s, predominant age in 30 at 57 years and heterosexual. We observed a significant improvement in the quality of life PVHA after the beginning of the therapies proposal.

Keywords: Complementary therapies; Acquired Immunodeficiency Syndrome; Medication adherence.

INTRODUÇÃO

A epidemia da Aids exige dos profissionais de saúde o desafio de repensar como cuidar e tratar o indivíduo considerando todas suas particularidades e vivências. O impacto da pandemia, desde seu surgimento, provocou mobilização social e política em toda parte do mundo a favor da prevenção, tratamento, direitos humanos, esclarecimentos a respeito do vírus e a doença quando instalada, além da busca por melhoria na qualidade de vida (QV) dos indivíduos infectados pelo HIV, impulsionando pesquisadores a buscarem respostas e soluções para o problema. (BRASIL, 2013).

Com o advento de novas classes de medicamentos e a combinação da mesma, a terapia antirretroviral combinada (Highly Active Antiretroviral Therapy – HAART) em conjunto com a distribuição de todos os medicamentos necessários ao tratamento de pessoas infectados pelo HIV gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o Brasil apresenta-se como primeiro país emergente a formular políticas públicas de acesso a terapias antirretrovirais (TARV) objetivando a supressão viral com retardo da imunodeficiência e recuperação quando possível da imunidade. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1996; BRASIL, 2008).

A disponibilidade e diversidade de recursos medicamentosos propõem otimismo terapêutico demandando adesão ao tratamento para sua efetividade, sendo essa definida como a corresponsabilidade de colaboração ativa e responsável do paciente com a intenção de um resultado positivo. Dessa forma, a Aids passou a ser considerada como uma doença crônica, propondo a desmistificação da sentença de morte diante o diagnóstico. (BRASIL, 2008).

As PVHA têm maior fragilidade em relação às condições de saúde e bem-estar, para auxílio na melhoria de sua QV, muitos têm buscado as terapias complementares (TC), essas que não substituem a TARV, mas amenizam seus efeitos e proporcionam melhor condição de vida e equilíbrio para o enfrentamento cotidiano (NETO et al., 2010).

A utilização de práticas integrativas e complementares em saúde foi proposta e orientada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) na década de 70 e clarifica o conceito de TC sendo essas as práticas de saúde oriundas de outras populações em países onde predomina o modelo biomédico de saúde. (SOUSA, 2012).

Medicina Tradicional (MT) é aquela proveniente de anos de teorias, crenças e experiências de uma cultura, como a Medicina Tradicional Chinesa, a Ayurveda Hindu, medicina unani árabe e práticas indígenas. Essas práticas possuem um campo de sistema médico complexo e de grandes recursos terapêuticos, em que abordam e impulsionam mecanismos naturais de prevenção e recuperação da saúde, por intermédio de tecnologias seguras e eficazes, voltadas para o acolhimento, desenvolvimento da aproximação terapêutica, a integração dos seres com o ambiente e a sociedade, além de possuir uma visão ampliada do processo saúde doença e promoção do cuidado humanizado (BRASIL, 2012).

Nesse contexto, foi criado o projeto de extensão Pessoas Vivendo com HIV/ Aids e a Terapia Floral: Ações para potencializar a adesão ao tratamento. Esse projeto é uma estratégia de enfrentamento as situações vivenciadas pelas PVHA em relação

à adesão ao plano terapêutico, a qualidade de vida e atuação de Enfermagem desta clientela a nível ambulatorial.

Referencial conceitual e legal das práticas complementares de saúde

A resolução COFEN 197/1997, reconhece e estabelece as Terapias Complementares em Saúde como especialidade e/ou qualificação do profissional de enfermagem, desde que, tenha concluído e obtido aprovação em curso reconhecido por instituição de ensino com carga horária mínima de 360 horas. (RESOLUÇÃO COFEN, 2001).

O Programa de Terapia Natural visa o bem estar e a melhoria da QV da população do estado do Rio de Janeiro no qual estimula os serviços a implantarem as terapias complementares; entre elas a terapia floral e o Reiki. (RIO DE JANEIRO, 2009).

O fundamento das TC, em que o indivíduo é visto como um ser dinâmico e complexo já é utilizado na enfermagem desde a época de Florence Nightingale, que cuidava dos pacientes considerando a influência do meio no qual esta inserido no processo saúde-doença. Essa teoria vislumbra as influências do ambiente e analisa o paciente como corpo e mente, interagindo energeticamente com o ambiente, descrita por Myra E. Levine (Teoria Holística) e Martha Rogers (Teoria do Modelo Conceitual do Homem) (ALCÂNTRA, 2011).

O cuidado humanizado se faz presente na implantação das terapias complementares, sua relevância na manutenção e recuperação da saúde é eficaz, pois é comprovada cientificamente, além de possibilitar uma ampliação no ato do cuidar. (CAXITO, 2011). A fim de elucidar as terapias em uso no projeto em tela, falaremos a seguir.

Os florais foram criados pelo inglês Edward Bach, médico especialista em bacteriologia e homeopatia, teve uma intensa jornada de trabalho na guerra, onde observou que o estado emocional dos pacientes exercia influência na recuperação física dos pacientes. Em 1917, descobriu que adquiria uma enfermidade fatal, então se trancou por um período em seu laboratório, vivenciando um equilíbrio emocional, percebeu que estava curado. Com o decorrer dos anos passou a trabalhar em um hospital Homeopático como patologista e bacteriologista, onde assimilou suas experiências vivenciadas lá com suas idéias, criando vacinas orais. No período de 1930 a 1934, desenvolveu pesquisa e descobriu os 38 florais utilizados pelo Sistema de Bach. Faleceu em 1936 e deixou um profundo conhecimento que serve de base para todos os sistemas florais em uso no mundo (BACH, 2006).

Os florais de Bach são essências extraídas das flores que tratam as alterações da personalidade e não do corpo físico, valorizam a nossa essência, trazendo o equilíbrio de volta ao sistema, é um complemento elaborado e ordenado em flores e outras partes de vegetais, minerais e radiações, obtidas pelo método de extração solar, ambiental, em seguida as flores são colocadas na água. Eles têm o propósito de harmonizar o corpo emotivo, espiritual e mental. A terapia Floral faz parte de um campo em desenvolvimento, em ações não invasivas Os florais podem ser utilizados concomitantemente a outros tratamentos, pois não provocam efeitos colaterais e/ou

adversos (SALLES, 2012).

Em relação ao Reiki, o seu estudioso foi Mikao Usui que no início do século XX, através da análise de sânscritos tibetanos propôs um sistema de cura pela imposição das mãos. Após ter acesso a essa energia, dedicou toda sua vida a transmiti-la (ALLIANCE; REIKI, 2013). O Reiki, palavra japonesa que significa “energia vital universal”. Essa energia se encontra em todos os lugares e sua transmissão consiste no toque das mãos sobre o corpo onde é capaz de fluir o Reiki. Esta prática tem como objetivo de reenergizar a pessoa para que ela alcance os equilíbrios mental, espiritual e físico (FARRARESI, 2013).

Para que a pessoa seja capaz de transmitir o Reiki, é necessária uma iniciação, que deve ser feita por um Mestre em Reiki, oralmente e está dividido em 03 níveis. Quando uma pessoa é iniciada em Reiki ela é capaz de fluir a energia vital universal por suas mãos. As sessões de Reiki devem ter duração de 60 a 90 minutos e sensações como calor, frio, formigamento entre outras são comuns em algumas pessoas outras podem não sentir nada, é importante que sejam feitas sessões contínuas, para o sucesso do tratamento (FARRARESI, 2013).

OBJETIVOS DO PROJETO

Os objetivos do projeto são: Implementar a consulta em Terapia Floral e Reiki para PVHA. Neste propósito, é oferecido acesso as PVHA ao atendimento com terapia floral e Reiki. Estamos em processo de construção de espaço para a prática acadêmica de discentes de Graduação e Pós-Graduandos; além de contribuir para a melhoria da adesão de PVHA ao plano terapêutico. Concomitante as estas ações estamos criando um banco de dados sobre terapias florais, Reiki e PVHA, que servirão de base para a realização de estudos científicos na área.

RELATO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PROJETO

As consultas em Terapia Floral e Reiki foram iniciadas em março de 2013 após realização de um processo de divulgação em Organizações não-governamentais (ONG/Aids) onde foi apresentado o projeto, a proposta de atendimento e esclarecimentos sobre as práticas complementares em saúde e sua aplicação junto a PVHA, principalmente em relação ao Reiki e terapia floral. Este processo se deu com a participação de graduandos de enfermagem previamente capacitados nestas terapias. Paralelamente, foram organizados os instrumentos utilizados na consulta dentre eles: roteiros de anamnese, termo de esclarecimento e responsabilidade na implementação da terapias e o WHOQOL-HIV brief, um questionário em português criado pela OMS que avalia de forma individual a QV de PVHA contando com questões iniciais sobre de caracterização da pessoa e 31 questões múltipla-escolha que avaliam a QV questões divididas em seis domínios: físico, psicológico, nível de Independência, Relações Sociais, Meio Ambiente, Espiritualidade/Religião/Crenças Pessoais, além de termos de consentimento livre e esclarecido. Quando necessário os familiares também são incluídos no grupo para o tratamento, visto que ao vislumbrarmos o ser como um todo o ambiente familiar deve ser considerado.

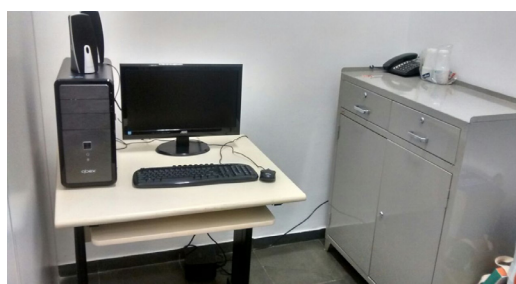
A partir da demanda, as consultas são agendadas semanalmente para aqueles que fazem Reiki e mensalmente para a consulta em Terapia Floral, com uma duração

aproximada de 60 minutos cada consulta.

Todos os sujeitos são esclarecidos sobre os procedimentos das terapias, os objetivos do projeto e assinam em duas vias o termo de ciência e consentimento sobre o tratamento a ser implementado e autorização para a utilização dos dados no banco de dados em construção. Como critério de inclusão é necessário que a PVHIA comprove que está em tratamento regular em uma unidade de saúde. Esta obrigatoriedade se justifica pelo fato das terapias não serem substitutivas ao tratamento convencional com antiretrovirais.

Os atendimentos são realizados no espaço Programa Integrado Pesquisa Assistência (PIPA) que é amplamente propício ao processo de cuidado proposto. O PIPA é um espaço destinado ao desenvolvimento de projetos que tenham interface da assistência com a pesquisa. Para tanto, o ambiente atua como fator significativo no processo do cuidado. O espaço foi decorado para esse fim e utiliza essências florais ambientais, climatização e músicas relaxantes. A organização em sua área esta da seguinte maneira:

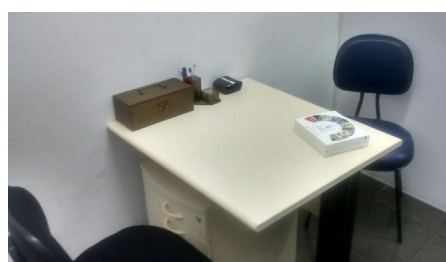
- **Sala de recepção e espera:** Localizada na entrada do espaço PIPA com assentos para acomodar os clientes na espera do atendimento e um computador para coleta e armazenamento de dados.



Figuras 1a e 1b: . Sala de recepção e espera, ao lado o computador onde está sendo armazenado o banco de dados.

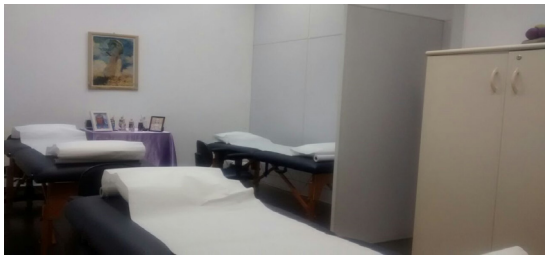
- **Sala de atendimento:** Local onde são realizadas as consultas de Enfermagem pela Prof.^a Dr.^a Carla Araújo e discentes que atuam no projeto. Neste espaço são aplicados os instrumentos de anamnese no qual são extraídas informações sobre o estado geral e emocional do cliente. Após está anamenese são feitas as indicações das essências florais e esclarecidos todos os aspectos que envolvem a participação no projeto. Todos os clientes que optam pela terapia floral recebem as essências gratuitamente.

No momento estamos introduzindo os diagnósticos de Enfermagem que irão contribuir na descrição da evolução e acompanhamento do processo terapêutico dos clientes. As consultas são realizadas semanalmente, todas terça-feira de 8 às 17h.



Figuras 2a e 2b: Sala de atendimento e a caixa de armazenamento das essências florais.

- Sala para a aplicação do Reiki: ambiente tranquilo e harmonioso com três macas distribuídas na sala para aplicação de Reiki.



Figuras 3a e 3b: Sala de aplicação do Reiki com três macas e material utilizado durante a aplicação.

A consulta de enfermagem se inicia com a coleta de dados, sobre suas história e experiências anteriores. No desenvolvimento do projeto temos identificados relatos da experiência dos clientes com a aplicação do Reiki. Existem relatos de sensação de calor nos locais da aplicação, sensação de bem-estar e relaxamento, tontura momentânea e a visualização de quadros mentais de lugares e pessoas. Os clientes relatam a confiabilidade nas terapias implementadas e as alterações no estado de espírito, corpo e mente no decorrer do tratamento.

Atualmente o projeto atende 42 clientes sendo 83,33% mulheres e 16,66% homens com idades de 17 a 57 anos, tendo como maioria a faixa etária de 48 a 57 anos (44,44%). Quanto ao estado civil 44,44% declaram-se solteiros, seguido por 22,22% viúvas, 16,66% casados ou em união estável e 11,11% divorciados. Em relação à escolaridade 33,33% possui o 2º grau, 27,77% possuem o 1º grau, 22,22% 3º grau, 11,11% são analfabetos e 11,11% não informaram seu grau de escolaridade. Em relação ao estágio no tratamento do HIV, 38,88% são assintomáticos 55,54% possuem a doença estabelecida e 5,55% não informaram. O tempo de diagnóstico variou entre 1 a 22 anos sendo esse último o ocorrido em 11,76% dos clientes.

O ato de cuidar perpassa a identificação de sinais e sintomas clínicos demandando atenção às modificações dos seres humanos em sua totalidade. (FREITAS, 2014). Desde o início dos atendimentos é notório o interesse e envolvimento das PVHA com aspectos da vida cotidiana e com o estudo/trabalho, além melhoria de aspectos que envolvem a qualidade de vida. Até o momento temos quatro clientes que voltaram ao trabalho e duas voltaram a estudar. Os questionários de QV estão em processo de tabulação e análise, sendo objeto de outro artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as práticas integrativas como estratégia adicional na promoção ao cuidado em saúde e de possibilitar a clientela um tratamento complementar que melhore sua forma de vivenciar a condição de soropositividade para o HIV, a sua adesão a TARV e melhoria na qualidade de vida, os objetivos do projeto têm sido alcançados, evidenciando a partir da análise dos questionários WHOQOL-HIV Bref que antes de iniciar as terapias propostas (Reiki e Floral) as PVHA apresentaram piores resultados nos domínio físico, que trata sobre dor e desconforto; energia e fadiga; sono e repouso; e sintomas de PVHA. Tais resultados vão de encontro à literatura nacional e internacional evidenciando grande incomodo com as alterações físicas aumentando a busca por métodos de melhorar esses aspectos de vida.

Ao longo do tratamento observou-se expressiva melhora em relação à percepção de si, inclusão no processo de cuidar, participação no tratamento, sentimento de aceitação, vontade de viver e melhorar as condições de vida o que traduz em notória melhoria na qualidade de vida dessas pessoas. A adesão ao projeto é de 80% e a taxa de absenteísmo está em torno de 20%.

Como espaço de formação acadêmica, as atividades do projeto têm proporcionado a discente de graduação e pós-graduação, terreno fértil para a construção de objetos de pesquisas e desenvolvimento de habilidades no atendimento com terapias complementares. Além de fortalecer a visão integral do ser humano e as possibilidades de inclusão destas terapias como tecnologias de cuidado na implementação da assistência de enfermagem nos diversos níveis de atenção.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTRA, Marcos Roberto. Teorias de Enfermagem: a importância para a implementação da sistematização da Assistência de Enfermagem. **Rev. Cie. Fac. Edu. Mei. Amb.**, v. 2, n. 2, p. 115-132, maio/out., 2011. Disponível em: <<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/99/78>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

BIBLIOTECA VIRTUAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Universidade de São Paulo**: Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) - 1946. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omsho.html>>. Acesso em: 07 mar. 2014.

BACH, E. **Os remédios florais de Dr. Bach**. 19. ed. São Paulo: Pensamento, 2006.

CARNEIRO, A. K. J. **Avaliação da qualidade de vida dos pacientes com sorologia positiva para HIV, acompanhados ambulatorialmente no Instituto de Infectologia Emílio Ribas**. São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=568901&indexSearch=ID>>. Acesso em: 06 jun. 2014

CAXITO, Samyra Mara Coelho et al. Práticas alternativas e complementares: conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária. **Cadernos de Ciência e Saúde**, v. 1, n. 1, jan.-jun., 2011. Disponível em: <http://www.fasa.edu.br/images/pdf/cadernos_saude_volumel.PDF>. Acesso em: 07 mar. 2014.

FERRARESI, Martina; CLARI, Roberta; MORO, Irene. Reiki and related therapies in the dialysis ward: an evidence-based and ethical discussion to debate if these complementary and alternative medicines are welcomed or banned. **BMC Nephrol.**, v. 14, n. 129, 2013. Disponível em: <<http://www.biomedcentral.com/1471-2369/14/129>>. Acesso em: 29 ago. 2014.

FREITAS, Tiago Luan Labres de; MAESTRI, Eleine; MOSER, Denise Consuelo; LAZZAROTO, Pamela Karin. Ações extensionistas voltadas ao cuidado de quem cuida frente ao Processo de Morte e Morrer. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 10-17, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/viewFile/401/182>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Departamento de DST, AIDS e hepatites Virais**. Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **História da Aids**. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic_atitude_ampliacao_acesso.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2014.

NETO, J. F. R.; LIMA, L. S.; ROCHA, L. F.; LIMA, J. S.; SANTANA, K. R.; SILVEIRA, M. F. Uso de práticas integrativas e complementares (PIC) por pacientes adultos infectados com o vírus da imunodeficiência humana (HIV), no norte de Minas Gerais. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 34, n. 1, p. 159-172, jan./mar. 2010. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/viewFile/25/25>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL-SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Lei nº. 9.313, de 13 nov. 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19313.htm>. Acesso em: 07 fev. 2013.

RESOLUÇÃO COFEN-197/1997. **Conselho Federal**. Estabelece e reconhece as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem. Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo (COREn-SP). São Paulo: Documentos básicos de enfermagem: enfermeiros, técnicos, auxiliares, p. 159-60, 2001. Disponível em: <http://www.portaldafenfermagem.com.br/legislacao_read.asp?id=292>. Acesso em: 12 jun. 2014.

RIO DE JANEIRO (Estado). Lei nº. 5.471 de 10 de junho de 2009. Estabelece no âmbito do estado do Rio de Janeiro a criação do programa de terapia natural. **Diário Oficial do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 10 de junho de 2009. Disponível em: <<http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/711749/lei-5471-09>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

SALLES, Léia Fortes; SILVA, Maria Júlia Paes. Efeito das essências florais em indivíduos ansiosos. **Acta Paul. Enferm.**, v. 25, n. 2, p. 238-242, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3070/307023884013.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2014.

SOUSA, Islândia Maria Carvalho de et al. Práticas integrativas e complementares: oferta e produção de atendimentos no SUS e em municípios selecionados. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 11, nov. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2012001100014&lng=en&nrm=i>

so>. Acesso em: 19 jun. 2014.

USUI, Shiki Ryoho. Learning Reiki. Reiki Alliance. Disponível em: <<http://www.reikialliance.com/en/article/usui-shiki-ryoho>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

ARAÚJO, Carla Luzia França; GONÇALVES, Diana da Silva; BARROS, Fabiana de Mello; ROCHA, Tallyta Rodrigues; BASTOS, Vanessa Damasceno. Terapias complementares em pessoas vivendo com HIV/Aids: a enfermagem no auxílio a adesão ao tratamento. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 18-26, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 31 mar. 2014.

Aceito em: 10 out. 2014.

Visita domiciliária na atenção a usuários de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio De Jesus- BA

Jaqueline da Silva Santos¹
Ana Claudia Lobo Borges²
Vânia Sampaio Alves³

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Estudante Bolsista do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET-Saúde Rede de Atenção Psicossocial, cuidado aos usuários de álcool, crack e outras drogas. uelinesantos27@gmail.com.

² Especialista em Saúde Pública, Assistente Social do Centro de Atenção Psicossocial Nova Vida, Preceptora do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET-Saúde Rede de Atenção Psicossocial, cuidado aos usuários de álcool, crack e outras drogas. lobo.ac@hotmail.com.

³ Doutora em Saúde Pública, Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Tutora do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET-Saúde Rede de Atenção Psicossocial, cuidado aos usuários de álcool, crack e outras drogas. vaniasalves@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência da visita domiciliária na atenção a usuários de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus-Ba. Esta prática constituiu uma intervenção proposta pelo PET-Saúde com o propósito de promover a articulação entre profissionais da Atenção Básica e do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Foram realizadas visitas domiciliárias a quatro usuários que haviam interrompido atendimento no CAPS AD e duas oficinas com profissionais das equipes da Unidade de Saúde da Família e do serviço de saúde mental. A partir da análise dessa vivência registrada em diário de campo, identificou-se a potencialidade dessa estratégia para a atenção aos usuários de álcool e outras drogas, a educação permanente e a estruturação de uma rede integrada de cuidados. Por fim, destaca-se a contribuição do PET-Saúde para a formação e qualificação de estudantes e profissionais de saúde.

Palavras-chave: Álcool e outras Drogas, Visita Domiciliária; Atenção Psicossocial; Atenção Básica

VISIT FAMILY HOME IN ATTENTION USERS OF ALCOHOL AND OTHER DRUGS IN THE CITY OF SANTO ANTONIO OF JESUS- BA

ABSTRACT

This paper aims at describing the home visit in attention to users of alcohol and other drugs in Santo Antônio de Jesus-Ba. This practice constituted an intervention proposed by PET-Health with the purpose of promoting links between professionals of Primary Care and the Centre for Psychosocial Care (CAPS). Home visits to four users who had discontinued treatment at CAPS AD and two workshops with professional teams of the Family Health Unit and the mental health service visits were made. From the analysis of this experience recorded in a field diary, we identified the potential of this strategy for attention with users of alcohol and other drugs, continuing education, and the structuring of an integrated network of care. Finally, we highlight the contribution of PET-Health for training and qualifying students and health professionals.

Keywords: Visit Domiciliary; User alcohol and other drugs; Psychosocial Care; Family Health

INTRODUÇÃO

O projeto de intervenção intitulado “Visita domiciliária na atenção a usuários de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus- Ba” consistiu em uma prática desenvolvida por um grupo de aprendizagem tutorial do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - Rede de Atenção Psicossocial, cuidados aos usuários de álcool, crack e outras drogas (PET-Saúde AD) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Santo Antônio de Jesus.

O PET-Saúde AD é um programa que possibilita a inserção de graduandos em serviços de saúde, propiciando uma maior apropriação e reflexão sobre o fenômeno das drogas. Nesse sentido, contribui para reestruturação da rede de atenção em saúde no município de Santo Antônio de Jesus, particularmente da rede de atenção psicossocial para cuidados de usuários de álcool, crack e outras drogas.

A visita domiciliária pode ser definida como uma estratégia de cuidado que envolve técnicas, procedimentos e intervenções. O termo “visita domiciliar” é frequentemente utilizado com significado semelhante ao de “visita domiciliária”, ainda que autores como Egry e Fonseca (2000, p. 236) ressaltem alguma diferença de significado entre as expressões:

O vocábulo exato para designar esse procedimento é Visita Domiciliária porque [...] o DOMICILIAR é um verbo transitivo direto. Significa dar domicílio a; recolher em domicílio; fixar residência ou fixar domicílio, enquanto que o DOMICILIÁRIO é um adjetivo relativo a domicílio, feito no domicílio e cujo feminino é domiciliária.

No contexto da Atenção Básica, a Visita Domiciliária (VD) é um recurso utilizado pelas Equipes de Saúde da Família (ESF) como um serviço estruturado a partir do território. Trata-se de uma estratégia de atenção no domicílio em que é possível conhecer as condições socioeconômicas, o contexto familiar e outras formas de suporte para construção de um cuidado corresponsável.

Este serviço de atenção no domicílio tem potencialidades, como: facilitar o acesso a informações; intervir em possíveis fatores de risco, fortalecer fatores de proteção, possibilitar atenção e o cuidado com os usuários e familiares (ALVES; SANTOS, 2007).

Enquanto estratégia de cuidado, a visita domiciliária pode ser promotora da continuidade da assistência, à medida que aproxima usuários do serviço, favorece o acolhimento e estabelecimento de vínculo, permite identificar diferentes razões de não comparecimento ao serviço ou dificuldades de adesão ao tratamento (CHIAVERINI, 2011).

Pensando na continuidade do cuidado, o presente trabalho buscou explorar a potencialidade da visita domiciliária para a educação permanente em saúde e o fortalecimento da rede de cuidados. Nessa direção, o projeto “Visita domiciliária na atenção a usuários de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus- Ba” foi elaborado por um grupo de aprendizagem tutorial do PET-Saúde AD a partir da articulação com a atenção básica, envolvendo a participação de profissionais do Centro de

Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS-AD) e de uma equipe de saúde da família atuante no território da intervenção.

Assumiu-se a Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas (BRASIL, 2004) como referência norteadora da intervenção. Assim, estruturaram-se os seguintes eixos de ação: 1) Acolhimento à singularidade como prática de saúde; 2) Redução de Danos com uma abordagem usuário-centrada, reconhecendo possibilidades e escolhas; e 3) a Construção de Redes de Suporte Social, construindo a ação de redução de danos no território, com mobilização de diferentes serviços.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência de realização de visita domiciliária na atenção a usuários de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus- BA.

METODOLOGIA

A proposição do projeto de intervenção resultou de um processo formativo e de reflexões sobre a realidade dos serviços que integram a rede de atenção psicossocial no município Santo Antônio de Jesus – Bahia. Durante três meses, semanalmente, realizou-se estudo teórico com os integrantes do PET-Saúde AD: graduandos de enfermagem (7) e de psicologia (7); profissionais da rede de atenção psicossocial que desempenham preceptoria no programa (6) e tutores do programa, docentes dos cursos de enfermagem, psicologia e bacharelado interdisciplinar em saúde (4). Nas reuniões, foram discutidos textos sobre a Política de Atenção Integral a usuários de Álcool e outras Drogas, o histórico das políticas e práticas de saúde mental no Brasil, os Centros de Atenção Psicossocial e o Núcleo de Apoio à Saúde da Família; os modelos de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas; as relações entre saúde mental e atenção básica, apoio matricial e o uso do diário de campo em pesquisa e extensão.

Considerando as atividades dos serviços que compõem o cenário de prática do PET-Saúde AD na UFRB (CAPS II, CAPS AD e Ambulatório de Saúde Mental), a formação de grupos de aprendizagem tutorial, constituídos na proporcionalidade um tutor, um preceptor e dois estudantes, buscou atender aos princípios de interdisciplinaridade e interprofissionalidade. Sendo assim, o grupo envolvido na elaboração e desenvolvimento do projeto de visita domiciliária na atenção a usuários de álcool e outras drogas foi composto por duas estudantes de graduação em enfermagem, uma assistente social (preceptora) e uma psicóloga (tutora).

Na inserção nos cenários de prática, os grupos de trabalho do PET-Saúde AD desenvolveram atividades previamente planejadas, que compreenderam: acompanhar atendimentos realizados por profissionais do serviço, inclusive no território; participar da realização de oficinas, grupo terapêutico ou outras atividades educativas com os usuários; interagir com usuários e familiares nos espaços de convivência dos serviços; realizar leitura e análise de prontuários de usuários inscritos no serviço.

Entretanto, cada grupo, ao longo do processo de vivência na rotina dos serviços, definiu um plano de trabalho. Trata-se de um projeto de intervenção estruturado a partir da inserção nos serviços e interação com seus atores (profissionais, usuários e familiares) e da articulação com o estudo teórico realizado no período formativo.

Dentre os planos assim elaborados, tem-se o que assume como proposição a “Visita domiciliária na atenção a usuários de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus- Ba”, o qual foi desenvolvido durante o período de agosto a dezembro de 2013. O projeto definiu como público alvo usuários inscritos no CAPS AD que haviam deixado de frequentar o serviço a despeito da programação de atendimentos.

O município, no qual a intervenção foi desenvolvida, possui uma população de cerca de 100 mil habitantes e 23 unidades de saúde da família (USF). A USF da área adstrita ao CAPS-AD foi selecionada para desenvolvimento conjunto da intervenção. Como critério de seleção considerou-se, principalmente, o acesso sem a necessidade de uso de transporte, proximidade do CAPS AD e o acompanhamento dos usuários participantes da intervenção pela equipe dessa USF.

O nosso cenário de prática, o CAPS-AD, atende a população de Santo Antônio de Jesus e de municípios circunvizinhos. Com a leitura sistemática de um total de 600 prontuários, verificamos que desses usuários, 15 eram vinculados à USF selecionada. Identificados estes usuários, realizamos juntamente com a equipe de saúde da família o agendamento das visitas no endereço, através do ACS e pelo telefone, para confirmação.

Os profissionais da USF, particularmente, os agentes comunitários de saúde, foram convidados a participar ativamente da intervenção. Para tanto, utilizaram-se metodologias participativas para mobilizar a equipe de saúde para o trabalho.

Realizamos duas oficinas, a primeira no início do projeto com o tema “Roda de conversa: Parceria Saúde mental e USF pelo cuidado compartilhado” para apresentação e discussão dos objetivos da estratégia de VD e planejamento da ação. Uma segunda oficina ocorreu ao final da atividade para discussão dos resultados alcançados com a participação das equipes da USF e CAPS AD.

Adotou-se o diário de campo com técnica para o registro da intervenção. Para análise da experiência, procedeu-se uma leitura sistemática dos diários de campo produzidos para a descrição dos principais resultados alcançados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos diários de campo possibilitou uma reflexão acerca da estratégia de visita domiciliária na atenção a usuários de álcool e outras drogas. De um total de 15 usuários atendidos pelo CAPS AD vinculados à USF selecionada que haviam deixado de frequentar o serviço de saúde mental no período de desenvolvimento da atividade, um estava internado em um centro de recuperação e dois residiam na zona rural. Com o trabalho em equipe, buscamos meios de contato com os usuários no endereço residencial, através de telefone e/ou pelo ACS. Como resultado dessa tentativa de contato com os usuários faltosos às atividades do CAPS AD, identificaram-se quatro sujeitos/famílias para realização da visita domiciliária.

Consideramos o número de famílias visitadas significativo, uma vez que a proposta era de trabalhar a visita domiciliária como estratégia de cuidado continuado e, ainda, a potencialidade dessa estratégia para a educação permanente das equipes de saúde envolvidas. Essa proposta de intervenção implicou a construção de saberes atra-

vés da discussão a respeito da dinâmica do serviço, da rede de cuidados, do consumo e do uso prejudicial de substâncias psicoativas no contexto familiar, das necessidades de saúde da população, do processo de trabalho das equipes de saúde da família e do serviço de saúde mental. Todos esses aspectos foram problematizados durante as oficinas de mobilização efetuadas com as equipes de saúde e ao longo do processo de intervenção.

As VD foram realizadas semanalmente com duração de, no máximo, duas horas e com periodicidade de até três encontros por sujeito/família. Essas visitas contaram com a participação do Agente Comunitário de Saúde (ACS) de referência da família, facilitando a interação e receptividade de usuários e familiares.

O acompanhamento dos ACS através das visitas domiciliares representa um componente facilitador para a identificação das necessidades de saúde, considerando que esses profissionais observam a situação no domicílio e o contexto das famílias, conversam com as pessoas para aprofundar o conhecimento sobre a situação observada, orientam sobre atitudes promotoras e protetoras de saúde, encaminham para atendimento e informam aos demais profissionais da equipe quanto às situações de maior risco (AZEREDO, 2007).

Para realização da VD, seguindo as recomendações de Egry e Fonseca (2000), que destacam possíveis ações para a abordagem no contexto domiciliar – entrevista, observação sistematizada e intervenção orientada/ participativa –, elaboramos um roteiro para subsidiar o encontro com usuários/famílias no domicílio, agregando a este instrumento aspectos emergentes da revisão de literatura e do trabalho de campo. O roteiro semiestruturado elaborado para a VD pauta-se na avaliação do estado de saúde geral como forma de aproximação entre trabalhador de saúde-usuário do serviço.

Na primeira VD, com o objetivo de promover uma aproximação com o usuário/família, abordaram-se o estado de saúde geral, as formas de suporte na comunidade e a percepção dos sujeitos acerca da VD. As informações coletadas na primeira visita eram norteadoras do planejamento das subsequentes. Na segunda visita, poderia haver o estabelecimento de cuidados para acompanhamento com a família no terceiro encontro. Em conformidade com as recomendações de Egry e Fonseca (2000, p. 237), buscamos através de questões orientadoras incorporar como sujeitos observadores ao processo de vida dessas famílias definimos “responsabilidade compartilhada e construção conjunta na intervenção no processo saúde-doença da família” (EGRY, 1996 apud EGRY; FONSECA 2000, p. 237).

A cada visita, fez-se uma avaliação dos objetivos pretendidos e das formas de abordagem. As intervenções propostas consistiram em práticas de cuidados condizentes com a assistência na Atenção Básica: cuidado do estado de saúde geral, integração ao Acompanhamento de Crescimento e Desenvolvimento Infantil de filhos; vinculação ao Programa de Hipertensão e Diabetes; orientação para saúde sexual e reprodutiva; informações sobre o uso racional de medicamentos, articulação com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e promoção de cuidados de forma integrada à rede de atenção psicossocial. Ressalta-se que a despeito do fato dos usuários contemplados pela estratégia da VD encontrarem-se inscritos no CAPS AD para tratamento de transtornos relacionados ao uso de álcool e outras drogas, esta questão não se fez central na abordagem aos sujeitos/famílias visitados. Este dado permite reconhecer o consumo abusivo de álcool e outras drogas como um problema de saúde relevante, mas não

exclusivo. O acompanhamento dos usuários de álcool e outras drogas e suas famílias no território precisa, portanto, proporcionar uma abordagem integral às necessidades de saúde desses sujeitos.

Preconiza-se que o ACS realize no mínimo, uma visita mensal por família da área de abrangência, sendo que, quando necessário, estas podem ser repetidas de acordo com as situações determinantes de cada realidade. Em situações prioritárias, o enfermeiro(a) pode acompanhá-lo (AZEREDO, 2007). Entretanto, quando se trata da atenção ao usuário de álcool e outras drogas, as Equipes de Saúde da Família (EFS) acabam confrontando-se com algumas dificuldades para realização da visita domiciliar. De acordo com Ronzani (2014, p. 8),

Uma das razões que interferem diretamente no cuidado de dependentes de álcool e outras drogas é o estigma, que faz com que os usuários sejam vistos como perigosos, violentos e únicos responsáveis pela sua condição. Diversas razões podem justificar a estigmatização do uso de drogas por parte dos profissionais de saúde, incluindo o fato de que, muitas vezes, o consumo de drogas não é visto como um problema de saúde, mas como falha de caráter, fazendo com que seja atribuída ao usuário a responsabilidade pelo aparecimento e pela solução do seu problema. Tal postura restringe as possibilidades de acolhimento e acesso para pessoas que apresentam problemas com o uso de drogas.

A partir das VD realizadas, foi possível identificar uma fragilidade na relação entre as equipes da USF e do CAPS AD, particularmente no que tange à atenção ao usuário de álcool e outras drogas. Os ACS realizam periodicamente visitas domiciliares em seu território de atuação, voltando-as para o acompanhamento de calendário vacinal, pré-natal, pessoas com hipertensão/diabetes, usuários restritos ao leito/dificuldade de locomoção. A abordagem aos usuários faltosos do CAPS AD, em parceria com os integrantes do PET-Saúde AD, possibilitou ampliação da escuta profissional para identificação dos motivos pelos quais esses sujeitos haviam interrompido o atendimento buscado no serviço de saúde mental, a saber: internação em centros de recuperação, distância do serviço, cárcere, óbito, rotina do trabalho, entre outros.

Com este trabalho de articulação entre a Saúde Mental e a Atenção Básica, fomentado pelo projeto de intervenção, identificou-se que apesar das equipes do CAPS AD e da USF atuarem no mesmo território ainda não haviam desenvolvido cuidado compartilhado. Inicialmente, os ACS entenderam a estratégia de visita domiciliar para a atenção a usuários de álcool e outras drogas como um demanda do CAPS AD, o que, somado ao preconceito e estigma relacionado ao fenômeno das drogas, resultou em certa hesitação quanto à participação na intervenção.

Com a implementação do projeto, mediante a realização das primeiras visitas domiciliares e as oficinas, os ACS relataram reconhecer a necessidade de fortalecimento da parceria entre a Atenção Básica e a Saúde Mental e de ferramentas facilitadoras da comunicação entre as equipes de saúde. Essa parceria figura, então, como indispensável para a ruptura com a “falta de informação e incentivo” e construção de uma visão diferenciada de consumidores de álcool e outras drogas, favorecendo a superação do medo de aproximação com esses sujeitos e suas famílias.

Esses relatos dos ACS são reveladores do compartilhamento “em forma de co

-responsabilização pelos casos, intervenções conjuntas junto às famílias e comunidades ou em atendimentos conjuntos, e também em forma de supervisão e capacitação” pelos diferentes dispositivos da rede de atenção à saúde. No que concerne à atenção aos usuários de álcool e outras drogas, esse compartilhamento do cuidado mostra-se de grande potencialidade para a construção de ação de redução de danos no território.

Em todo encontro entre um profissional de saúde e um usuário, operam-se processos tecnológicos que visam à produção de relações representadas pela escuta qualificada, responsabilizações mútuas, vínculos e compromissos para intervenção em saúde. As equipes de saúde, por sua vez, objetivam atuar sobre necessidades reais da comunidade em busca da produção da saúde ou o controle de doenças (SOUZA, 2008). Uma vez que o cuidado em saúde perpassa a produção de relações entre sujeitos, admite-se a relevância da qualificação do encontro entre profissionais e usuários para o resultado do cuidado. Nessa perspectiva, o acolhimento à pessoa que faz uso prejudicial ou não de álcool e outras drogas deve ser pautado na redução de danos, como política e prática de atenção aos transtornos que esse uso pode acarretar ao indivíduo, sua família e comunidade.

O desenvolvimento do projeto de intervenção proporcionou momentos para a educação permanente em saúde. Nas oficinas realizadas com as equipes do CAPS AD e da USE, discutiram-se temas relacionados ao consumo de álcool e outras drogas, a abordagem aos usuários e suas famílias, as possibilidades de articulação entre as equipes de atenção básica e de saúde mental, a estratégia da visita domiciliária. O roteiro elaborado para a realização das visitas domiciliárias foi disponibilizado para as equipes de saúde participante. Os ACS foram orientados a incluir questões para levantamento de dados sobre o consumo de álcool e outras nas suas atividades de rotina. A equipe técnica do CAPS AD também foi incentivada a buscar estabelecer uma relação mais estreita e articulada com as equipes da atenção básica, notoriamente com aquela com atuação no seu território mais imediato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência produzida a partir do projeto de intervenção “Visita domiciliária na atenção a usuários de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus- BA” proporcionou a vivência de uma prática para o acompanhamento do cuidado no território, bem como da potencialidade de momentos de educação permanente em saúde para a articulação desse cuidado na rede de atenção à saúde.

O roteiro elaborado para nortear as visitas domiciliárias consistiu, em realidade, em um instrumento de mediação do encontro com os profissionais e os usuários/famílias. Entre os profissionais, a apresentação do projeto de intervenção tornou possível iniciar uma discussão que resultou na oportunidade de reflexão sobre a rede de atenção à saúde, configurando-se, portanto, em um momento de educação permanente em saúde. O encontro com os usuários/família, por sua vez, permitiu evidenciar a existência de necessidades de saúde para além da problemática do consumo de álcool e outras drogas. Diante desses achados, admite-se ser a estratégia da visita domiciliária significativa para o acolhimento e integralidade do cuidado.

Tratando-se de um projeto de intervenção desenvolvido por um grupo de aprendizagem tutorial do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - Rede

de Atenção Psicossocial, cuidados aos usuários de álcool, crack e outras drogas (PET-Saúde AD), ressalta-se ainda a relevância dessa vivência para a aproximação de estudantes de graduação com as questões relativas ao cuidado aos usuários e suas famílias. Nessa direção, a experiência contribuiu para uma formação crítica e reflexiva sobre o tema, o desenvolvimento de habilidades comunicacionais, relacionais e assistenciais para uma atuação profissional compromissada com os princípios éticos e políticos que norteiam a construção de uma rede de atenção psicossocial orientada pela racionalidade da redução de danos.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. P.; SANTOS, S. S. C. Um olhar sobre o trabalho dos agentes comunitários de saúde: a visita domiciliar. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 21, n. 1, p. 71-79, 2007.

AZEREDO, Catarina Machado et al. Avaliação das condições de habitação e saneamento: a importância da visita domiciliar no contexto do Programa de Saúde da Família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 3, p. 743-773, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CHIAVERINI, D. H. **Guia de matriciamento em saúde mental**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

DELGADO, G. G. et al. A reforma psiquiátrica e política da saúde mental no Brasil. In: MELLO, M. F.; MELLO, A. A. F.; KONH, R. **Epidemiologia da saúde mental no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 39-83.

EGRY, E. Y.; FONSECA, R. M. G. S. A família, a visita domiciliária e a enfermagem: revisitando o processo de trabalho da enfermagem em saúde coletiva. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v. 34, n. 3, p. 233-239, 2000.

RONZANI, T. M. et al. **Reduzindo o estigma entre usuários de drogas: guia para profissionais e gestores**. Juiz de Fora: UFJF, 2014.

SOUZA, C. R. et al. A contribuição do enfermeiro no contexto de promoção à saúde através da visita domiciliar. **Revista da UFG**, v. 6, número especial, 2004. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/familia/G_contexto.html>. Acesso em: 8 jul. 2014.

SOUZA, E. C. F. Acesso e acolhimento na atenção básica: uma análise da percepção dos usuários e profissionais de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, supl. 1, p. 100-110, 2008.

ANEXO - ROTEIRO PARA VISITA DOMICILIÁRIA

- 1) Para usuários que frequentam o CAPS - Estabelecer contato com o usuário ainda no CAPSad para apresentação do grupo e discussão sobre a possibilidade da visita domiciliar (ver expectativas);
- 2) Para usuários faltosos – Estabelecer contato com o profissional de referência no CAPSad e com

o ACS da USF;

3) Programar as visitas (quando? frequência? periodicidade?)

Levantamento das necessidades dos usuários na percepção dos ACS

1º) Seleção de visitas por prioridade

2º) Coleta de dados por meio de fichas das famílias (Ficha A)

3º) Discussão do plano de visitas com os ACS

4º) Execução da visita:

a) Identificação do grupo e motivo da visita.

b) Investigar estado de saúde geral.

c) Perguntar como o usuário tem lidado com a família, sociedade e relação de trabalho – se existente.

d) Perguntar como está a relação com o CAPS ad (se tem frequentado, em caso negativo o porquê e pensar em alternativas de retorno, quais dificuldades em manter as atividades do CAPS ad?)

e) Perguntar sobre o motivo de vinculação com o CAPS ad (se está em uso da substância, se tem atrapalhado suas atividades, em caso positivo perguntar o que a pessoa pensa em fazer a respeito).

f) Perguntar sobre relação do usuário com a USF

g) Quando você(s) está(ão) com algum problema de saúde, onde é o primeiro lugar que buscam ajuda?

h) Existem outras formas de apoio na comunidade? Vínculo com outras instituições, como CRAS...

i) Perguntar a opinião sobre a visita domiciliar, relação com profissionais de saúde, receptividade em relação às visitas domiciliares.

j) Em relação ao convívio familiar, se está passando por algum conflito, perguntar como se sente e pretende lidar com essa situação.

k) Saber do familiar como tem lidado com a situação do usuário, se tem alguma dificuldade. O que a família espera em relação ao cuidado que o usuário recebe? A família se sente incluída no cuidado?

4º) Registro das informações colhidas durante a visita. Pensar em estratégias para atender as necessidades identificadas.

5º) Avaliação da visita: o que precisa melhorar; se atendeu aos objetivos prévios; existem novas metas?

COMO CITAR ESTE RELATO:

SANTOS, Jaqueline da Silva; BORGES, Ana Claudia Lobo; ALVES, Vânia Sampaio. Visita domiciliar na atenção a usuários de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus-BA. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 27-35, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 1 abr. 2014.

Aceito em: 27 ago. 2014.

Programa de Educação Tutorial: o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na construção de uma nova graduação

Paula Cristiana de Freitas¹
Elis Regina Duarte²

¹ Bolsista do Grupo PET de Engenharia Química UTFPR-PG; Aluna do curso de graduação Bacharelado em Engenharia Química da UTFPR. defreitas.paulac@gmail.com.

² Tutora do Grupo PET de Engenharia Química UTFPR-PG, Prof.ª Dr.ª do curso de graduação Bacharelado em Engenharia Química da UTFPR. erduarte@utfpr.edu.br.

RESUMO

O Programa de Educação Tutorial é um programa do Ministério da Educação (SESU/SECADI) e tem como principal desafio promover a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão dentro da Universidade com o objetivo de desenvolver o senso crítico e despertar, nos alunos participantes do programa e também nos seus colegas de graduação, habilidades que irão trazer um diferencial para o profissional formado. Diante da importância e do reconhecido sucesso do programa, a implantação deste num curso de graduação se torna uma experiência inovadora e desafiadora na construção de uma nova graduação. Este relato tem por objetivo demonstrar as atividades realizadas pelo grupo PET de Engenharia Química UTFPR-PG no ano de sua implantação e como estas estão contribuindo para o desenvolvimento do curso de Engenharia Química e de toda a comunidade acadêmica priorizando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Palavras chave: PET; Implantação; Indissociabilidade.

Tutorial Education Program: the principle of inseparability in the construction of a new graduate

ABSTRACT

The Tutorial Education Program is a program of the Ministry of Education (SESU / SECADI) and its main challenge to promote the dissociation of teaching, research and extension within the University in order to develop the critical sense and awaken in students participating in the program and also in their undergraduate colleagues, skills that will bring a difference to the trained professional. Given the importance and recognized success of the program, the implementation of this in a graduate course becomes an innovative and challenging experience in the construction of a new graduate. This report aims to demonstrate the activities of the Chemistry PET UTFPR-PG Engineering group in the year of its implementation and how these are contributing to the development of the Department of Chemical Engineering and the entire academic community.

Keywords: PET; Implantation; Integration.

INTRODUÇÃO

A Universidade, durante todo o processo da graduação, tem a missão de desenvolver alguns valores que são fundamentais na formação do profissional (SÉRGIO, 2010). A formação do graduando, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento crítico quanto ao estímulo da sua criatividade nas ciências, artes e no desenvolvimento humanista se faz pela indissociabilidade entre as atividades de produção, transmissão e socialização do conhecimento, ou equivalentemente a indissocia-

bilidade entre ensino, pesquisa e extensão (ANDRADE, 2010).

O Programa de Educação Tutorial (PET) é um programa do Ministério da Educação (MEC) e tem por objetivo apoiar grupos de alunos que apresentem potencial, interesse e habilidades de destaque no curso de graduação dentro da Instituição de Ensino Superior (IES). Com a tutoria de um docente, esse grupo de estudantes é orientado a desenvolver atividades que contribuem para o seu crescimento e dos demais colegas do curso de graduação, a partir do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Conforme o Manual do PET desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), o grupo tem como objetivo:

[...] Garantir aos alunos do curso oportunidades de vivenciar experiências não presentes em estruturas curriculares convencionais, visando a sua formação global e favorecendo a formação acadêmica, tanto para a integração no mercado profissional quanto para o desenvolvimento de estudos em programas de pós-graduação (BRASIL, 2006).

Atualmente, no Brasil, existem 842 grupos PET distribuídos entre 121 IES. Os primeiros grupos surgiram em 1979 com a criação do Programa Especial de Treinamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes e somente em 2004, sob a responsabilidade do Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior (DEPEM), o PET passou a ser identificado como Programa de Educação Tutorial (BRASIL, 2006).

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) é uma instituição Federal que nasceu em 1909 como Escola de Aprendizes Artífices, passando por várias transformações até que, em 2005, transformou-se em Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Com ampla abrangência no Paraná, a UTFPR possui 12 Campi no estado e pretende ampliar essa atuação. Cada campus mantém cursos planejados de acordo com a necessidade da região onde está situado. Conhecido o sucesso do programa PET e sua filosofia que é desenvolver formação de excelência com integração de docentes, discentes e a comunidade em projetos que abordem a pesquisa, ensino e extensão, e também o aspecto cultural, a instituição possui, em 2013, 14 grupos PET, envolvendo 123 alunos dos Campi Campo Mourão, Curitiba, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão, Londrina, Medianeira, Pato Branco e Ponta Grossa (UTFPR, 2013).

O curso de Engenharia Química da UTFPR – Ponta Grossa iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2010, tendo como principal proposta assumir o compromisso de disponibilizar no mercado de trabalho um profissional com competência para atuar na área de Engenharia Química, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Com o ideal de estimular continuamente os acadêmicos em propostas desafiadoras, foi encaminhado em atendimento ao Edital 11/2012 PET 2012 – MEC/SESu/SECADI o Programa de Educação Tutorial Engenharia Química UTFPR-PG, o qual foi aprovado e oficialmente criado no dia 21/12/2012. Após estruturação do espaço e seleção dos alunos, o início das atividades do grupo se deu a partir do mês de março, quando quatro acadêmicos foram selecionados através de edital específico, sendo cada um destes de diferentes períodos da graduação com o objetivo de promover um efeito multiplicador dentro do curso.

DESENVOLVIMENTO

O início das atividades do grupo PET Engenharia Química UTFPR-PG se deu com a palestra: PET Educação além da sala de aula, para divulgar a aprovação do Programa PET e divulgar o edital para seleção dos quatro primeiros Petianos, no mês de março de 2013.

O desenvolvimento das atividades do grupo pode ser dividido entre as áreas de ensino, pesquisa e extensão, conforme descrito abaixo, no período de março de 2013 a janeiro de 2014.

a) Ensino

As atividades de ensino foram idealizadas a partir do levantamento de dados sobre as principais necessidades encontradas pelos acadêmicos do curso de graduação em Engenharia Química.

Uma das atividades propostas pelo grupo foi a realização de Grupos de Estudo para a Graduação, a qual teve como objetivo combater a evasão por dificuldades de aprendizagem e contribuir para a redução nas taxas de reprovação. Para a realização desta atividade os Petianos realizaram um levantamento das disciplinas com maior índice de reprovação do núcleo básico dos cursos de Engenharias e das disciplinas específicas de Engenharia Química e, com o auxílio dos professores, realizaram grupos de estudos através de mini aulas expositivas e resolução de exercícios, alcançando resultados muito positivos expressos principalmente através de depoimentos dos participantes. Uma das atividades proposta foi um minicurso intitulado “Uso de Tabelas para Engenharia”, o qual envolveu alunos de diversos períodos, tendo sido realizadas dinâmicas para envolver os participantes bem como a resolução de aplicações simples que puderam ser compreendidas por acadêmicos de todos os períodos, demonstrando a importância da utilização correta dos dados de Tabelas, além de chamar a atenção para as unidades correspondentes e suas transformações. Essa atividade foi importante para realizar a coesão do grupo, demonstrar as dificuldades encontradas pelos acadêmicos e como o Grupo PET pode atuar de forma a contribuir para solucionar esse tipo de problema. O Grupo também realiza Atividades Integralizadoras, as quais têm por objetivo mostrar a indissociabilidade entre a teoria e a prática, integrando as disciplinas básicas e específicas através de exemplos práticos com intuito de facilitar o processo de aprendizagem e demonstrar áreas de atuação profissional. Para auxiliar o crescimento do curso, os Petianos também atuaram desenvolvendo materiais para serem utilizadas nas aulas práticas dos laboratórios de Engenharia Química, e Procedimentos Operacionais para os equipamentos presentes nos mesmos. Os participantes do programa PET também são chamados a auxiliar na organização de eventos com o objetivo de desenvolver o espírito empreendedor e de liderança na organização de eventos. Os Petianos participaram da organização da III SAEQ (Semana Acadêmica de Engenharia Química) e realizaram o primeiro Quiz PET-EQ, um jogo de perguntas e respostas com referência aos temas desenvolvidos durante a III SAEQ. O evento foi de grande importância, pois foi possível aproximar e despertar o interesse dos acadêmicos de Engenharia Química para os projetos ligados ao Programa de Educação Tutorial. O Quiz premiou apenas um ganhador com uma bolsa integral para 18 meses de ensino de inglês em uma escola de referência nacional.

Para despertar o interesse pela profissão do Engenheiro Químico, são realizadas visitas técnicas as empresas onde este pode atuar. Além disso, foi desenvolvido o levantamento do Perfil Profissional do Engenheiro Químico na Região dos Campos Gerais, com o objetivo de buscar as empresas existentes na Região dos Campos Gerais onde o Engenheiro Químico possa atuar. A partir do levantamento das empresas, foi possível caracterizá-las a partir do seu ramo de atuação e porte, identificando o perfil das indústrias instaladas na Região. A caracterização desse perfil foi apresentada durante a III SAEQ e, em conjunto com o desenvolvimento desse perfil industrial da região, foi também elaborado um Banco de Estágios para o curso de Engenharia Química, visando à verificação dos convênios existentes no portal de estágio da UTFPR e iniciando um banco de estágio próprio para o curso de Engenharia Química, com empresas regionais e nacionais. Além desse banco de estágios, foi desenvolvido um modelo de carta de apresentação para auxiliar os alunos que estão buscando um estágio.

O desenvolvimento do Banco de Estágios e do Perfil das Indústrias da Região dos Campos Gerais foram encaminhado para a Coordenação do curso de Engenharia Química do Câmpus Ponta Grossa para que sejam utilizados para o desenvolvimento de cursos de especialização e de disciplinas profissionalizantes voltadas para a demanda de profissional dessa Região.

b) Pesquisa

Os Petianos foram inseridos em projetos de pesquisa que visam à inovação tecnológica, atuando individualmente e de forma coletiva. O primeiro projeto de pesquisa em que estes foram inseridos foi um estudo para reutilização do óleo de fritura. Esse projeto teve como objetivo realizar um levantamento de resíduos de óleo de cozinha gerados pelo Restaurante Universitário (RU) da instituição e propor um processo para transformação desse resíduo em produto com valor agregado. Depois de vários estudos de parâmetros físico-químicos desse resíduo, os Petianos conseguiram identificar que o óleo apresenta propriedades que fazem com que este possa ser utilizado apenas para a produção de sabão.

Individualmente os alunos do grupo desenvolvem pesquisas com professores do curso de Engenharia Química, sendo elas: Extração assistida por ultrassom para determinação de Ferro em amostras ambientais; e Fabricação de Cerveja.

c) Extensão

“A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a Sociedade” (COORDENAÇÃO NACIONAL DO FORPROEX, 2007).

As atividades de extensão concedem a finalização de todas as atividades citadas até agora, mostrando de forma objetiva como o ensino e a pesquisa podem ajudar o profissional a desenvolver projetos que também visem o desenvolvimento da comunidade em que estão inseridos.

Pensando em atingir esses objetivos, no primeiro ano de atuação do grupo PET de Engenharia Química UTFPR-PG foram desenvolvidas as seguintes atividades:

- **Cursos abertos para comunidade e acadêmicos:** seu objetivo foi desenvolver cursos para colegas acadêmicos e comunidade e principalmente promover a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação nos processos educacionais. O primeiro curso ministrado foi o minicurso “Ferramentas Básicas da Calculadora Hp50g”, o qual teve uma grande procura não só pelos acadêmicos de Engenharia Química, mas também pelos acadêmicos dos demais cursos de Engenharia do Câmpus e também professores. Foi possível demonstrar aplicações práticas da calculadora nas disciplinas comuns de Engenharia. A atividade contou com a participação de 33 ouvintes que avaliaram a mesma com o parâmetro “Muito Bom” (69%). Os participantes puderam fazer críticas e sugestões, além de deixar seus comentários. Um dos ouvintes fez o seguinte comentário: “Parti de nenhum conhecimento sobre a HP e aprendi todas as funções apresentadas”, demonstrando que o curso trouxe bons resultados para a comunidade.
- **Recepção dos calouros:** seu objetivo foi facilitar a inserção dos alunos ingressantes no curso e integrá-los nas atividades desenvolvidas pelo curso e instituição. As atividades do grupo foram apresentadas em uma mostra de projetos realizada pelo Núcleo de Acompanhamento Psicopedagógico e Apoio aos Estudantes (NUAPE), durante a qual foram expostas aos acadêmicos ingressantes algumas das atividades promovidas pelo grupo. Foram distribuídos panfletos com contatos para que os calouros pudessem enviar dúvidas e sugestões, além de se interarem dos eventos que o grupo realiza.
- **Projeto Cultural:** teve por objetivo promover ações culturais entre os alunos da instituição. Os Petianos devem promover apresentações com artistas locais e também com alunos de Engenharia que desenvolvam alguma atividade cultural amadora. A primeira atividade cultural realizada pelo grupo foi a apresentação de um aluno de Engenharia Mecânica do próprio Câmpus que apresentou canções em tributo a banda Los Hermanos. A atividade ocorreu no horário do almoço, em frente ao RU, com o objetivo de alcançar o maior numero de pessoas possíveis. Nessa atividade foi possível também mostrar as atividades desenvolvidas pelo grupo.
- **Aulas de Reforço Ensino Técnico e Tecnológico:** esta atividade teve como objetivo auxiliar os estudantes do ensino médio e tecnológico com dificuldades de aprendizagem, de modo a melhorar o seu desempenho acadêmico.
- **Divulgação do curso de Engenharia Química nas escolas do ensino médio:** essa atividade foi realizada em escolas, mostras de educação da região dos Campos Gerais e também na feira das profissões realizada pela Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa (ACIPG) com o objetivo de demonstrar áreas de atuação do profissional formado em Engenharia Química e motivar os alunos a ingressarem no curso.
- **Projeto Ciência ao Entardecer:** em parceria com o projeto que já era desenvolvido dentro da universidade, os Petianos tinham o objetivo de promover a integração entre pesquisadores externos, internos e a comunidade.
- **Gincana Multidisciplinar em Engenharia:** realizou-se uma gincana empregando conceitos multidisciplinares em engenharia de forma divertida e que abordavam conceitos do dia-a-dia, despertando o interesse pelas engenharias em geral.

- **Tratamento de resíduos:** em conjunto com um projeto já existente na universidade, os Petianos realizaram pesquisas de viabilidade e aplicabilidade do tratamento dos resíduos dentro da própria instituição.

As atividades de ensino, pesquisa e extensão, embora tenham sido tratadas de maneira isolada no presente relato, foram sempre desenvolvidas em conjunto de forma a manter a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão. Além disso, as atividades propostas tiveram como principal objetivo suprir as necessidades que surgem dentro do curso de Engenharia Química, ajudando o mesmo a crescer e se fortalecer.



A Figura 1 mostra a realização de algumas atividades do grupo PET de Engenharia Química UTFPR-PG.

CONCLUSÃO

Todas as atividades que foram realizadas pelo Grupo PET de Engenharia Química UTFPR-PG foram avaliadas pelos participantes através de questionários, onde os participantes avaliam o desenvolvimento da mesma e também podem fazer comentários, críticas e sugestões.

Através dessas avaliações é possível ver, do ponto de vista dos acadêmicos, como o PET, já no seu primeiro ano de atuação, tem contribuído para o desenvolvimento do curso de Engenharia Química, como pode ser observado pelo relato de um participante de uma Visita Técnica ao ser questionado se a atividade contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional e de que maneira: “Essa atividade contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional no sentido de adquirir conhecimentos de logística, produção, gestão e carreira dentro da indústria”. Além disso, professores e comunidade tem buscado conhecer cada vez mais o programa, desenvolvendo parcerias para novas atividades e entendendo a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luiz Antônio Botelho; LONGO, Waldimir Pirró; PASSOS, Eduardo. **Autonomia: um modelo explicativo da ontologia da universidade**. 2000. Disponível em: <<http://www.anped11.uerj.br/23/1107t.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Manual de orientações básicas**. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=arti>

cle&id=12228&Itemid=486>. Acesso em: 20 mar. 2014.

COORDENAÇÃO NACIONAL DO FORPROEX (Belo Horizonte). Ministério da Educação. **Extensão universitária: organização e sistematização**. 2007. Fórum De Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/pro-reitorias/prorec/diretoria-de-extensao/documentos-da-extensao-de-ambito-nacional/extensao-universitaria_-organizacao-e-sistematizacao-forproex/at_download/file>. Acesso em: 28 mar. 2014.

SÉRGIO, Lais Cristina Muenzer; SANTOS, Juliana Mendonça Pereira dos; BALDINO, Marcela Teles; TAUCHEN, Gionara. **Princípio da indissociabilidade na universidade brasileira: inerente ou emergente?**. 2010. XI Salão de Iniciação Científica PUCRS. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaoIC/Ciencias_Humanas/Educao/82598-LAISCRITINAMUENZERSERGIO.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2014.

UTFPR, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. **Relatório de Gestão**. 2013. Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/a-instituicao/informacoes-e-indicadores-universitarios/relatorio-de-gestao-versao-compacta-2013>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Toda criança tem família: criança em situação de rua também. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 42-52. 2008.

POCHMANN, M. Nova política de inclusão socioeconômica. In: WERTHEIN, J.; NOLETO, M. J. (Org.). **Pobreza e desigualdade no Brasil**. Brasília: Unesco, 2003.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (PNEU). **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileira**. Porto Alegre, ago. 2012. 74p.

PRADO JUNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COMO CITAR ESTE RELATO:

FREITAS, Paula Cristina de; DUARTE, Elis Regina. Programa de Educação Tutorial: o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na construção de uma nova graduação. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 36-42, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 3 abr. 2014.

Aceito em: 17 nov. 2014.

Práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos: educando no museu

Maria Dolores Ferrari¹
Maclovia Corrêa da Silva²

¹ Graduada em Tecnologia em Logística Empresarial (OPET-2007). Especialista em Engenharia de Produção (FATEC-2010). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da UTFPR, Câmpus Curitiba. Assistente em Administração na UTFPR desde 2004, lotada na Coordenadoria de Gestão de Recursos Humanos do Câmpus Curitiba - Divisão de Pagamentos. doloresferrari@utfpr.edu.br.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – PPGTE. Professora do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: macloviasilva@utfpr.edu.br.

RESUMO

O projeto “Práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos” foi realizado no período de setembro a dezembro de 2013, em uma escola da Rede Municipal de Ensino da cidade de Curitiba. O público-alvo inclui vinte crianças e adolescentes retirados do trabalho infantil ou submetidos a outras violações e situações de riscos. A prática pedagógica adotada foi a realização de visitas aos diversos museus da cidade. A educação em museus é composta por especificidades como espaço, tempo e objetos. Esses fatores, aliados a outros, serão os responsáveis pelo diferencial da forma de educação nesses espaços. Com a realização de práticas interdisciplinares educativas, culturais e ambientais pretende-se contribuir para a promoção e construção de valores de transformação social e qualidade de vida.

Palavras-chave: Práticas educativas; Educação em museus; Ações socioeducativas.

ABSTRACT

The project “educational, cultural and environmental practices for the creation of knowledge and expertise” was conducted from september to december 2013 in a school in the Municipal School of Curitiba. Intended audience includes twenty children and adolescents removed from the child or subjected to other violations and situations of risk work. Teaching practice was adopted to conduct visits to various museums of the city. Museum education consists of specifics such as space, time and objects. These factors, combined with other, will be responsible for the differential form of education in these areas. With the implementation of educational, cultural and environmental interdisciplinary practice is intended to contribute to the promotion and building of social transformation values and quality of life.

Keywords: Educational practices; Museum education; Socioeducational actions

INTRODUÇÃO

O projeto “Práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos” foi realizado como conteúdo integrante da disciplina de Práticas Educativas do curso de mestrado/doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE), na área de concentração: Tecnologia e Desenvolvimento, ofertado pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

As práticas pedagógicas foram realizadas em parceria com o Projeto Basquete Formador. Este projeto está em desenvolvimento em uma escola da Rede Municipal de Ensino da cidade de Curitiba. O grupo, escolhido para as práticas, é formado por vinte crianças e adolescentes com idade entre 9 e 12 anos (4º e 5º ano), retirados do trabalho infantil ou submetidos a outras violações. Estas atividades poderão contribuir para (re)significar vivências de isolamento e de violação de direitos. Nesta faixa etária,

a ludicidade, fantasia e movimento são prerrogativas básicas para criação de novos saberes e conhecimentos e apropriação de valores.

Tem como objetivo propiciar experiências favorecedoras do desenvolvimento de sociabilidades e na prevenção de situações de risco social. Os atendidos diretamente participaram em horários do contra turno com diversas atividades socioeducativas e esportivas.

Para que os objetivos do projeto fossem atingidos foram realizadas várias visitas aos diversos museus da cidade.

Conforme Marandino (2001; 2008) e Silva et al. (2013), pesquisadoras em Educação em Museus, a função de complementaridade e de parceria entre museu e escola é apontada como a solução no que diz respeito à escolha da prática pedagógica a ser adotada (MARANDINO, 2001, p. 88; SILVA et al., 2013). A maneira como a educação é concretizada no âmbito escolar e no museu é diferente. Pode-se dizer que “os museus trabalham com o saber de referência tanto quanto a escola, porém dão a este saber uma organização diferenciada, além de utilizarem linguagens próprias.” (MARANDINO, 2001, p. 93). Além disso, a educação formal faz uso principalmente do livro e da palavra para concretizar o ensino. Outra especificidade do museu é que possui um trajeto aberto, livre; o que diferencia o espaço escolar, tido como fechado.

As atividades educativas realizadas nesse espaço são de diferentes naturezas, e várias estratégias têm sido desenvolvidas para alcançá-las. (MARANDINO, 2002; 2008).

Com a realização de práticas interdisciplinares educativas, culturais e ambientais pretende-se contribuir para a promoção e construção de valores de transformação social e qualidade de vida.

JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Segundo dados estatísticos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) são crescentes o aumento do número crianças e adolescentes em idade escolar em situação de risco (evasão escolar, criminalidade) em todas as grandes cidades, principalmente nas periferias (IPEA, 2009). Pretende-se com este projeto, através de ações socioeducativas, possibilitar o desenvolvimento da criança e do jovem na sua forma mais importante de ser: o ser humano.

As ações realizadas pelo projeto estão pautadas na Lei nº 8069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, na Política Nacional de Assistência Social –PNAS e na Lei nº 8742/1993 – Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS. Segundo o Artigo 4º do ECA

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2013)

O Estatuto estipula normas que visam à proteção da criança e do adolescente com vistas ao seu desenvolvimento integral. Conclama primeiramente a família, que para a criança ou adolescente, se configura como a base moral e psicológica, tornando-se imprescindível para a sua formação como ser em desenvolvimento, também convoca o Estado e a sociedade a proverem condições adequadas ao desenvolvimento de todas as crianças e adolescentes, sem qualquer tipo de distinção ou discriminação.

Segundo Silva et al (2013), os educadores são profissionais que possuem um perfil que permite a identificação com as questões sociais das comunidades em que trabalham. Isto possibilita atribuir sentidos/significados ao mundo por meio de vivências e experiências com o público. Eles atuam em oficinas de artes, músicas e atividades esportivas, tendo, portanto o domínio das atividades artísticas e esportivas que ministram. Segundo a autora “para que se possa educar, o sujeito precisa consentir, e ser alimentado pela força do desejo de estimular a cognição” (SILVA et al., 2013, p.100). Considerando que a educação é um processo de trabalho, e que ela se estende pela vida, é importante compreendermos nosso universo sociocultural nesta perspectiva.

RELATANDO AS AÇÕES EDUCATIVAS

Conhecendo o Museu Botânico

Esta atividade foi realizada no dia 3 de outubro de 2013, da qual 16 alunos participaram. Alguns já conheciam o Jardim Botânico onde o Museu está instalado. Mas, a maioria não tinha conhecimento do Museu e do Herbário. Houve uma pequena palestra, proferida por uma das funcionárias do museu, explicando o que são as exsiccatas (plantas secas) e os animais empalhados (taxidermizados). A princípio os alunos acreditaram que eram animais vivos.

Foi apresentado, para os alunos, um tronco de árvore serrado, onde se podia perceber os anéis formados pelo crescimento. A instrutora do museu explicou aos alunos que cada anel representa um ano de vida da árvore. Explicou a importância de preservar as espécies nativas. Foi quando falou da importância dos pássaros, principalmente da gralha azul, que contribuem muito para a reprodução das araucárias (pinheiros) no Paraná. Os alunos puderam ver os pinhões e saber como eles germinam.

Logo após esta explanação e a apreciação do acervo os alunos puderam conhecer a exposição de pinturas da artista plástica Marici Costa. A “Exposição Pintando Curitiba” trouxe várias telas que retratam a sustentabilidade na visão do artista. Segundo Marici Costa “Saber ler imagens é também saber ler o mundo”. Os quadros eram de diversos temas e traziam muitas cores e formas. Os alunos tentavam entender o significado de cada um deles.

Foi realizada pela artista uma oficina de pintura, com materiais fornecidos pelo museu. Eram kits compostos de tela para pintura, pincéis e tintas. Houve o auxílio de uma monitora que distribuía as tintas aos alunos e ajudava no que se fazia necessário. Os professores responsáveis pelo projeto também realizaram a pintura e ajudaram as crianças a fazer os seus quadros. Alguns alunos diziam que o seu desenho não estava bonito e queriam ajuda. Teve uma aluna que quis mudar todo o fundo do seu quadro, pois não havia gostado da cor inicial. Alguns sentiram dificuldade de realizar os desenhos

propostos e outros, pelo contrário, demonstraram muita criatividade e imaginação. Eles solicitavam ajuda para poder realizar a pintura, como por exemplo: “O que eu faço agora?”, “Que cor eu uso?” E constantemente solicitavam a opinião: “Está ficando bonito?”. Isto demonstra a insegurança deles em relação ao meio totalmente novo e, também, a confiança no apoio e participação dos educadores.

O resultado da atividade foi muito bom, pois saíram quadros muito criativos que eles puderam levar consigo. Ainda, ao final fomos agraciados com um CD da Exposição Pintando Curitiba, que tem muitas imagens que retratam a sustentabilidade na visão da artista Marici Costa.

VISITA AO MUSEU OSCAR NIEMEYER O “MUSEU DO OLHO”

Esta ação educativa foi agendada com antecedência, pois é necessária uma programação de horário para a monitoria e oficina de arte. Houve a necessidade de retirada das “cartilhas” com instruções de como proceder em visitas ao MON. As cartilhas foram entregues aos alunos, e foi solicitado que fizessem a leitura antes da visita ao museu.

Nesta ação, participaram quinze alunos, sendo que dois não trouxeram a autorização dos pais. Foi realizado o contato com os pais dos alunos para que pudessem realizar a visita. Um dos alunos não pode fazer a visita por falta de autorização.

A visita foi com a monitoria do museu e os alunos puderam apreciar os trabalhos e obras de arte expostos no museu. Durante a visita era nítida a solicitação de atenção e carinho por parte dos alunos. Eles queriam segurar a mão dos educadores e às vezes ficavam abraçados a eles. Deixando evidente a necessidade de afeto e demonstrando, também, a falta de segurança em um ambiente estranho à rotina deles.

Faziam muitas perguntas e queriam tirar fotos juntos de todas as obras de arte. Às vezes pediam a máquina fotográfica para fazerem fotos eles mesmos. O que demonstra o sentido de pertencimento ao grupo. As exposições traziam obras representando a sustentabilidade do meio ambiente, a importância de preservação da natureza e de reciclar materiais considerados “lixo”. Muitas obras feitas com reciclados. Uma das exposições apresentava o trabalho da artista Efigênia, que apresentava trabalhos realizados com sucatas e reciclados que eram considerados lixo.

Logo após a visita eles participaram de uma oficina de artesanato oferecida pelo museu. A ideia era confeccionar um tipo de instrumento (apito) para emissão de sons. A maioria conseguiu realizar o trabalho e alguns levaram os materiais para concluir em sala de aula. Nesta visita houve a participação de um fotógrafo que fez muitas fotos dos alunos e das obras expostas. O que proporcionou um enriquecimento à atividade proposta.

A VISITA AO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL: CONTATO COM A NATUREZA

Nesta ação houve a participação de catorze alunos. O Museu fica localizado dentro de um bosque, onde as árvores de várias espécies, como Imbuías e Pinheiros centenários, são as maiores atrações.

O museu conta com o apoio de monitores e estes fizeram a apresentação das espécies preservadas no local. O bosque possui uma trilha feita em aramado elevado do solo, o que possibilita um passeio muito agradável por dentro da mata. Os alunos ficaram muito curiosos e puderam ver os buracos feitos por tatus e ouvir vários pássaros que lá estavam.

Depois de percorrida a trilha e visto o bosque os alunos participaram de uma apresentação no Museu de História Natural. Nesta palestra puderam conhecer o trabalho realizado para a preservação de animais. A Taxidermia ou Empalhamento é a técnica que permite preservar os animais e os alunos puderam tomar conhecimento desta ciência. Ficaram bem curiosos, pois os animais pareciam estar vivos. Eles até apresentaram certo medo quando foi demonstrado o couro de uma cobra com vários metros de comprimento.

Mostraram, também, a pele de uma onça, um filhote de onça empalhado, pássaros, casco de tartaruga e cobras. Um que mais chamou a atenção foi a pele de um furão que estava em forma de echarpe. Todos quiseram passar a mão e sentir a textura e maciez do pelo. Puderam entender que não se deve usar os animais para este tipo de comércio, pois isto extingue as espécies.

Logo após a palestra puderam conhecer o acervo de animais taxidermizados e a secção de entomologia. Nesta secção estavam expostas várias borboletas e outros insetos raros. Muitos pássaros, onças, tamanduás e macacos estavam empalhados em exposição. O que possibilitou aos alunos apreciarem e conhecerem o tamanho real e o colorido dos animais e, também, o seu habitat natural. Alguns ficaram com medo da onça exposta (acreditando esta viva) e seguraram nas mãos dos educadores, procurando segurança. Ao final todos apreciaram a visita e muitos disseram que não conheciam, ainda, este museu.

RESULTADOS ESPERADOS

Conforme Silva (2013) com estas ações socioeducativas pretende-se demonstrar a importância da educação em museus como meio de formação e de motivação para aquisição de valores. Educadores e educandos poderão entender a importância da compreensão das linguagens visuais, auditivas e táteis presentes nestes espaços culturais, que transformam comportamentos e valores em reflexões, as quais estimulam a formação integral do ser social e humano (SILVA, 2013, p. 98).

Trabalhar, durante as visitas, os aspectos afetivos tais como: respeitar a si e aos outros, favorecendo a integração social; organização pessoal e geral, visando o autocontrole e a harmonia; participar espontaneamente das atividades propostas, demonstrando iniciativa e responsabilidade; demonstrar através de atividades sugeridas, gestos que reflitam civismo, respeito a si, ao próximo, à instituição.

Ainda, em relação aos aspectos socioeducativos pretende-se complementar as ações da família e da comunidade na proteção e desenvolvimento de crianças e adolescentes e no fortalecimento dos vínculos familiares e sociais. Assegurar espaços de referência para convívio grupal, comunitário e social e o desenvolvimento de relações de afetividade, solidariedade e respeito mútuo. Possibilitando estimular a participação na vida e desenvolver competências para a compreensão crítica da realidade social e do

mundo contemporâneo.

Com isto o projeto busca contribuir para inserção, reinserção e permanência da criança/adolescente no sistema educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 8069 de 13 de julho de 1990 que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 8 dez. 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasil em desenvolvimento: Estado, planejamento e políticas públicas. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: IPEA, 2009. Disponível em:< http://www.ipea.gov.br/bd/pdf/2009/Livro_BrasilDesenvEN_Vol03.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2014.

MARANDINO, Martha. Interfaces na relação museu-escola. **Cad. Cat. Ens. Fís.**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 85-100, abr. 2001. Disponível em: <<http://150.162.1.115/index.php/fisica/article/viewFile/6692/6159>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

MARANDINO, Martha. A biologia nos museus de ciências: a questão dos textos em bioexposições. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 8, n. 2, p. 187-202, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v8n2/04.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

MARANDINO Martha. Educação em museus: a mediação em foco. (Org.) Martha Marandino. São Paulo, SP: Geenf-FEUSP, 2008. Disponível em: <<http://szb.org.br/blog/conteudos/bibliografias/02-educacao-ambiental/educacao-em-museus-mediacao.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

SILVA, Maclovia Corrêa da; GAMA, Flávia dos Santos Oliveira; DO NASCIMENTO, Sylvania Sousa. Programa de erradicação do trabalho infantil: projeto socioeducativo “Educar nos Museus” na cidade de Vespasiano-MG. **Cadernos de História**, v. 14, n. 20, p. 98-117, 2013. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernos-historia/article/view/5196>>. Acesso em: 4 abr. 2014.

COMO CITAR ESSE RELATO:

FERRARI, Maria Dolores; SILVA, Maclovia Corrêa da. Práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos: educando no museu. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 43-48, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 7 abr. 2014.

Aceito em: 25 jul. 2014.

RESUMO

Relato dos desdobramentos das experiências do projeto político pedagógico Universidade das Quebradas, um curso de extensão do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O projeto, criado e coordenado pelas professoras Heloísa Buarque de Hollanda e Numa Ciro, originou-se da percepção da riqueza e potencialidade da produção cultural com a qual os artistas reinventam a cidade. O objetivo do curso é criar um espaço de intercâmbio de conhecimento entre academia e artistas. O projeto é uma intervenção de um grupo de participantes da Universidade das Quebradas, no momento em que ele é transferido para o MAR - Museu de Arte do Rio. A partir de questionamentos e proposições, o grupo pesquisa busca formas de dar materialidade a processos que contribuam para uma nova cartografia da cidade do Rio de Janeiro, para que a cidade se reinvente em suas tensões e possa acolher os diferentes Rios que deságuam no MAR.

Palavras-chave: Produção de conhecimento; Artistas da periferia; Novas metodologias.

ABSTRACT

An account of the political pedagogical project “Universidade das Quebradas”, an extension course of the Contemporary Culture Advanced Program of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) Language School. The project, developed and coordinated by Professors Heloísa Buarque de Hollanda and Numa Ciro, was originated from the perception of the powerful and rich cultural production with which the artists reinvent the city. The course objective is to create grounds for a mutual exchange of knowledge between academy and artists. The Project is an intervening action of some members of the Universidade das Quebradas as it moves from the premises of UFRJ to the Museum of Art of the City of Rio de Janeiro (acronym “MAR – Museu de Arte do Rio”, that spells like the Portuguese word for SEA, “mar”). By questioning old concepts and proposing new ones, the research group intends to materialize processes that may contribute to redraw the map of the city, reinventing its tensions and accommodating the different rivers that flow into the sea (MAR).

Keywords: Production of knowledge; Outside artists; New methodologies.

INVENTANDO PERGUNTAS

A criação de um campo de produção entre as propostas da Universidade das Quebradas e as do Museu de Arte do Rio, o MAR, é o objeto da nossa reflexão. Interrogamo-nos sobre como os alunos da Universidade das Quebradas podem ocupar o museu de uma forma participativa, ao lançarem, com suas vivências e modos de fazer arte, a rede quebradeira no MAR e abrirem campos de produção de conhecimento e expressões artísticas que redesenhem o artista e a cidade.

A Universidade das Quebradas, coordenada pelas professoras Heloísa Buarque de Hollanda e Numa Ciro, faz parte do Programa Avançado de Cultura Contemporânea.

¹ Psicóloga clínica, com doutorado no PPG de Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa “Micropolíticas da formação e produção de subjetividades”. Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002) e graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1978). Tem experiência clínica com crianças, adolescentes e adultos, e com grupos de idosos no estudo das narrativas do envelhecimento, em bibliotecas públicas. Atualmente desenvolve trabalhos de inserção e transformação social com coletivos juvenis com o tema da cultura da periferia e profissionalização como invenção de modos de vida. Participa da equipe de coordenação pedagógica do Curso de Extensão Universidade das Quebradas, Faculdade de Letras da UFRJ. E-mail: angela.carneiro@gmail.com.

nea (PACC), da Faculdade de Letras e de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É um território de encontro dos acadêmicos com artistas, produtores culturais e multiplicadores poéticos, os “quebradeiras”. Este termo designa os habitantes das “Quebradas”, uma denominação para favela em São Paulo. Quebradeiro, porém, no sentido adotado, implica também num modo de olhar crítico, inventivo, que ‘quebra’ a realidade, apresentada muitas vezes como única e absoluta. A Universidade das Quebradas tem recebido pessoas que, em sua maioria, nunca frequentaram o ambiente acadêmico, ou, se o fizeram, apresentam sentimento muito forte de estranhamento, de não pertencimento. Logo, o grande desafio é construir um território de partilha e confiança. Pelo seu lado, a Universidade das Quebradas tem como desafio a produção de um campo de forças que abrigue diferentes modos de conhecimento e metodologias que expandam e acolham mutuamente tanto o patrimônio acadêmico como os artistas quebradeiros, em outros planos de produção e compartilhamento.

A partilha de uma concepção de projeto que toma como direção o potencial emancipador das atividades nos remete ao conceito de conhecimento emancipação de Boaventura Santos (2001). O autor considera como emancipador aquele conhecimento que pensa as consequências dos atos, em que a relação sujeito-objeto é substituída pela reciprocidade entre os sujeitos, em relações de solidariedade. Forma-se então um espaço que, no dizer de Espinoza (2007), potencializa os bons encontros, aqueles carregados de afetos, tomados pela alegria, como a experiência de ser afetado por intensidades que expandem a vida, diferentemente dos tristes encontros que a constroem. O que se desdobra no pensamento de Boaventura Santos como “desencantado e triste” (Santos, 2001, p.73) é um conhecimento que se basta, não abre as portas para outros saberes e despreza a natureza, ao objetivá-lo e quantificá-lo como forma absoluta de abordagem. Ao tratar o objeto somente como tal, sem lógica organizativa, o conhecimento limita a possibilidade de troca e de ampliação.

Para escaparmos desse modo de produção de conhecimento, é necessário, como condição primordial, problematizar, compartilhar e experimentar. É sair do perímetro do conhecido e se deixar atravessar pelos acontecimentos. O importante é discriminar experiência de experimentos. Os experimentos, dispositivos da ciência, buscam a revelação da realidade universal, o que esvazia o encontro com o singular, o inventivo, da ordem do raro, do local e do revolucionário. Estamos na direção de um saber que se conta pelo seu fazer e que se desdobra pelas múltiplas possibilidades de narrar. Como efeito das narrativas, produz-se um conhecimento aberto à possibilidade de criar outros finais ou de iniciar outros processos entre nós.

Este cenário permite uma ampliação da experiência em que narrador e ouvinte se misturam e se revezam nos papéis. Além disso, quando a experiência é construída numa relação emancipatória, outros narradores e outros ouvintes nascerão. O conhecimento assim produzido circula, tem possibilidade de ser testado e de se enriquecer com novos valores e sentidos, mas principalmente de se reinventar. A difusão do conhecimento por esse modo não é uma mera reprodução, mas a proliferação de múltiplas narrativas.

Para ser emancipatório, é preciso que o processo ensino-aprendizagem permita que os sujeitos caminhem por si, questionem porque conhecem ou desconhecem, saibam agir e intervir, suportem o não-saber e se deixem levar pelo imprevisível que toda experiência comporta. Ou seja, é preciso estar disponível para desviar, encontrar novos

rumos, abandonar percursos e ideias e se deixar tocar pelo presente que se anuncia. O conhecimento emancipador trabalha para a produção de um novo conhecimento, mais humano, cidadão, centrado nas questões cruciais do mundo à sua volta e, portanto, político, já que é uma tomada de posição diante de si e do mundo.

PERGUNTAS QUE TECEM AS QUEBRADAS

Nas Quebradas, acompanhamos processos que quebram percursos, sofrem desvios e rompem modelos, numa constante problematização que leva a outras conexões e a novas dobras. Assim, como criar metodologias que se alinhem com o desenvolvimento de outras formas de saber, que tenham como princípios os do conhecimento-emancipação? Como a Universidade das Quebradas tem redesenhado novas comunidades interpretativas, em que os artistas expandam sua participação? Quais seriam os modos de produção para esses encontros? Quais e que tipos de experiências estariam sendo estimulados? Como as atividades que enlaçam os alunos, a equipe e os professores têm contribuído para a produção de um conhecimento emancipatório (Território - Estética da Periferia, divulgação e intercâmbio via site <www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br>, saídas culturais, eventos)? Quais recursos potencializam novos desafios na direção de uma transformação? De que forma a rede de parcerias com a Faculdade de Letras e de Educação tem se articulado?

Com esse balaio de questionamentos, no meio de um caminho dentre tantos encontros, tivemos um que se tornou acontecimento. De repente, chegamos ao MAR, o Museu de Arte do Rio. Um encontro que nos colheu no momento em que nos vimos desabrigados e procurávamos outros territórios. A Universidade das Quebradas (UQ) instalou-se na nova casa, o MAR, e o Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC, ao qual a UQ está ligado, foi para a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, na Ilha do Fundão. Desse encontro, novos caminhos se abriram para os quebradeiros, com as possibilidades de participação em cursos e eventos, de uso da biblioteca e de trocas com os novos pares. No MAR, nos enredamos em outros fluxos, circulação de ideias, no espaço de exposições, oficinas e nos encontros com artistas e curadores.

O MAR pretende se territorializar na cidade e abrir-lhe novas rotas, que a possam expandir para além dos perímetros centralizadores e conhecidos que a definem. Caminha, portanto, sensível a deslocamentos feitos de uma aragem poética e forte que configura novos mapas de criação de sentidos e de expressão artística, nos múltiplos modos de habitar a cidade e até mesmo em conexões para além da própria cidade.

O que sabemos do MAR?

É um museu que busca novas cartografias urbanas e artísticas, em linha direta com as escolas municipais, nas relações entre alunos e professores e no entorno dos moradores e trabalhadores, que o circunscreve com a tradição histórica e cultural riquíssima de toda região do cais do porto do Rio de Janeiro. Configura-se como um museu marcadamente de artes visuais, que se inventa como um espaço para a sociedade refletir sobre si mesma, na sua produção simbólica e nos seus modos de compartilhá-la numa constante reinvenção de si. É um museu tramado em parcerias – com academia (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e Universidade Estadual do Rio de Janeiro), museus nacionais e internacionais (Museum of

Modern Art – MOMA, Fundação Calouste Gulbenkian), centros de produção cultural, moradores, movimentos locais de produção coletiva de saber e de arte e ações coletivas e solidárias.

Perguntas que fazemos ao MAR

Como a herança artística e do pensamento que nos atravessa pode contribuir para o Museu fluir como dispositivo de expansão inventiva dos espaços públicos e criar novas rotas de circulação e apropriação da cidade para o século XXI?

De que forma os artistas quebradeiros ocuparão o museu, para que afetem e sejam afetados nas bordas de si e possam produzir sentidos que os reinventem e reinventem a cidade em novas cartografias?

Como potencializar o encontro Quebradas - MAR no deslocamento de uma educação, de um conhecimento hierárquico, estático, de redução a objetos, numa constante produção de invisibilidades e silêncio, para um conhecimento emancipatório?

Frente a uma cidade que cada vez mais se faz presente no circuito mundial, econômica e culturalmente, como contribuir para que o Rio seja encarado na multiplicidade dos sentidos de muitos?

A herança antropofágica brasileira desdobra-se num campo vivencial, em que os sentidos são desafiados a se reinventarem entre o individual e o coletivo, o privado e o público, a cultura e a subjetividade. Nosso desafio é reinventá-la num campo coletivo de forças, em novas experiências artísticas que se mantenham em constante fazer, e avançar em sintonias cada vez mais finas, em suas dimensões poética e histórica, no tempo do agora. Uma ocupação do tempo-espaço que permita percorrer interstícios que tramem o que Guattari (1990) chama de território existencial, espaços marcados e carregados de porvir. Uma ecologia efeito da mistura de Arte, Cultura e Vida.

Guattari nos desloca do paradigma do moderno para o do contemporâneo, numa trajetória ética e estética que se encarna no gesto e nos materiais, alçado pelo simbólico de nossa época. Uma construção que se faz no nosso tempo, mas implica em tomar o legado das utopias como mobilizador das experiências artísticas, para se pensar arte como território do futuro presente. O que significa que não podemos atravessar qualquer construção do novo sem colocar em análise as instituições e o que nos habita como conhecido.

Nessa linha de questionamentos, nasce o projeto Nas Quebradas do Mar, do encontro com a nova parceria, atento a não perder de vista o compromisso com o conhecimento-emancipação. Um dispositivo que faça fazer conhecimento encarnado e sensibilize um olhar pensante a novas leituras do mundo.

COMO ACOMPANHAR ESSES PROCESSOS?

A produção de saber encarnado passa por sua localização num saber-fazer que tem como desafio, na visão de Donna Haraway (1995, p.18), desviar de um “olhar conquistador que não vem de lugar nenhum”, para um olhar envolvido “[...] com o sangue de quem foram feitos os meus olhos” (p.25), para ampliar e incluir modos outros de ha-

bitar uma cidade, de forma mais criativa e solidária, ao estimular uma posição crítica e bem-humorada sobre o modo de vida que nos engendra.

Os múltiplos sentidos que os artistas quebradeiros apresentam em suas produções e percursos de vida estabelecem novas lógicas e metodologias, que nos fazem repensar o que se encontra estabelecido como único. O maior ganho é poder imaginar e antecipar outras cidades dentro da própria cidade em que todos habitamos, quem sabe mais interessante e solidária e que nos leve à cidade que queremos.

DE QUE MODO?

Uma das atividades primordiais da Universidade das Quebradas chama-se “Território, Estética da Periferia”. É o momento em que os quebradeiros apresentam seus projetos e experiências, trazem suas metodologias e recebem questionamentos e avaliações do grupo. A partir de questões levantadas pela turma da quarta edição dos territórios – os desafios de ser artista da periferia desde a formação, o acesso a editais, as exposições e curadorias, as formas de ocupação, a arte pública, as políticas públicas de cultura, a criação de outras lógicas de produção –, colocamos para nós mesmos o desafio de pensar como elas afetam os nossos conceitos, quais seus efeitos na estética dos trabalhos e que novas cartografias podem produzir.

Para enfrentar esse desafio, formamos um grupo de trabalho em torno da pergunta: o que os quebradeiros trazem, em suas bagagens de seus territórios de origem, que possa contribuir para expandir o conhecimento sobre a cidade do Rio de Janeiro? Redesenhá-la culturalmente e expandir suas fronteiras para uma produção que abrigue uma multiplicidade de expressões?

As questões levantadas nas apresentações dos territórios funcionaram como analisadores da cidade em que vivemos, e que queremos analisar segundo muitos vieses: a problematização do conceito de periferia; os fluxos de criação e reinvenção numa cidade em que a maioria das pessoas vive em regiões em que não existem cinemas, teatros, centros culturais, bibliotecas, mas em que há uma intensa vida cultural; a ordenação e reinvenção de lógicas que têm como efeito o surgimento de muitos grupos artísticos (músicos, poetas, grafiteiros, grupos teatrais e de cinema); ações de intervenções culturais e sociais que, em geral, se mantêm invisíveis diante da mídia (saraus, cineclubes, bailes, riqueza gastronômica, oficinas diversas); presença de inúmeros grupos religiosos que transitam entre a tolerância e a intolerância; a complexa presença das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e o longo caminho de convivência, que oscila entre o estado de direito e a barbárie; as dificuldades de mobilidade na cidade para aqueles que nela moram, mas que no dia a dia é como se fossem sempre os de fora, pelas viagens cotidianas, em condições aviltantes; a grande produção de narrativas para além das redes sociais da Internet, que ganham outros registros: livros, vídeos, novas produções baseadas em outra lógica econômica e uma ecologia que discuta uma integração ética, política e estética.

Diante de tantas questões que forjam tantos modos de vida, uma discussão que surge no meio do caminho é a função do museu como tela de registros das experiências encarnadas, ou seja, o museu como uma plataforma de processos e metodologias produzidos em outras lógicas, diferente do que é estabelecido como único e absoluto. Um museu do tempo do agora, atravessado por intensidades do ontem e do amanhã, no

entre, no espaço-tempo das fronteiras.

Assim, na usina de tantas ideias, começamos, com um grupo interessado, a pesquisar a materialidade dessas questões, deslocando-as de um pensamento linear e racional para um campo de experimentações de um pensamento artístico, crítico e transformador. Uma vez por semana, trabalhamos os temas que foram surgindo, dando-lhes continuidade nos encontros seguintes: a cidade com que sonhamos, as histórias que não se escrevem, as conexões invisíveis que nos atravessam, o negro, o índio e o branco que incorporam a cidade, as vivências de muitos nas múltiplas cidades que habitam, a invisibilidade, tanto como recusa, quanto como estratégia de existência. Trabalhamos com fotografia, desenho, pintura e vídeo, estudamos autores e textos que ampliaram nossas questões sobre a cidade em que vivemos.

Aos poucos o grupo percebe que, pela confluência dos muitos rios que caminham para o mar, uma cidade passa a ser mapeada. Esse é o retrato do Rio de Janeiro. Mas outras conexões começam a fluir nesses rios, atravessados por outros elementos. Cada participante foi trazendo os atravessamentos de seus percursos e encontros que desenhavam uma nova cartografia da cidade.

Assim, foram compartilhados os percursos de cada um para atravessar a cidade e chegar ao centro dela: trânsito, obras, manifestações, encontros de solidariedade e humor, e mesmo tragédias, como a do dia em que a passarela na Linha Amarela desabou, pela imprudência de um motorista. Percebemos os fluxos que circulam e a insistência nos modos de superar as impossibilidades.

A água é o elemento que ganha a cena no grupo, por sua capacidade de atravessar as barreiras, por sua força e maleabilidade. Aparece como o elemento comum e forte para dar materialidade às ideias que surgem no olho da fonte: movimento, força, insistência, vida, encontro, luta, indignação. A água que carrega as pessoas, com suas histórias, lugares, crenças, ancestralidades, sabores e temperos, a presença da natureza, as mudanças que impedem a vida, derrubam pontes e separam as pessoas, tudo isso ganhando materialidade em fotos, desenhos, sons, performances e composições. É a percepção de que o mar se faz em sua força e tamanho no encontro com os rios. Se o mar é o que é, é efeito da luta constante dos rios que insistem em passar. Também a cidade que queremos já está acontecendo, pelos fluxos cotidianos dos artistas, inconformistas que sonham e antecipam outras vidas e que insistem em não parar de fluir. Como a cidade será o que queremos pelas ideias que ganham a forma de um Manifesto Quebradeiro escrito com a colaboração da professora Sandra Portugal, que coordena o Laboratório de Expressão e Linguagem da Universidade das Quebradas. Esse manifesto inspira uma nova visão da cidade.

RIOS QUE DESÁGUAM NO MAR

Assim entramos em outro tempo do trabalho. O grupo de pesquisa (Ângelo Mello, Denise Kosta, Juliana Barreto, Fábio Augusto Pedroza, Noélia Albuquerque, mais os professores Beatriz Meira, Egeu Laus e Ângela Carneiro – coordenadora) apresenta o trabalho desenvolvido até ali e convida a turma dos quebradeiros a caminhar junto. Convida-a a marcar, nos próximos encontros, as cidades que nos atravessam e que precisam ganhar visibilidade, em todas as suas conexões, para que o corpo quebradeiro se deixe afetar e possa afetar, marcando singularidades e diferenças. A tarefa

tornou-se muito interessante ao abrir a todos o trabalho que estava sendo desenvolvido, como uma maneira de partilhar e produzir conhecimento com o outro.

E o que resultou disso foi o desenho de uma nova cartografia do Rio de Janeiro, com as marcas culturais de uma cidade que muitas vezes fica invisível. Formou-se um mapa que expande um mapa feito no início do curso, um ano antes, apresentado no Dia da Chegança, feito somente com os nomes dos lugares de origem de cada um. Foi um deslocamento, que nos permitiu acompanhar os processos dos múltiplos atravessamentos, desde onde eles vêm até desaguarem no MAR, abrindo novas concepções, revelando novos artistas, colocando novas questões que dão visibilidade, não só a paisagens existentes, mas a outras que se anunciam. Um mapa desnorteado do norte, quebra da convenção internacional que toma o norte como referência. Reinventamos o nosso norte que segue a linha do trem, que é a espinha dorsal para quem vive fora dos perímetros do centro. O nosso norte torna-se Santa Cruz, lendário bairro da região oeste do Rio de Janeiro.

Um intenso trabalho de afetar e ser afetado no encontro com o pensamento. Um exercício de mútua sensibilização, para novas inscrições de um imenso mapa dos Rios que deságuam no MAR. Um trabalho que dá início a outra etapa, ao se interrogar em como expandir e contagiar com essas ideias a expansão das fronteiras que aproximem as diferenças. Nesse sentido, continuamos em movimento.

REFERÊNCIAS

ESPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**. Cadernos Pagu, vol. 5, p. 7-41, 1995.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTOS, Boaventura de S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Volume 1: A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência).

COMO CITAR ESTE RELATO

CARNEIRO, Angela. Nas Quebradas do Mar, em obras. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 49-55, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 5 abr. 2014.

Aceito em: 8 set. 2014.



Tecnologia, agricultura familiar e meio ambiente: diálogos a partir da prática extensionista no semiárido nordestino

Cynthia Xavier Carvalho¹
Georgia Cavalcanti Alves de Miranda²
Antônio Roberto Mendes³
Andson Freitas Melo⁴

¹ Doutora em Sociologia pela UFPB/UFPG, linha de pesquisa Sociologia Rural e do Desenvolvimento, com tese sobre Agroecologia. Professora do Curso de Economia da UFPE, Centro Acadêmico do Agreste. cynthia_xavier@hotmail.com.

² Economista. Possui experiência na área de Economia, atuando principalmente nos seguintes temas: agricultura familiar, resíduos sólidos, fertilizante alternativo, desenvolvimento sustentável e planejamento urbano e saneamento básico. georgiamiranda@gmail.com.

RESUMO

O artigo expõe resultados de experiências em pesquisa e extensão no Semiárido nordestino. O objetivo é inserir elementos práticos para se dialogar sobre as interfaces entre o uso/implantação de tecnologias adaptadas para a agricultura familiar, o meio ambiente e a sociedade. Trabalham-se resultados provenientes de atividades realizadas entre os anos de 2011 e 2013, no município de Caetés – Pernambuco. Verificou-se que tecnologias simples sobressaem-se como mecanismos menos dispendiosos e eficazes na superação de problemas, indicando caminhos em termos de estratégia de política pública. A participação conjunta de estudantes, pesquisadores, técnicos e da família agricultora, configurou aspectos destacados em torno da valorização dos distintos saberes, incluindo o saber do agricultor. Limitações foram encontradas.

Palavras-chave: Tecnologias Adaptadas; Meio ambiente; Comunidade Rural.

Technology, family farmer and environment: dialogues with the rural extension in semi-arid northeastern

ABSTRACT

The paper presents results of experiences in research and extension in Northeast Semi-arid area. The goal is to insert practical elements to dialogue about the interfaces between the use and deployment of adapted technologies to family farmers, the environment and society. The activities happened between 2011 and 2013, in Caetés - Pernambuco. It was found that simple technologies are less expensive and effective mechanisms to overcome problems, indicating a path strategy in terms of public policy that should be prioritized. The participation of students, researchers, technicians and family farmer, contributed to valuation of different knowledge, including farmer's knowledge. Limitations were found.

Key-words: Adapted Technologies; Environment; Rural Communities.

INTRODUÇÃO

Os processos tecnológicos e de inovação na agricultura vêm sendo alvo de debate, permeando literatura de distintas áreas. Este debate se renova e tem estado presente na contemporaneidade nos estudos sobre o desenvolvimento rural, meio ambiente e agricultura. O objetivo do presente artigo é inserir elementos práticos para se dialogar acerca destas questões, refletindo sobre as interfaces entre o uso/implantação de tecnologias adaptadas para a agricultura familiar, o meio ambiente e a sociedade, associando-os aos resultados de ações de extensão rural em áreas Semiáridas do estado de Pernambuco. Para tanto, trabalham-se dados provenientes de atividades de pesquisa e extensão realizadas entre os anos de 2011 e 2013, delimitando-se como contexto empí-

rico, propriedade agrícola familiar situada no município de Caetés, de clima Semiárido.

Os trabalhos ocorreram no âmbito do Projeto de Pesquisa e Extensão Inovadora: “Projeto Ciclos: implementação de tecnologias apropriadas ao Semiárido pernambucano”, vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Com apoio financeiro do CNPq, a pesquisa esteve em diálogo com o projeto “Educação do Campo, Agroecologia e Agricultura Familiar: núcleo de integração de saberes” (PROEXT/UFPE), além de contar com parcerias de instituições como o SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa) e a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (AGÊNCIA CONDEPE/FIDEM), dentre outras.

O foco dos trabalhos em campo foi a pesquisa, o diálogo e a implantação de tecnologias apropriadas à localidade, o que permite trazer ponderações acerca das dificuldades, benefícios e potencialidades identificados. A hipótese é a de que o Semiárido nordestino, apesar de apresentar características singulares como um todo, é heterogêneo em suas particularidades e nas distintas dimensões (econômica, cultural, social, ambiental...), abrindo-se espaço para se trabalhar perspectivas diferenciadas acerca da tecnologia. Neste cenário, inserem-se um conjunto de agricultores que apresentam variadas formas de inserção produtiva e de padrão tecnológico para o qual se tornam relevantes os estudos e as ações que levem em conta mecanismos de adaptação e de convivência ao ambiente e à sociedade, ao mesmo tempo em que se pense a melhoria da qualidade de vida das famílias ali residentes.

Espera-se que as experiências aqui divulgadas, paralelas aos diálogos com a literatura especializada, contribuam para ‘o repensar’ e a valorização das ações de extensão rural, em especial com a participação da extensão universitária, bem como com indicativos de temas relevantes para pesquisas nesta área. Para tanto, inicialmente apresenta-se o referencial teórico que possibilita uma melhor compreensão do que fora desenvolvido pela pesquisa e extensão no Semiárido nordestino, no âmbito de tecnologias apropriadas para a agricultura familiar.

REFERENCIAL ANALÍTICO

a) Pensando a tecnologia em face da agricultura familiar

Uma questão que se coloca é que o modelo tecnológico da agricultura, dito “hegemônico”, tem contribuído para a degradação ambiental, na medida em que segue baseado no uso de energia não renovável, na especialização produtiva e na intensificação do uso dos solos. Este modelo, embora persista e ainda domine, convive com um cenário de mudanças, em face das distintas realidades no mundo, que vem com a valorização, resgate e reconfigurações de práticas produtivas e de gestão dos recursos. Num panorama que mescla trajetórias produtivas e tecnológicas diferenciadas, acompanhado de um debate crítico em torno das convicções acerca da importância da crescente “artificialização” da agricultura – intensiva em capital e no uso de insumos externos – aparecem ações, quer sejam de extensão, de pesquisas, envolvendo movimentos sociais, ou mesmo no âmbito das políticas públicas, que vêm possibilitando maior visibilidade às práticas e aos processos, capacidades e “saberes localizados” (farmers knowledge). Contexto que sinaliza para a relevância do debate sobre alternativas tecnológicas ou tecnologias ditas apropriadas/sociais, com inserção de temas, como: desenvolvimento rural, educação do campo, dentre outros correlatos.

³ Pedagogo e técnico em Agropecuária, formador especialista na metodologia PEADS (Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável). Especialista em Permacultura e em desenvolvimento sustentáveis da agricultura familiar. Atualmente é um dos coordenadores pedagógico e professor de Agroecologia do curso de formação profissional em Agroecologia oferecido pelo SERTA. robmendes2006@gmail.com.

⁴ Possui graduação pela Universidade Federal de Pernambuco (2011). Tem experiência na área de Economia. andson_freitas@hotmail.com.

Este cenário diversificado, já assinalado por Ploeg et al (2000), vem acompanhado de discussões acerca da valorização/resgate de identidades, das redes e inter-relações sociais. Trata-se de novas configurações presentes no campo, que demandam igualmente novas abordagens teóricas capazes de potencializar a reflexão e o agir adequado sob as distintas realidades. Com isto, inserem-se elementos para o debate sobre uma ‘nova’ perspectiva acerca do desenvolvimento rural, mas também sobre o padrão tecnológico que vem associado. Nesse meio, o processo de inovação passa a ser visto como dependente do conhecimento que é gerado em diferentes ambientes (na academia ou na propriedade rural, por exemplo), devendo ser apreciado igualmente em suas diferentes manifestações. Distinguindo-se da perspectiva da inovação enquanto elemento exógeno ao local, resgata-se a importância das relações que se travam entre os distintos atores de forma a consolidar fluxos de conhecimentos úteis.

Conforme assinalado em Carvalho (2014), abre-se espaço para a perspectiva de que novas técnicas podem ser construídas num processo que busca minimizar os riscos e permitir contínuo aprendizado através da prática diária exercida pelos agricultores (*learning by doing*), seguindo o ponto de vista de Ploeg et al. (2000). Uma abordagem que reconhece as múltiplas realidades e que demanda uma revisão metodológica de pesquisa, extensão e de reflexão acerca destas realidades, com potencial de influenciar políticas públicas. Para uma maior inserção nesta temática, ver autores, como: Amin e Cohendet (2004), Andrioli (2009), Ploeg et al. (2004), Long (1992), dentre outros.

Segundo Carvalho (2014), em consonância com o objeto do presente artigo, a perspectiva acima destaca o papel dos agentes locais na criação de estratégias e inovações a partir do seu aprendizado prático, de suas necessidades e de suas limitações, em que pesa a autonomia dos produtores para adotar ou recusar técnicas. Embora se tenha aqui um cenário diferente daquele com o qual se deparou Giovanni Dosi em seu trabalho sobre “Technological paradigms and technological trajectories” (Dosi, 1982), vale fazer algumas ponderações com base neste autor, de forma a inserir elementos para debate.

A obra de Dosi (1982) traz contribuições para se pensar trajetórias tecnológicas diferenciadas. Trabalhando dois conceitos, o de “paradigma tecnológico” e o de “trajetória tecnológica”, o autor chama a atenção para um olhar mais atento aos padrões de mudança técnica, em que se sugere a existência de “paradigmas” com diferentes níveis de generalidades (“trajetórias” de evolução técnica). Essa perspectiva permite que se perceba a possibilidade de renovação dos padrões tecnológicos dominantes e mudanças nas suas trajetórias. Isso contribui para que se entenda que o padrão tecnológico convencional na agricultura, de abordagem meramente produtiva, não é estático, mas passível de renovação (Carvalho, 2014). No entanto, a questão que se coloca é que as reformulações desse modelo terminam por seguir a mesma lógica, visando abastecimentos de grandes mercados, mantendo seus paradigmas tecnológicos no cenário de destaque e de certa forma, ‘protegidos’. Aspecto que insere grande desafio quando se pensa em introduzir uma abordagem alternativa em termos de tecnologia, demandando ações que ultrapassem o nível do discurso e dos conceitos já consolidados na literatura da área.

Reconhecendo-se esse aspecto, cumpre destacar que se trabalha, aqui, com a percepção da tecnologia “apropriada”. Considerando como escopo a agricultura familiar, leva-se em consideração a busca por inovações e tecnologias que respondam não

apenas às demandas produtivas, mas também as necessidades de melhoria da qualidade de vida da família, o que permite em algum momento contextualizar a tecnologia como de caráter social. Esta abordagem está em harmonia com a ideia trabalhada por autores como Wanderley (2009), em que se apreende o espaço rural não apenas como lócus de produção, mas como um lugar de vida. Cenário em que se insere o segmento denominado por muitos estudiosos e delimitado para fins de política pública, como “agricultura familiar”.

Aceitando que há toda uma discussão teórica acerca dos conceitos de “agricultura familiar” e de “campesinato”, optou-se por suprimir este debate e adotar um conceito mais operacional, a partir de uma visão síntese em que: a unidade de produção é centrada na forma de organização familiar, as estratégias de reprodução são geridas e compartilhadas pelos seus membros, e com graus variados de inserção nos mercados.

b) Meio ambiente e agricultura

É certo que o adjetivo “sustentável” e o substantivo “sustentabilidade”, ao passo que se firmaram como o norte para debates sobre temas como desenvolvimento e agricultura, inseridos em amplos espaços, têm sido questionados em face do modismo em torno de suas utilizações, ambiguidades e imprecisões. Reunindo objetivos conflitantes, ao tentar conciliar o aspecto ecológico, econômico e social, trata-se de um tema que traz desafios a serem superados no nível do discurso, e mais ainda no ambiente prático de grande heterogeneidade apresentado pela agricultura.

Segundo Navarro (2012, p. 22), por exemplo, as mudanças no regime econômico de forma a incorporar efetivas transformações, se mantêm “em plano exclusivamente retórico, e provavelmente assim permanecerá”. Para este autor, seriam necessárias mudanças significativas, demandando além de esforços políticos de concordância, a pré-existência de uma estrutura alternativa. Assumindo a existência destes desafios, a sustentabilidade será aqui entendida como algo a ser perseguido, como uma trajetória que pode ser diferenciada, mas que incorpora uma dimensão ecológica importante.

É preciso considerar um problema básico: na interação do ser humano com a natureza (bem como com os recursos naturais no âmbito dos agroecossistemas), buscando satisfazer suas necessidades, há a caracterização de dois polos de troca. Primeiro, através da exploração dos recursos provenientes da natureza (a fase do input - entrada); segundo, através da devolução da matéria (orgânica ou não) ao meio ambiente pelos indivíduos (a fase de output – saída) (Rosa, 2009). A questão é que, se na fase de input a natureza vêm nos favorecendo, na fase do output as ações humanas seguem provocando impactos negativos. Segundo a autora, para pensar num agir baseado em valores ecologicamente centrados, as ações humanas deveriam respeitar a essência da biosfera, sua lógica, seus limites, seus ciclos e a equidade das espécies. O que seria isto? Do ponto de vista sistêmico seria trabalhar em consonância à lógica da natureza. Ou seja, uma lógica cíclica.

Capra (2006) já expunha que os ciclos ecológicos são caracterizados pelo percurso da matéria (ciclos da natureza), em que não se gera detritos: o que é detrito para uma espécie, termina sendo matéria-prima, ou “prestadora de serviço” para outra. O problema, como assinalado por Capra, é que a natureza é cíclica, mas os processos humanos de uso dos recursos naturais, não. Aspectos que, somados a uma série de

fatores do próprio ambiente, podem elevar a dificuldade da natureza de se regenerar. Neste sentido, a exemplo do exposto por Rosa (2009), a ação humana despendida, prejudicando a capacidade regenerativa da natureza, estaria numa trajetória contrária à sustentabilidade.

Esses aspectos tornam-se importantes diante de regiões cujo próprio ambiente já impõe certos desafios. Duque (1980, p. 36), em seu estudo voltado inteiramente para a região Semiárida do Brasil, expôs que, no “aproveitamento racional dos recursos naturais, a ação do homem tem de conciliar ou procurar corrigir as tendências negativas do clima e do solo sem pelo menos não agravá-las”. Destacando a diversidade de cenários existentes neste clima, o autor já salientava que os princípios ecológicos de cada região natural do Nordeste precisariam ser respeitados e aplicados.

DESENVOLVIMENTO

Os dados divulgados referem-se à análise de resultados no âmbito de um Projeto de Pesquisa e Extensão Inovadora com foco no Território da Cidadania do Agreste Meridional (TCAM) e no Território da Cidadania do Sertão do Pajeú (TCSP), ambos em Pernambuco. No total, o Projeto abrangeu ações em 11 (onze) estabelecimentos familiares, abarcando 10 (dez) municípios. No presente texto estão apresentadas as experiências com as atividades de implantação de tecnologias e com acompanhamentos realizados na propriedade localizada no município de Caetés (denominada para fins de pesquisa, como PR-1). As demais propriedades abarcadas na pesquisa, embora não se insiram como objetos de análise no momento, estão relacionadas na Tabela 1.

Municípios pernambucanos	Território da Cidadania	Código
Caetés*	Agreste Meridional	PR-1
Tupanatinga	Agreste Meridional	PR-2
Águas Belas	Agreste Meridional	PR-3
Ibimirim	Agreste Meridional	PR-4
Iati	Agreste Meridional	PR-5
Garanhuns	Agreste Meridional	PR-6
Paranatama	Agreste Meridional	PR-7
Iati**	Agreste Meridional	PR-8
Manari	Agreste Meridional	PR-9
Iguaraci	Sertão do Pajeú	PR-10
Tuparetama	Sertão do Pajeú	PR-11

Tabela 1: Propriedades selecionadas para fins de referência na pesquisa (PR).

Exceto nas fases de sistematização e debate acerca do marco teórico e conceitual, trabalhou-se no contexto da pesquisa-ação, com grande parte da análise realizada a posteriori. No âmbito do Projeto como um todo, após a realização da coleta e da seleção de dados secundários, iniciou-se a primeira fase da atividade de pesquisa e extensão através de seleção das propriedades. Passada essa etapa, a fase subsequente foi a de diagnóstico da realidade e dos anseios dos agricultores selecionados. Nestas fases foram realizados diálogos com jovens agricultores vinculados a um Curso Técnico em Agroecologia do SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa). O fator determinante

para direcionamento dos trabalhos para esse público foi dialogar com produtores que já estivessem imersos no debate com a perspectiva ecológica e sua associação à prática agrícola, ao mesmo tempo em que representasse um universo dos jovens residentes no campo, ajudando a pensar o cenário da juventude rural. Por fim, buscou-se um público interessado em pensar em conjunto, trocar experiências e iniciar atividades acerca da possibilidade de implantação/aprimoramento de tecnologias “alternativas” nos estabelecimentos em que residia com suas famílias.

A fase seguinte consistiu em visitas periódicas (mensais), realizadas por membros da equipe do Projeto. As visitas permitiram o registro do uso, do manuseio e da viabilidade econômica e técnica das tecnologias já existentes, mas também uma análise conjunta das oportunidades/potencialidades e dificuldades presentes na unidade familiar. A partir disto, passou-se para a elaboração de um plano de implantação/melhoramento ou acompanhamento em torno do uso de tecnologias ditas alternativas, de forma a melhorar a qualidade de vida e o sistema de produção local. O parâmetro norteador das discussões foi a busca por uma trajetória em direção à segurança hídrica, alimentar, energética e nutricional das propriedades.

O trabalho de extensão associado à pesquisa esteve aliado à busca por melhorias na qualidade de vida e de produção das famílias agricultoras, reconhecendo-se o caráter processual das experiências. Embora se persiga a construção de experiências exitosas que sirvam de referência e que possam exercer o papel de multiplicador, o cenário em que se colocam as ações, bem como o caráter incipiente delas, insere ainda muitos desafios. Assim, o presente trabalho centra-se em reconhecer os valores e avanços apresentados pelas experiências, em face da realidade com a qual se deparou e suas limitações.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

a) Área macro de estudo: Territórios da Cidadania – Pernambuco

O Programa Territórios da Cidadania surge como fruto da movimentação em torno de políticas públicas que começaram por introduzir a unidade territorial como foco para o desenvolvimento em regiões em que predomina a agricultura familiar. O território é visto como um espaço multidimensional, que perpassa a cidade e o campo, diferentes grupos sociais que se relacionam interna ou externamente, mas no qual se podem distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial (BRASIL, MDA, 2003). O diferencial da política está no incentivo à formação de Comitês Estaduais e de Colegiados Territoriais, mobilizando governo e sociedade civil (Echeverri, 2011).

Pernambuco apresenta seis Territórios da Cidadania: Agreste Meridional, Itaparica (Pernambuco e Bahia), Sertão do Pajeú, Sertão do São Francisco, Mata Sul e Sertão do Araripe (Figura 1). Esses Territórios representam 44,89% dos municípios pertencentes ao estado de Pernambuco, participam com 67,45% da área, 26,47% da população total, 52,0% da população rural e 20,0% da população urbana do estado. Economicamente os territórios destacam-se na participação do Valor Adicionado Bruto (VAB) da agropecuária, com 55,52% de participação no Estado (Agência CONDEPE/FIDEM, 2012; IBGE, 2012).

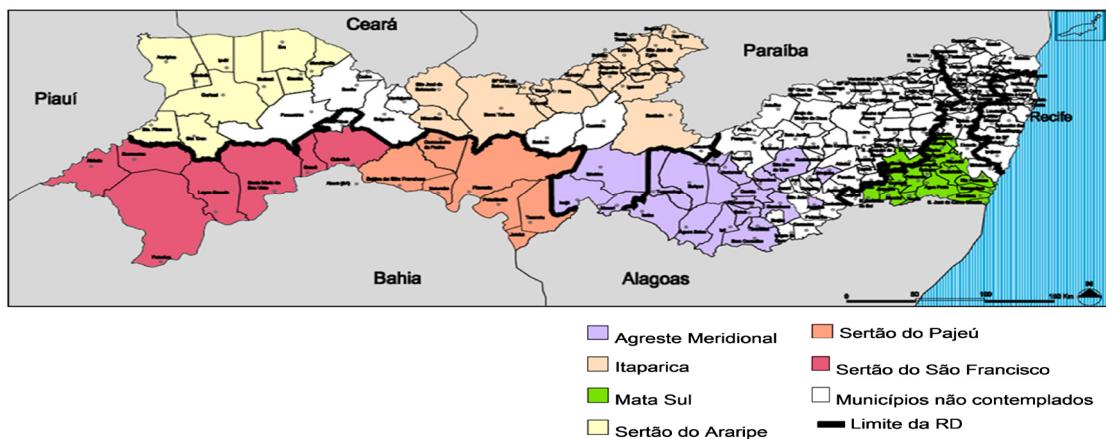


Figura 1:
 Territórios da
 Cidadania em
 Pernambuco.
 Fonte dos
 dados: Portal da
 Cidadania, 2002.
 Elaboração:
 Agência
 CONDEPE/
 FIDEM

b) Área micro de estudo: TCAM e o município de Caetés – Pernambuco

O TCAM abrange área de 13.113,50 km² e é composto por 20 municípios, dentre eles Caetés. A população total do território é de 587.086 habitantes, dos quais 257.840 vivem na área rural (43,92% do total). Possui 44.493 agricultores familiares, 2.609 famílias assentadas, 22 comunidades quilombolas e 5 terras indígenas. O Território apresenta IDH-M de 0,60. Para o ano de 2010 foram previstas 74 ações, com investimentos de R\$ 381.892.057,68. Até dezembro de 2010 tinha sido executado R\$ 282.027.679,85.

Pelo Sistema de Gestão Estratégica (SGE), a Secretaria de Desenvolvimento Territorial divulga indicadores para a caracterização dos Territórios Rurais: ‘Índice de Condições e Vida’, ‘Índice de Capacidades Territoriais’, ‘Avaliação da Gestão dos Colegiados Territoriais’, ‘Indicador de Identidade Territorial’ e ‘Índice de Desenvolvimento Sustentável’ (IDS). Os índices podem variar entre 0 (zero) e 1 (um), sendo 1(um) a melhor situação. O IDS, voltado para ilustrar o desempenho em termos de desenvolvimento e sustentabilidade para os territórios, considera a multidimensionalidade do desenvolvimento e é calculado a partir de variáveis congregadas em seis dimensões: ‘Político-Institucional’, ‘Cultural’, ‘Social’, ‘Econômico’, ‘Ambiental’ e ‘Demográfico’. Estas dimensões funcionam como sub-índices calculados a partir de variáveis selecionadas. Para os Territórios em questão, identifica-se um resultado insatisfatório (Tabela 2). Ambas as regiões situam-se como em ‘Nível Crítico’, com todos os sub-índices abaixo do ‘Nível Instável’, em especial o aspecto ‘Econômico’ para o TCSP, embora apresente-se com maior IDS. Apesar de não constar aqui uma análise mais detalhada dos dados, essas informações já justificam, por si só, a necessidade de maiores investimentos acerca da situação dos Territórios, bem como de ações de incentivo, de fomento e de valorização das potencialidades locais.

	TCAM	TCSP
IDS	0,359	0,371
Político-Institucional	0,436	0,494
Cultural	0,435	0,459
Social	0,389	0,505
Econômico	0,204	0,184
Ambiental	0,497	0,522
Demográfico	0,380	0,383

Tabela 2 – IDS
 Territórios da Ci-
 dadania do Agres-
 te Meridional e do
 Sertão do Pajeú -
 Pernambuco.
 Fonte: Disponível
 em: http://sge.mda.gov.br/ind/ind_re/. Acesso em: 19 set. 2014.

Restringindo-se ao município de Caetés, localizado na mesorregião Agreste e Microrregião Garanhuns, assinala-se para as seguintes informações: a população total é de 26.577 hab., situada em sua maioria no ambiente rural (19.057 hab.); a densidade demográfica de 80 hab./km² (IBGE, 2010); e, o IDH-M calculado para o ano de 2010 foi de 0,522 (IBGE, 2014). Em meio a um contexto de concentração de terras (ilustrada pela Curva de Lorenz – Figura 2), a agricultura familiar, pelos dados do Censo de 2006 (IBGE), ocupa uma área de 22.183 hectares, com 4.126 estabelecimentos e um total de 12.054 pessoas ocupadas.

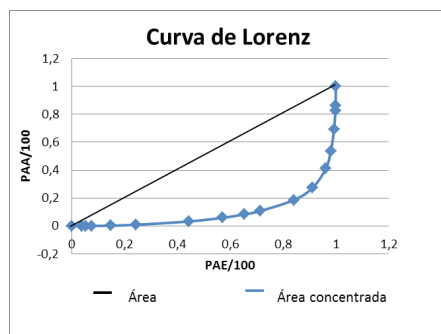


Figura 2 – Curva de Lorenz para cálculo da concentração de terras no município de Caetés - PE
Fonte: Base de dados: IBGE - Censo Agropecuário 2006.

Quanto aos aspectos econômicos (Tabela 3), em 2011, Pernambuco obteve um Produto Interno Bruto (PIB) a preço básico de R\$ 88,50 bilhões. O TCAM contribuiu com 3,7% desse valor. Setorialmente, ele participou com 14,22% do Valor Adicionado Bruto (VAB) da agropecuária, 2,67% do VAB da indústria e 2,47% nos serviços (IBGE – Sidra (b), 2014).

Características	Pernambuco (PE)	TCAM	(%) do TCAM em PE	Caetés	(%) de Caetés em PE	(%) de Caetés no TCAM
Número de municípios	185	20	10,81%	1	0,54%	5,00%
PIB pb 2011	88.505.953	3.530.764	3,99%	117.215	0,13%	3,32%
VAB da agropecuária	3.053.874	514.700	16,85%	22.325	0,73%	4,34%
VAB da indústria	21.231.478	530.757	2,50%	11.713	0,06%	2,21%
VAB dos serviços*	43.014.362	1.069.523	2,49%	23.016	0,05%	2,15%
VAB da APU	21.206.238	1.415.784	6,68%	60.160	0,28%	4,25%
Imp. Líq. de subsídios	15.888.028	239.857	1,51%	2.796	0,02%	1,17%
PIB pm 2011	104.393.980	3.770.621	3,61%	120.011	0,11%	3,18%
PIB per capita	11.776,10	6.367,10	...	4.321,98

Tabela 3. Dados econômicos: Pernambuco, TCAM e município de Caetés (em milhões).

* Excluindo-se APU. Fonte: IBGE – Sidra (b), 2014.

Em relação a Pernambuco o município apresentou baixa participação no PIB a preço básico, apenas 0,13%, destacando-se mais em termos de participação no VAB da agropecuária com 0,73%. Caetés possui maior destaque na composição do PIB do TCAM, onde contribuiu com 3,18%. O município, em 2011, possuía um PIB a preço básico de R\$ 117,215 milhões. Na agropecuária ressaltam-se a produção de mandioca, feijão, leite e o rebanho de bovinos. O município apresenta solo arenoso-argiloso e ter-

ras agricultáveis de potencial regular a restrito, destinadas especialmente às culturas do feijão vigna e da mandioca. O solo é classificado como Neossolo Litólico, Neossolo Regolítico, de relevo movimentado e com vales profundos e estreitos dissecados. Com a predominância de dois climas (Seco Subúmido e Semiárido), está inserido em dois Biomas: Caatinga e Mata Atlântica (BDE, 2011).

A PESQUISA-EXTENSÃO EM AÇÃO

a) Diagnóstico da PR-1

A PR-1, em 2011, era um estabelecimento recém-adquirido, em que toda a estrutura produtiva estava sendo planejada e montada. Aspecto que permitiu a pesquisa acompanhar todo o processo de amadurecimento da propriedade. Com 33 ha, afastada 12 km da sede municipal, ela encontra-se distante 2 km da rodovia PE-130, via estradas não pavimentadas.

Dadas às condições climáticas, o grande receio e a maior demanda da família eram, e continua sendo, a segurança hídrica. Muitos dos esforços iniciais no estabelecimento foram direcionados à captação de água da chuva. Assim, já em 2011 a propriedade continha algumas tecnologias hídricas: barreiro; cisterna de ferro e cimento de 15 mil litros; cisterna construída pela ASA (Articulação do Semiárido); barragem subterrânea e poço. Hoje a propriedade conta também com uma cisterna calçada (que faz a captação da água da chuva via calçada de cimento construída no solo).

A organização da propriedade foi abordada nas visitas, utilizando-se a metodologia de zoneamento divulgada por Mendes (2012). Para este autor, a residência da família (centro decisório do estabelecimento) é chamada de zona 0, defendendo um zoneamento produtivo partindo deste ponto. A ideia é trabalhar uma perspectiva de zoneamento em que se busque minimizar o custo de oportunidade através de um menor gasto de energia e tempo dispendido com deslocamentos na propriedade. Por exemplo, para o autor, nas proximidades da residência delimita-se a zona 1, como aquela melhor destinada à produção de alimentos básicos e de subsistência para a família, como hortaliças, cereais, entre outros. Tomando esse parâmetro, observou-se uma “zona 1” ainda incipiente e distante da residência, sem a preocupação em minimizar o custo de oportunidade gerado pelo deslocamento.

A zona 2 pode ser entendida como aquela destinada ao pomar ou frutifloresta, levando em conta as contribuições de Mendes (2012). O plantio de frutas é visto como importante para a melhoria da qualidade alimentar da família: proporciona maior variedade na dieta nutricional, maior qualidade do alimento (na medida em que se consome o alimento in natura), com mais economia. Apesar da dificuldade hídrica, típica da região, verificou-se uma área na propriedade, contando com mais de 15 diferentes espécies de fruteiras em desenvolvimento, plantadas em terreno plano, a montante da barragem subterrânea e a jusante de um barreiro, visando aproveitar a infiltração da água proporcionada pelo reservatório. Embora a quantidade plantada de cada espécie tenha sido planejada objetivando o consumo alimentar da família, ressaltou-se o intuito de comercialização.

No contexto da segurança alimentar, mas também da geração de renda, ficou em destaque a criação de gado, porcos e galinhas. Em termos da segurança de nu-

trientes, foi relatada a fabricação de composto orgânico e uso de cobertura morta. Os animais são criados em ambiente com higienização, ventilados e com espaço para circulação, respeitando-se os hábitos naturais de cada espécie.

A maioria dos membros da família esteve empenhada na realização de cursos técnicos e em diálogos com instituições de ensino, pesquisa e extensão. Aspecto que possibilitou o diálogo com uma das jovens, residente na propriedade, facilitando a escolha do estabelecimento como um dos lócus de ação do Projeto.

Embora tenha sido observada a participação de toda a família, especialmente dos jovens, no processo decisório no estabelecimento, percebeu-se que a organização familiar ainda está centrada nos domínios do ‘chefe da família’, revelando a cultura da estrutura patriarcal familiar nordestina fortemente presente. As mulheres não estão excluídas do processo, mas ainda centram suas atividades nas tarefas de manutenção da casa. Em todo caso, percebe-se o diferencial do ‘chefe da família’, valorizando as ideias trazidas pelas jovens e a disponibilidade em escutar, debater e experimentar.

Não se trata, aqui, de uma agricultura de subsistência. A família está inserida e interage no mercado, com atuação direta nos canais de comercialização local. Mas também não se assemelha ao chamado farmer norte americano. É uma forma de agricultura que se adapta. Há elementos dos dois com suas especificidades, o que, de certa forma, vem corroborar uma hipótese levantada por (WANDERLEY, 2009, p. 189):

[...] mais do que propriamente uma passagem irreversível e absoluta da condição de camponês tradicional para a de agricultor familiar ‘moderno’, teríamos que considerar, simultaneamente, pontos de rupturas e elementos de continuidade entre as duas categorias.

Cumprir observar que a dificuldade em relação à ocorrência de estiagem prolongada no período de atividade do projeto, levou a alguns questionamentos quanto às tomadas de decisões que levassem em conta a possibilidade da seca, um fenômeno natural na região. Um exemplo disto seria o armazenamento da semente da palma forrageira (*Opuntia ficus-indica* Mill), em especial as variedades como ‘IPA Sertânia’ e ‘Orelha de Elefante Mexicana’, mais resistentes à praga Cochonilha-do-Carmim (*Dactylopius opuntiae*). O plantio destas variedades para alimentação do gado em tempo hábil contribuiria para minimizar os efeitos negativos da estiagem, reduzindo custos do produtor com ração.

Um problema ambiental verificado na região, e debatido com a família agricultora, foi a observação da extração predatória do Mandacaru (*Cereus jamacaru*) da caatinga, antes rejeitado pelos criadores de gado, mas na época de estiagem e de escassez de recursos passou a ser utilizado na alimentação do animal.

Embora venha ocorrendo um movimento mais amplo de valorização e de reconhecimento dos mecanismos historicamente criados e recriados pelos agricultores para produzirem e se reproduzirem, numa perspectiva de ‘convivência com a seca’, é certo que o clima potencializa efeitos adversos. Nas visitas percebeu-se o impacto negativo nas atividades que estavam sendo previstas, mas também nas que já tinham ocorrido. A dificuldade ocasionada pela distância da horta da residência, assinalada anteriormente, sobressaiu-se neste momento quando aumentou a necessidade de tratamentos culturais.

b) Planejamento e execução das ações

Após a fase de diagnóstico passou-se à etapa de planejamento das atividades em termos de implantação/aprimoramento e estudo acerca das tecnologias apropriadas. Neste contexto, as primeiras demandas sinalizadas foram em torno de: inserir mais plantas frutíferas e nativas, construir cerca viva, construção de um lago ornamental, viável para criação de peixe, e instalação de um galinheiro permitindo a criação do animal em seu habitat natural.

Em agosto de 2011 iniciaram-se os mutirões para as primeiras ações, inserindo alunos de diversos cursos universitários e técnico (alunos do Curso de Agroecologia do SERTA – Serviço de Tecnologias Alternativas), residentes do município de Caetés e regiões vizinhas, pesquisadores e demais integrantes e instituições parceiras. A chegada da equipe à propriedade constituiu-se de um momento de saudação, de troca de conhecimento e de escuta. Isso assinala para o fato de que a sala de aula mudou de lugar e a figura do professor passou a perpassar entre os diversos atores ali inseridos. As atividades in lócus, sempre contando com a realização de mutirões e equipe multidisciplinar, tornaram-se salas de aula. As tecnologias instaladas (Quadro 1), apresentaram aspectos endógenos e exógenos de conhecimento, mas sempre a partir da demanda do próprio produtor.

Quadro 1. Tecnologias implantadas em campo.

(a) Lago ornamental e para criação de peixes (2011)
Fomentando atividade em mutirão o lago artificial pode ser apresentado como uma tecnologia social. Com capacidade para aproximadamente 15.000 litros de água 1m x 3m está localizado em uma área propícia à captação da água da chuva através do pequeno declive do terreno dispensando a necessidade de outras fontes de água para abastecê-lo. Contando com pedras do próprio ambiente que funcionam como matéria-prima e decoração sua proximidade à residência foi escolhida pelos residentes. A inovação aqui esteve atrelada à melhoria do bem-estar da família (geração de amenidades) cuja importância ficou realçada no convite à inauguração após construção de altar no centro do lago para inserção de imagem simbolizando a religiosidade dos moradores. Sua inauguração ocorreu com a organização de uma missa pela família convidando a toda a comunidade vizinha. Momento que também serviu para socialização das experiências.
(b) Galinheiro com aproveitamento do habitat natural (2012)
Para a construção do galinheiro foi delimitada uma área de 40m x 20m sendo realizada a demarcação do terreno e a preparação para se inserir as estacas. A inovação aqui esteve atrelada a busca por uma construção simples próxima à residência facilitando levar o alimento até o animal ao mesmo tempo em que proporciona maior segurança em relação a furtos que estão ocorrendo na área rural bem como proteção para ataques rotineiros de predadores. O foco na sustentabilidade está no aproveitamento do habitat natural do animal Caatinga numa área suficiente para preservar o comportamento e as funções da espécie no agroecossistema.
(c) Filtro de águas “cinzas” (2013)
Um dos métodos de tratamento de águas residuárias é o biológico. Este sistema é baseado na atividade biológica de microrganismos anaeróbicos ou aeróbicos para a remoção de matéria orgânica presente na água (Spadotto e Ribeiro 2006). A atividade de extensão buscou a implantação de filtro visando inicialmente à devolução da água utilizada na pia e no banho de forma tratada ao meio ambiente. Na época (março de 2013) salientou-se que na decisão de explorar águas de reuso para a irrigação é necessária a realização de investigação agrônômica acerca das características e necessidades da cultura a ser implantada observando-se também o tipo de efluente quanto a seus aspectos qualitativos. Os passos para construção da tecnologia constou em folder explicativo entregue ao público. O filtro construído conta com camadas de areia fina areia grossa brita fina brita grossa e carvão. Foram construídos 4 tanques em que a água é introduzida de forma a ter de passar por todas estas camadas antes de ir para o tanque seguinte. Após a passagem nos tanques a água tratada segue para um jardim. Foi apontada a utilização de plantas aquáticas na parte de cima de cada tanque para servir como “medida” de avaliação da qualidade dos filtros através da aparência das raízes e do comportamento da planta.

Duas das tecnologias inserem-se no contexto de gestão de resíduos hídricos, questão posta como primordial pela família. Considerando que em uma propriedade rural a água é uma das preocupações centrais para as atividades produtivas, quanto maior a capacidade de armazenamento e de reutilização do recurso, maior a capacidade produtiva da propriedade. A situação de escassez do recurso na região foco, agudiza essa preocupação.

c) A instalação de Filtro Biológico na PR-1: custos e benefícios observados

Um problema comum às propriedades rurais do Território é a ausência de saneamento básico. Na propriedade, a água que era descartada da lavagem de pratos e do banho escorria em valas abertas no terreno ao lado da casa, em direção ao plantio de palma, sendo lugar propício para proliferação de insetos e doenças, podendo contaminar poços e lençol freático. Este acúmulo de sedimentos vinha propiciando vários transtornos à família, tais como: odor desagradável, proliferação de vetores, etc., além de uma possível contaminação do solo.

A reutilização de águas residuárias (águas “cinzas”), recém-tratadas para áreas agrícolas, pode ser uma estratégia para suprir a carência do recurso e reduzir custo de produção. No caso da experiência relatada, o agricultor não objetivou disponibilizar a água tratada para cultivos alimentares, devido à dificuldade que se tem em realizar as análises necessárias (um fator limitante). A decisão da família foi a sua destinação para um jardim, através do declive do terreno.

Consideram-se águas “cinzas”, as águas residuárias provenientes do uso de lavatórios, chuveiros, banheiras, pias de cozinha e da lavagem de roupas (Bazzarella, 2005). A qualidade dela varia com o estilo de vida dos moradores. Os parâmetros mais utilizados para avaliação da qualidade do resíduo, quanto às suas características físicas, são: temperatura, cor, turbidez e o conteúdo de sólidos suspensos. Segundo a autora, a turbidez e a suspensão de sólidos podem aumentar a carga microbiológica presente na água, além de impor um aspecto desagradável e dificultar o seu tratamento. Além disso, essas águas, quando não tratadas, tendem a apresentar microrganismos patogênicos (*Escherichia coli*, *Ascaris Lumbricoides*, *Salmonella typhi*, *Schistosoma haematobium*, *Leptospira*, dentre outros), provenientes da lavagem de mão, banho, etc., sendo um contaminante para o meio ambiente e o ser humano.

Quanto a metodologias de cálculos dos ganhos econômicos advindos da melhoria ambiental, alguns estudos apontam para quantificação da relação custo/benefício que levam em consideração “as modificações nas despesas de um indivíduo em bens e serviços que substituem a qualidade ambiental pessoal, para atribuir valor a mudanças no meio ambiente” (Thomas & Callan, 2010, p. 169). Este método é chamado de Método de Custos Evitados - MCE (um método indireto de medição dos benefícios). Como exposto pelo autor, trata-se de uma abordagem intuitiva em que se pondera acerca dos danos sofridos pela exposição à poluição, que afeta negativamente o bem-estar da pessoa. Ou seja, consideram-se os aspectos que levariam a pessoa a adquirir bens para melhorar sua qualidade de vida ou sua qualidade ambiental pessoal.

De outra forma, pode-se considerar o gasto adicional com a compra de água, em carro pipa, que seria necessário para suprir a demanda de água da família quando passa a ter um jardim para cuidar. De outra forma, pode-se calcular a diminuição de

gastos, antes realizados para evitar a propagação de insetos gerados pela permanência de água empoçada. A técnica para aferir ganhos ambientais (ou a qualidade ambiental pessoal), seria basicamente a medição dos benefícios incrementais em face dos custos evitados (Thomas & Callan, 2010). Nesse contexto torna-se importante, também, a consideração dos custos diretos de instalação da tecnologia.

Na propriedade, para construção de 1 (uma) caixa de gordura, mais 3 (três) tanques para filtro biológico (a exemplo da Figura 3), em alvenaria e conjugados, medindo 85 cm x 1m de profundidade, gasta-se em torno de R\$ 350,00 (trezentos e cinquenta reais), conforme especificações a seguir (Tabela 4).



Figura 3: Modelo de tanque com as camadas para filtragem da água introduzida.
Fonte: Arquivo da pesquisa.

A Tabela 4 mostra todos os itens utilizados na construção, mas há a possibilidade de redução de custos utilizando-se os materiais disponíveis na propriedade (pedras, areia...). Em caso de realização de mutirões, o custo com a força de trabalho reduz-se consideravelmente, além de se promover a capacitação para a construção do filtro em outras localidades. A capacitação dos atores em multiplicar essas experiências surge como diferencial em face da tecnologia exógena.

Tabela de Gastos				
Produto	Preço (R\$)	Unidade	Quant.	Valor (R\$)
Cimento	24,00	Saco com 50 kg	2	48,00
Areia	0,60	Lata (20 kg)	12	7,20
Carvão	15,00	Saco com 4 latas	1,5	22,50
Barra de cano	14,00	6m/40 mm	2	28,00
Joelhos	2,00	40 mm	8	16,00
Brita grossa	4,00	Lata	12	48,00
Tijolo manual	0,15	Unidade	250	37,50
Mão de obra				
Pedreiro	70,00	Diária	1	70,00
Servente	30,00	Diária	1	30,00
Total				355,20

Tabela 4. Gastos com instalação do filtro biológico.
Fonte: Pesquisa no comércio local do município de Caetés – PE (março 2013).

Alguns benefícios da tecnologia podem se tornar mais visíveis do que outros. Um exemplo é a percepção da melhoria da qualidade de vida para a família. O que tende a ser proporcionado pela geração de amenidades (bem estar) ocasionada pela presença do jardim, mas também pela retirada da água empoçada e seu tratamento, contribuindo para minimizar a propagação de doenças e insetos. Por outro lado, ganhos econômicos não são tão aparentes. Um aspecto que pode dificultar a aceitação da tecnologia. É conveniente assinalar que para manter o filtro biológico em funcionamento não se incorre em custos adicionais. As águas que abastecem os tanques descem pela gravidade do terreno.

Com base no raciocínio trabalhado por Melo (2014), e buscando sinalizar para ganhos econômicos provenientes do uso desta tecnologia, tem-se que o filtro construído na propriedade foi pensado a partir do consumo de água de uma família composta por cinco pessoas. A Tabela 5 ajudará a compor o cálculo dos ganhos econômicos da tecnologia.

Consumo residencial	Valor (R\$) por 1000 litros
Tarifa Social Até 10.000 litros/mês	6,42
Até 10.000 litros/mês	30,00
10.001 a 20.000 litros	3,44
20.001 a 30.000 litros	4,09
30.001 a 50.000 litros	5,03
50.001 a 90.000 litros	6,67
90.001 a 999999.000 litros	12,82

Tabela 5. Tarifas de distribuição de água em Pernambuco. Fonte: Companhia Pernambucana de Saneamento. Disponível em: file:///C:/Users/Cynthia/Desktop/relatorio.pdf. Vigência: 20 de março de 2014.

Considerando-se um consumo médio diário por indivíduo de 100 litros de água, pode-se estimar que a tecnologia permite à família reaproveitar 500 litros de água/dia (ou aproximadamente 15.000,00 litros/mês). Com isso, estima-se uma economia com a água de aproximadamente R\$ 51,60/mês. Cálculo realizado, levando em consideração que a água reutilizada, seria adquirida no mercado para irrigar o jardim, pagando as taxas cobradas pela COMPESA - Companhia Pernambucana de Saneamento.

Em termos ambientais, a tecnologia do filtro biológico, na medida em que permite a introdução de plantas aquáticas e a chegada de animais, como os pássaros, atraídos por esse habitat, responde a uma das preocupações levantadas quando da revisão da literatura: a de procurar reproduzir e respeitar à tendência cíclica da natureza evidenciando uma trajetória para a sustentabilidade. No caso do filtro biológico, os polos das trocas entre o ser humano e a natureza se reconfiguram. O chamado output (devolução da matéria orgânica ou não, ao meio), passa a seguir a lógica do input (fornecimento de recursos pela natureza), diminuindo-se os impactos negativos ao ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ‘saber-fazer’ ou ‘conhecimento tradicional’ mostrou-se presente na propriedade, especialmente na delimitação dos espaços, mas também no desenvolvimento das atividades. No entanto, pelo exposto não se trata de um conhecimento tradicional puro e simples. A família vem se empenhando na busca de conhecimentos técnicos. O exercício da atividade agrícola tem demandado cada vez mais a interface com outras

formas de conhecimento: técnicos e organizacionais, sobre plantas, animais, máquinas, controle de pragas, contabilidade, entre outros.

Um aspecto que merece destaque foi a participação conjunta dos estudantes, pesquisadores, técnicos e da família agricultora, configurando os aspectos destacados em torno da valorização dos distintos saberes. Chama atenção para a participação de equipe multidisciplinar tanto de técnicos, como de estudantes e de professores. Melo (2014, s/p) aponta que, “quando implantamos o filtro biológico, por exemplo, a área de trabalho tornou-se uma sala de aula onde conhecimentos de vários campos e de pessoas com os mais diversos níveis de instrução eram compartilhados”. A articulação entre os distintos campos disciplinares traz desafios, mas também importantes contribuições na troca de ideias. Estas, aos poucos estão sendo sistematizadas. Isto contribui para um processo de flexibilização no campo do conhecimento para o qual tem contribuído de forma relevante o conhecimento prático dos atores pesquisados.

No que concerne à Universidade, segue o desafio de construir estratégias que permitam uma maior aproximação de estudantes universitários à realidade prática em que estão inseridos. Ao considerar a inserção destas atividades e da família produtora a nível territorial, surge uma preocupação: a necessidade de integração e diálogo com outros setores produtivos presentes a nível local e regional, bem como interface maior com o urbano, aspecto que tem sido delineado como justificativa para políticas de cunho territorial, de forma a superar as limitações e potencializar os elos produtivos.

Nos diálogos com as comunidades atendidas pelo projeto ficou clara a necessidade da melhoria dos canais de comunicação entre Universidade e comunidade, explicando a importância de se ampliar as ações neste sentido, de envolver um maior número de profissionais e de atividades oferecidas, levando em consideração as demandas da sociedade. É preciso entender que a Universidade entra não só no processo de documentação, registro, acompanhamento e análise, mas também no de aprendizagem. É importante que os conhecimentos produzidos conjuntamente sejam divulgados em todos os ambientes igualmente. A abertura ao diálogo deverá ser praticada em todas as instâncias.

Por fim, verificou-se que tecnologias simples sobressaem-se como mecanismos menos dispendiosos e eficazes na superação de problemas ambientais, indicando caminhos para políticas públicas que fortaleçam a agricultura familiar.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADUAL DE PLANEJAMENTO E PESQUISAS DE PERNAMBUCO. CONDEPE/FIDEM. Base de dados – BDE. Disponível em: <<http://www.bde.pe.gov.br/site/ConteudoRestrito2.aspx?codGrupoMenu=445&codPermissao=5>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

_____. **Pernambuco em mapas**. Recife, 2011. 159 p.

- _____. **PIB municipal**. Disponível em: <<http://www2.condepefidem.pe.gov.br/web/condepe-fidem/municipal>>. Acesso em: 20 jan. 2012.
- AMIN, A.; COHENDET, P. **Architectures of knowledge: firms, capabilities and communities**. In: _____. New York: Oxford, 2004.
- ANDRIOLI, A. I. **Tecnologia e agricultura familiar: uma relação de educação**. Ijuí: Unijuí, 2009.
- BAZZARELLA, B. B. **Caracterização e aproveitamento de água cinza para uso não potável em edificações**. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2005.
- BASE DE DADOS DO ESTADO. Território. Disponível em: <http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao_formato2.aspx?CodInformacao=637&Cod=1>. Acesso em: 20 ago. 2012.
- BRASIL, MDA. **Referências para o desenvolvimento territorial sustentável**. Brasília: Condraf/NEAD, 2003.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Site. Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br>>. Acesso em: 20 ago. 2012.
- CAPRA, Fritjof. **Falando a linguagem da natureza. Princípios da sustentabilidade**. In: STONE, M; BARLOW, Z. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARVALHO, C. X. de. **Estado da arte sobre desenvolvimento rural: reflexão teórica e apontamentos em face das especificidades do Nordeste do Brasil**. In: MONTEIRO NETO, A. (Org.). **Política externa, espaço e desenvolvimento**. Brasília: IPEA, 2014.
- DOSI, G. **Technological paradigms and technological trajectories: a suggested interpretation of the determinants and directions of technical change**. *Research Policy*, v. 11, issue 3, p. 147-162, 1982. Disponível em: <<http://goo.gl/r8AiVr>>. Acesso em: 15 jun. 2014.
- DUQUE, J. G. **Solo e água no polígono das secas**. Mossoró: ESAM, 1980.
- ECHEVERRI, R. **Emergência e evolução do programa de desenvolvimento sustentável dos territórios rurais e nos territórios da cidadania**. In: _____. **Políticas de desenvolvimento territorial rural no Brasil: avanços e desafios**. Brasília: IICA, 2011. p. 73-99.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **SIDRA (a). Banco de dados agregados**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=1378>>. Acesso em: 05 jan. 2012.
- _____. **SIDRA (b). Banco de dados agregados**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=21>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

_____. **Censo Agropecuário 2006. Agricultura Familiar, primeiros resultados.** Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/IBGE, 2006.

_____. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/IBGE, 2010.

_____. **Cidades. Banco de dados.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=260320&idtema=118&search=pernambuco|caetes|%C3%8Dndice-de-desenvolvimento-humano-municipal-idhm->>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

LONG, N. Introduction. In: LONG, N.; LONG, A. (Org.). **Battlefields of knowledge: the interlocking of theory and practice in social research and development.** London; New York: Routledge, 1992. p. 3-15.

MELO, A. F. de. **Uma análise dos impactos econômicos e sociais na implantação de tecnologias alternativas no Semiárido pernambucano.** Caruaru: UFPE, 2014. [Monografia] mimeo.

MENDES, A. R. **A permacultura aplicada na agricultura familiar.** Caruaru, PE: Permacultura pedagógica, 2012.

NAVARRO, Z. **Sustentabilidade: a busca de um conceito.** Revista XXI, Embrapa, v. 1, p. 22, 2012.

PLOEG, J. D. v. d. et al. Rural development: from practices and policies towards theory, v. 40, p. 391-408, October, 2000.

_____. On regimes, novelties, niches and co-production. In: PLOEG, J. D. van der; WISKERKE, J. S. C. **Seeds of transition.** Assen: Van Gorcum, 2004.

PORTAL DA CIDADANIA. Disponível em: <<http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/one-community>>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

ROSA, T. S. Os fundamentos do pensamento ecológico do desenvolvimento. In: _____. **Economia socioambiental.** São Paulo: SENAC SP, 2009. p. 25-46.

THOMAS, J. M.; CALLAN, S. J. **Economia ambiental.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

CARVALHO, Cynthia Xavier; MIRANDA, Georgia Cavalcanti Alves de; MENDES, Antônio Roberto; MELO, Andson Freitas. Tecnologia, agricultura familiar e meio ambiente: diálogos a partir da prática extensionista no semiárido nordestino. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 57-74, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 27 mar. 2014.

Aceito em: 9 out. 2014.

Projeto de extensão plantas medicinais na atenção básica à saúde

Amanda Cavalcante Silva¹
Alyne Almeida de Lima²
Risonildo Pereira Cordeiro³
Arquimedes Fernandes Monteiro de Melo⁴

RESUMO

Em 2009, foi criado na Faculdade ASCES o Projeto de Extensão Plantas Medicinais na Atenção Básica à Saúde, o qual tem como finalidade disseminar, através de ações sociais, o conhecimento sobre as plantas medicinais e o uso correto das mesmas, além de distribuir mudas produzidas na horta medicinal implantada na faculdade. Dois livros publicados e diversos trabalhos científicos também são conquistas deste projeto. Os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho são do tipo exploratório e descritivo e encontram-se estruturados a partir de uma pesquisa quantitativa. Desde sua criação o Projeto, realizou mais de 55 ações sociais, com participação de 84 alunos do curso de com distribuição de cerca de 16000 panfletos explicativos, 5250 mudas e atingindo diretamente em média 9806 pessoas. Este projeto é de suma importância, por realizar ações de promoção e educação sobre o uso de plantas medicinais nas comunidades, e gera dados para produção técnico-científica.

Palavras-chave: Fitoterapia; Plantas Medicinais; Horta.

Extension's project medicinal plants in primary care health

ABSTRACT

In 2009, was created the Extension's Project Medicinal Plants in Primary Care Health in ASCES College, this project have an intention of to disseminate across of social actions, the knowledge and the correct use about the medicinal plants, besides distributing saplings produced in medicinal garden located in College. Published two books and diverse scientific works achievements of this project are. The methodology utilized for this work are exploratory and the descriptive type, and to stand structure in quality search. After your creation, this project to performed more of 55 social actions, with participation of 84 student of Pharmacy Course that distributed more of 16000 explicative pamphlet, 5250 saplings of medicinal plants and to directly affecting at mean 9806 persons. This project is very important to place actions of promotion an education about the use of medicinal plants in the communities, and operates generating data for scientific-technical production.

Key-works: Herbal medicine; Medicinal Plants; Garden.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas com fins terapêuticos é uma prática milenar presente nas culturas de várias nações constituindo, ainda hoje, um recurso alternativo de grande aceitação, tanto nos centros urbanos, como predominantemente nas pequenas comunidades rurais (SANTOS et. al. 2008). O Brasil é um dos maiores centros de biodiversidade

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Farmácia da Faculdade ASCES; Integrante do Projeto de Extensão Plantas Medicinais na Atenção Básica a Saúde. silva.amandac@hotmail.com.

² Graduanda do curso de Bacharelado em Farmácia da Faculdade ASCES; Integrante do Projeto de Extensão Plantas Medicinais na Atenção Básica a Saúde. alynealmeida2004@hotmail.com.

³ Mestre em Ciências Farmacêuticas pela UFPE; Professor da Faculdade ASCES, Coordenador adjunto do Projeto de Extensão Plantas Medicinais na Atenção Básica à Saúde. risonildopc@hotmail.com.

⁴ Doutor em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos (farmacologia) pela UFPB; Coordenador do Projeto de Extensão Plantas Medicinais na Atenção Básica a Saúde. meloufpe@yahoo.com.br.

vegetal do planeta, com diversos ambientes e floras específicas e abriga centenas de grupos étnicos, que introduziram na cultura popular a utilização de muitas espécies para os mais diversos fins, entre eles o uso medicinal. Além da assimilação dos conhecimentos indígenas, as contribuições trazidas pelos escravos e imigrantes representaram papel importante para o surgimento de uma medicina popular rica (COSTA & MAYWORM, 2011). Segundo Melo (2005),

Durantes milhares de anos o conhecimento sobre plantas medicinais foi feito boca a boca dos mais antigos para os mais novos. Por volta de 500a.C. o primeiro achado escrito sobre as propriedades das plantas medicinais foi feito pelo povo sumério, que registrou em placas de argila, como as pessoas se valiam das plantas medicinais para alívio de todos os males que os afligiam.

Atualmente, o uso de terapias menos onerosas para o tratamento de enfermidades crônico-degenerativas representa ganho importante nos investimentos humanos e financeiros empregados na área de saúde. Assim, os fitoterápicos podem atuar como forma opcional de terapêutica levando em consideração o menor custo, e cujos benefícios adicionam-se aos da terapia convencional (SANTOS et al, 2012). Deste modo, medicamentos derivados de produtos naturais são capazes de tratar 87% das enfermidades humanas categorizadas, incluindo as indicadas como antibacterianas, anticoagulantes, antiparasitárias, imunossupressoras e anticancerígenas. (NEWMAN, 2003), A utilização de plantas com fins medicinais, é amplamente difundida e na maioria dos casos, a escolha de uma terapia baseada em plantas medicinais é sempre sem orientação médica (RODRIGUES et al, 2011). Um dos principais problemas da utilização destes produtos é a crença de que produtos de origem vegetal são isentos de reações adversas e efeitos tóxicos (GALLO & KOREN, 2001; CLARKE, 2007).

Em seu papel institucional, o Ministério da Saúde desenvolve diversas ações junto a outros órgãos governamentais e não-governamentais para elaboração de políticas públicas voltadas à inserção de plantas medicinais e da fitoterapia no SUS e ao desenvolvimento do setor. [...] Entre as ações do Ministério da Saúde, em parceria com órgãos governamentais e não-governamentais, têm-se a Proposta de Política Nacional de Plantas Mediciniais e Medicamentos Fitoterápicos (2001), o Seminário Nacional de Plantas Mediciniais, Fitoterápicos e Assistência Farmacêutica (2003), o Diagnóstico Situacional de Programas de Fitoterapia no SUS, (2004/05), a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (2003/05), e mais recentemente, em 2005, a criação, por decreto presidencial, do Grupo de Trabalho Interministerial para elaborar a Proposta de Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006)

Neste contexto, a etnobotânica é ciência que estuda as interações entre populações humanas e plantas, investiga novos recursos vegetais, e por isso, tem merecido destaque na atualidade devido ao crescente interesse pelos produtos naturais. Onde seu verdadeiro objetivo está em estudar o inter-relacionamento desses dois elementos que juntos constituem um todo significativo e analisável em termos históricos, espaciais e temporais, dentro de um contexto que é também o cultural (VIGANÓ et al, 2007). O estudo de plantas medicinais, a partir de seu emprego pelas comunidades, pode fornecer informações úteis para a elaboração de estudos farmacológicos, fitoquímicos e agrônômicos sobre estas plantas, com grande economia de tempo e dinheiro (BRASILEIRO et al, 2008). No Brasil, várias são as pesquisas realizadas que vêm contribuindo significativamente para o desenvolvimento e uso destas espécies vegetais, pois vêm

comprovando efeitos terapêuticos, possibilitando a utilização destas para tratamento de patologias (SHU, 2005).

Estudos que abrangem desde a etnobotânica até a farmacognosia, revelam os efeitos que as plantas exercem sobre os seres vivos em geral, ampliando as formas de terapêutica para diversas doenças (HAEFFNER et al., 2012). A atividade biológica de plantas medicinais tem sido objeto de intensa investigação científica, pois estas produzem uma grande variedade de compostos, produto do metabolismo secundário, que conferem propriedades terapêuticas (ALVES et al., 2000; ADAM et. al. 1998; DUARTE, 2005).

O Projeto de Plantas Medicinais na Atenção Básica teve início no ano de 2009 e tinha como principal objetivo desenvolver uma horta de plantas medicinais na Faculdade ASCES além de conscientizar os alunos da graduação quanto à importância das plantas medicinais, seu uso em pequenas e grandes escalas, na atenção primária. Outro ponto importante que o projeto apresentou como objetivo foi à promoção de troca de conhecimentos entre comunidade e academia utilizando a cultura popular como meio de informação para estudos técnico-científicos as plantas mais utilizadas na cidade de Caruaru-PE e região.

Em função da crescente procura por plantas medicinais pela população, é necessário estudar mais sobre o assunto. Com isto, o projeto visa despertar no aluno de graduação da Faculdade ASCES e na população a importância do cultivo de plantas medicinais e o uso adequado destas, como alternativa terapêutica. Para que isto ocorra, a Faculdade ASCES, por meio do Projeto de Extensão, promove palestras com distribuição de mudas e material educativo sobre plantas medicinais.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho são do tipo exploratório e descritivo e encontram-se estruturados a partir de uma pesquisa quantitativa.

Ações

Durante o semestre letivo o projeto recebe convites de diversas instituições públicas e privadas e na maioria das vezes esses convites tornam-se parcerias, como por exemplo, Prefeitura Municipal de Caruaru, North Shopping, Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Social do Transporte e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SEST-SENAT), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Lyons Club, Rádio Liberdade, Farmácia de manipulação A Fórmula, Rádio e TV Jornal. Para cada ação realizada pelo projeto há um protocolo a ser preenchido, a quantidade de mudas de cada plantas sai da horta, quantos panfletos foram entregues e quantos alunos participam de cada ação. E durante a ação cada pessoa que recebe uma muda, panfletos explicativos e orientações sobre o uso racional de plantas medicinais assina uma ata, para que, ao final, possa ser feita a contabilidade de quantas pessoas foram alcançadas em cada ação.

Produção de mudas

As mudas são produzidas pelos alunos do projeto, sob a supervisão do professor Arquimedes Fernandes (coordenador do projeto), durante o período letivo. Em média são produzidas de 80 a 100 mudas por mês de cada um dos nove espécimes cultivados na horta da Faculdade ASCES.

Escolha dos espécimes cultivados

Os espécimes cultivados na horta medicinal, foram retirados da RENISUS – Relação Nacional de Plantas Mediciniais de Interesse ao SUS e da Farmacopéia Brasileira com base nas morbidades que mais acometem a população desta região.

DESENVOLVIMENTO

O uso milenar de plantas medicinais mostrou ao longo dos anos, que determinadas plantas apresentam substâncias potencialmente perigosas (RODRIGUES et al., 2011). Do ponto de vista científico, algumas pesquisas mostraram que muitas dessas plantas possuem substâncias agressivas e por essa razão devem ser utilizadas com cuidado, respeitando seus riscos toxicológicos (VEIGA JÚNIOR et al., 2005).

Tendo em vista a importância de sanar, ou pelo menos de amenizar os problemas socioeconômicos da população brasileira, é crescente a preocupação em se estabelecer grupos de plantas medicinais para pesquisas, suas potencialidades, usos e meios de conservação desses recursos genéticos (RODRIGUES, 1998). Atualmente, o cultivo das ervas medicinais é um processo muito importante para a conservação das espécies vegetais, porque a retirada de plantas nativas de seu ambiente natural tem levado, em muitos casos, à redução drástica das populações destas espécies (REIS et al., 2003).

Portanto, para que o homem possa fazer uso medicinal de uma espécie vegetal com segurança, é necessário que a mesma seja estudada sob o ponto de vista químico, farmacológico e toxicológico (RITTER et al., 2002). Neste sentido, há a necessidade de orientar a população, sobre o uso racional de plantas medicinais.

Este projeto teve início no ano de 2009, após de uma pesquisa de campo, realizada na cidade de Caruaru. Essa pesquisa foi realizada através de aplicação de questionário a 650 pessoas aleatoriamente escolhidas no centro da cidade de Caruaru. Esse questionário era composto por 40 perguntas de múltipla escolha e indagava sobre a maneira que as pessoas utilizavam as plantas medicinais, para que patologias utilizavam-na, além da forma com que eram usadas (chás, lambedores, sucos, entre outros) e as formas de preparação dos mesmos.



Figura 1. Ação do Dia da Farmácia dia 5 de setembro de 2013, em parceria com a Farmácia de manipulação A Fórmula.

Os resultados revelaram a existência de vários equívocos na utilização de plantas medicinais como, por exemplo, o cozimento de plantas (hortelã-graúda) que contem alto teor de óleos essenciais, estes que são muito voláteis, com isso a maior parte dos princípios ativos são perdidos; o uso de chá de quebra-pedra para eliminar as “pedras” dos rins, na verdade este chá dilata a uretra facilitando a eliminação do cálculo renal; e o suco de chuchu muito usado como anti-hipertensivo, e que muitos acreditam dispensar o uso da terapia convencional para hipertensão.



Figura 2 A e B. Ação Social em parceria com o SESC Caruaru, no dia 5 de junho de 2013.

Após a análise destes resultados, foi possível verificar a necessidade da implantação de um projeto que orientasse a população quanto ao uso correto das plantas medicinais, mas, além disto, através desta pesquisa de campo, foi possível perceber o interesse da população pelo tratamento natural, 72% admitiram que faziam uso de plantas medicinais. Com os resultados desenvolveu-se o plantio de uma horta medicinal na Faculdade ASCES para que a partir dela fossem produzidas mudas de plantas já consagradas e que estas fossem distribuídas à população da cidade de Caruaru e região aumentando o acesso a estas espécies assim como a orientações sobre a indicação das mesmas. Essas mudas e orientações são repassadas em ações sociais realizadas em parcerias com a Prefeitura Municipal de Caruaru, North Shopping, SESC, SEST-SENAT, Rádio Liberdade, Farmácia de manipulação A Fórmula, Rádio e TV Jornal.



Figura 3 A, B e C (próxima página): Projeto Colmeia em parceria com o SESC Caruaru,



A horta dispõe de nove espécies de plantas medicinais. As espécies plantadas foram escolhidas mediante resultados dos questionários, e estão dispostas na quadro 1, como as mais utilizadas, em associação com RENISUS e a Lista de Plantas já consagradas descritas na Farmacopéia Brasileira. A incidência das doenças que acomete a população de Caruaru e região também foi levada em consideração na escolha das espécies a serem cultivadas.

PLANTAS MEDICINAIS	AÇÃO FARMACOLÓGICA
ALFAVACA (<i>Ocimum americanum</i> L.)	Vermífugo, febre, cefaleia e digestivo
CAPIM-SANTO (<i>Cymbopogon citratus</i> S.)	Ansiolítico, calmante e alívio de cólicas menstruais.
COLÔNIA (<i>Alpinia speciosa</i> S.)	Anti-hipertensivo e diurético
ERVA CIDREIRA (<i>Melissa officinalis</i> L.)	Calmante, indutora do sono e tranquilizante
HORTELÃ DA FOLHA GRAÚDA (<i>Plectranthus amboinicus</i> L.)	Analgésica, anti-inflamatória, expectorante e antimicrobiana
HORTELÃ-DA-FOLHA-MIÚDA (<i>Mentha x villosa</i> H.)	Controle de verminoses, tratamento de afecções parasitárias, como amebíase, giardíase e tricomoníase
INSULINA (<i>Cissus sicyoides</i> L.)	Diminui do nível de açúcar no sangue, sendo utilizada principalmente para Diabetes Mellitus tipo II
MANJERICÃO (<i>Ocimum basilicum</i>)	Problemas digestivos em geral, problemas das vias respiratórias, da boca e garganta
MASTRUZ (<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.)	Colerética, digestivo, expectorante e antiparasitária

Quadro 1. Lista de Plantas Medicinais, cultivadas na Horta do Projeto de Plantas Medicinais na Atenção Básica à Saúde da Faculdade ASCES, e suas respectivas ações farmacológicas.

Nestas ações os estudantes interagem com a comunidade distribuindo mudas, produzidas pelos próprios alunos, e orientando quanto ao preparo e forma de uso, ação terapêutica e toxicológica das plantas medicinais. Em cada ação são distribuídas em média 100 mudas, 500 panfletos. Desde sua criação o Projeto de Extensão em Plantas Medicinais na Atenção Básica à Saúde, já realizou mais de 55 ações sociais, com participação de 84 alunos do curso de Farmácia que distribuíram mais de 16000 panfletos explicativos, 5250 mudas de plantas medicinais e atingindo diretamente 9806 pessoas desde a criação do Projeto.



Figura 4 A, B e C. Horta e mudas produzidas pelos Alunos do Projeto prontas para serem distribuídas a população de Caruaru e Região.



Figura 5 A e B. Exemplo dos panfletos que são distribuídos.

Quem somos?

O CIPLAM (Centro de Informações sobre Plantas Medicinais) é um projeto desenvolvido por estudantes de Farmácia da Faculdade ASCES que tem por objetivo informar e orientar a população dos benefícios, indicações, modo de uso e cultivo de plantas medicinais.

Se tiver interesse por plantas medicinais ligue para nós, que estamos disponíveis para tirarmos suas dúvidas.

Atendemos por telefone de segunda a sexta das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 18:00h pelo telefone (81) 3727-3077 e por nossas páginas na internet.

Curta nossa página:
<https://www.facebook.com/ciplamplantasmedicinais>





CAPIM - SANTO
(Cymbopogon citratus S.)

Projeto de Extensão em Plantas Medicinais

CAPIM-SANTO

Introdução

O capim-santo é uma planta pertencente às regiões tropicais da Ásia, é produzida na Índia, Guatemala, Haiti, Madagascar, Indonésia e Brasil.

Conhecida popularmente como capim-limão, capim-cidreira, capim-de-chá, dentre outros.

No Brasil, é amplamente utilizado para fins medicinais e aromáticos; é usado como tempero. Seu óleo essencial é muito utilizado por grandes indústrias como a de medicamentos, cosméticos e perfumaria.

Indicação

O chá do capim santo pode ser usado como calmante natural no tratamento da insônia, nervosismo. Também na má-digestão, gases e espasmos. Além de possuir atividades antimicrobianas, diuréticas, antipirético, antialérgico e analgésico.



Modo de uso

É utilizado na forma de chá, por infusão, onde para uma xícara de chá de água quente pode ser utilizada 4 a 6 folhas frescas da erva, cortadas ou 1 a 3g de folhas, deixadas na xícara abafando por até 10 minutos. Pode-se tomar de 3 a 4 xícaras de chá por dia, em intervalos distantes, de forma terapêutica. Também pode ser utilizado como lambdador, feito a partir do chá aquecido de açúcar e levado ao fogo.

Advertência

Não deve ser utilizado na gravidez, em fases de lactação ou por crianças com menos de 2 anos de idade.

Consumir na dosagem recomendada.



Figura 6 A e B. Estudantes interagem com a comunidade, distribuindo mudas e orientando sobre o uso racional de plantas medicinais.

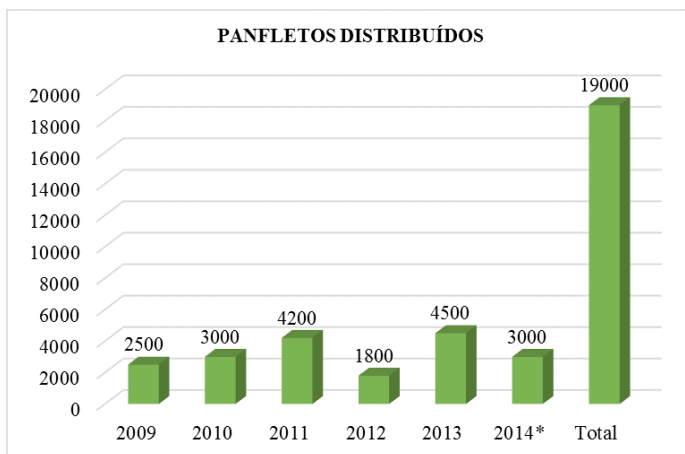


Figura 7. Panfletos distribuídos no período de 2009 a 2014 (até o primeiro semestre de 2014).

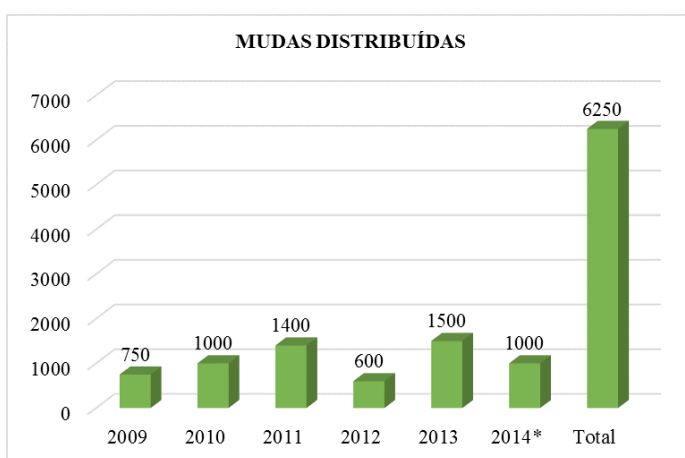


Figura 8. Mudas distribuídas no período de 2009 a 2014 (até o primeiro semestre de 2014).

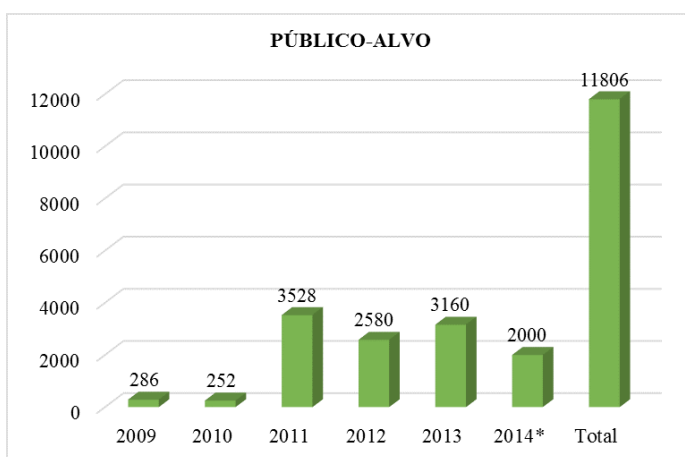


Figura 9. Público-alvo atingido no período de 2009 a 2014 (até o primeiro semestre de 2014).

O Projeto também visa à utilização da cultura popular como meio de informação para estudos técnico-científicos. E como resultados desta interação entre os alunos do curso de farmácia participantes do projeto e a população foram gerados mais de 16 publicações científicas, entre elas projetos de iniciação científica, Trabalhos de Conclusão de Curso e diversas apresentações em congressos e amostras de conhecimento, além de dois livros. O primeiro livro tem por título, **PLANTAS MEDICINAIS**

NA ATENÇÃO BÁSICA À SAÚDE publicado em 2012 e o segundo, PLANTAS DA CAATINGA COM ATIVIDADE BIOLÓGICAS, em 2014, ambos publicados pela editora Livro Rápido-Elógica.

CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos com esse projeto, conclui-se que este constitui um importante instrumento de interação entre os estudantes a comunidade, onde a população tem acesso não apenas as mudas, como também recebe orientação quanto ao uso seguro de plantas medicinais, por meio de panfletos e palestras educativos. Além disso, essa troca de informação, entre a comunidade e os alunos, proporciona material étnico-farmacológico e técnico-científico que dão origem a uma infinidade de trabalhos científico, ampliando o conhecimento da comunidade acadêmica sobre as plantas medicinais, seu uso pela população e a comprovação dessas informações fornecidas pela comunidade.

REFERÊNCIAS

ADAM, K.; SIVROPOULOU, A.; KOKKINI, S.; LANARAS, T.; ARSENAKIS, M. Antifungal Activities of *Origanum vulgare* subsp. *hirtum*, *Mentha spicata*, *Lavandula angustifolia*, and *Salvia fruticosa* Essential Oils against Human Pathogenic Fungi. **J. Agric. Food Chem**, Tessalônica, v. 46, n. 5, abr. 1998.

ALVES, T. M. de A.; SILVA, A. F.; BRANDÃO, M.; GRANDI, T. S. M.; SMANIA, E. de F. A.; SMANIA JÚNIOR, A.; ZANI, C. L. Biological screening of Brazilian medicinal plants. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 95, n. 3, May/Jun. 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Mediciniais da Central de Medicamentos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 148 p.

BRASILEIRO, B. G.; PIZZOLO, V. R.; MATOS, D. S.; GERMANO, A. M.; JAMAL, C. M. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no Programa de Saúde da Família, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, n. 4, p. 629-636, 2008.

CLARKE, J. H. R.; RATES, S. M. K.; BRIDI, R. Um alerta sobre o uso de produtos de origem vegetal na gravidez. **Infarma**, v. 19, n. 1/2, p. 41-8, 2007.

CORDEIRO, C. H. G.; SACRAMENTO, L. V. S.; CORRÊA M. A.; PIZZOLLITO, A. C.; BAUAB, T. M. Análise farmacognóstica e atividade antibacteriana de extratos vegetais empregados em formulação para a higiene bucal. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 42, n. 3, jul./set., 2006.

COSTA, V. P.; MAYWORM, M. A. S. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes - município de Extrema, MG, Brasil. **Rev. Bras. Plantas Med.**, Botucatu, v. 13, n. 3, 2011.

DUARTE, M. C. T.; FIGUEIRA, G. M.; SARTORATTO, A.; REHDER, V. L.; DELARMELINA, C. Anti-Candida activity of Brazilian medicinal plants. **J. Ethnopharmacol**, v. 97, n. 2, fev. 2005.

GALLO, M.; KOREN, G. Can herbal products be used safely during pregnancy? Focus on Echinacea. **Canadian Family Physician**, v. 47, p. 1727-8, 2001.

HAEFFNER R. et al. Plantas medicinais utilizadas para o alívio da dor pelos agricultores ecológicos do Sul do Brasil. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 14, n. 3, p. 596-602, July/Sept. 2012.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA, J. R. V. F.; GRYNBERG, N. F. e ECHEVARRIA, A. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Quim. Nova**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.

MARTINS, J. M. **Uso da babosa (Aloe vera) na reparação de feridas abertas provocadas cirurgicamente em cães**. 2010. 48 f. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Federal de Campina Grande – UFPB, 2010.

MELO, A. F. M.; **Ensaio toxicológicos pré-clínicos com a casca do caule de Anacardium occidentale Linn**. Tese (Doutorado) - UFPB/CCS/LTE, 2005.

NEWMAN, David J.; CRAGG, Gordon M; SNADER, Kenneth M. Natural products as sources of new drugs over the period 1981–2002. **Journal of Natural Products**, v. 66, n. 7, 2003.

OLIVEIRA, F.; AKISUE, G. **Fitoterapia**. Fundamentos de farmacobotânica. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. p. 197-204.

REIS, M.S.; MARIOT, A.; STEENBOCK, W. Diversidade e domesticação de plantas medicinais. In: SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMAN, G.; MELLO, J. C. P.; MENTZ, L. A.; PETROVICK, P. R. (Ed.). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 5. ed. Porto Alegre; Florianópolis: Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 2003. p.45-74.

RITTER, M. R.; SOBIERAJSKI, G. R.; SCHENKEL, E. P.; MENTZ, L. A. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 12, n. 2, p. 51-62, 2002.

RODRIGUES, V. E. G. **Levantamento florístico e etnobotânico de plantas medicinais dos cerrados na região do Alto Rio Grande - Minas Gerais**. 235f. 1998. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) – Universidade Federal de Lavras, Lavras. 235f. 1998.

RODRIGUES, H. G.; MEIRELES, C. G.; LIMA, J. T. S.; TOLEDO, G. P.; CARDOSO, J. L.; GOMES, S. L. Efeito embriotóxico, teratogênico e abortivo de plantas medicinais. **Rev. Bras. Plantas Med.**, Botucatu, v. 13, n. 3, 2011.

SANTOS, H. S.; MESQUITA, F. M. R.; LEMOS, T. L. G.; MONTE, F. J. Q.; BRAZ-FILHO R. Diterpenos casbanos e acetofenonas de *Croton nepetaefolius* (Euphorbia-

ceae). **Quím. Nova**, São Paulo, v. 31, n. 3, 2008.

SANTOS, M. M; NUNES, M. G. S; MARTINS, R. D. Uso empírico de plantas medicinais para tratamento de diabetes. **Rev. Bras. Plantas Med.**, Botucatu, v. 14, n. 2, 2012.

SHU, Y. Z. Recent natural products based drug development: a pharmaceutical industry perspective. **Journal of Natural Products**, v. 61, p. 1053-71, 2005.

VEIGA JÚNIOR, V. F.; PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M. Plantas medicinais: cura segura? **Química Nova**, v. 28, n. 3, p. 519-28, 2005.

VIGANÓ, J.; VIGANÓ J. A. e CRUZ-SILVA C. T. A. DA. Utilização de plantas medicinais pela população da região urbana de Três de Barras do Paraná. **Acta Sci. Health Sci**, Maringá, v. 29, n. 1, p. 51-58, 2007.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

SILVA, Amanda Cavalcante; LIMA, Alyne Almeida de; CORDEIRO, Risonildo; MELO, Arquimedes Fernandes Monteiro de. Projeto de extensão plantas medicinais na atenção básica à saúde. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 75-85, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 4 jul. 2014.

Aceito em: 9 set. 2014.

Subprojeto PIBID: extensão universitária para a formação de professores de língua inglesa

Didiê Ceni Denardi¹

Agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio prestado através de bolsas de Iniciação à Docência.

RESUMO

Considerando o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como um extraordinário programa de formação inicial docente, bem como comprometido com a melhoria da Educação Básica, portanto, alinhado à extensão universitária, o objetivo deste artigo é relatar e discutir as principais atividades desenvolvidas no âmbito do Subprojeto PIBID: docência em Inglês (PIBID – Edital CAPES 2011) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Câmpus Pato Branco.

Palavras-chave: PIBID; UTFPR; Docência em Inglês

Subproject pibid: extension program to english teacher education

ABSTRACT

Taking into account the Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) as an excellent teacher education program for pré-service teachers, as well as committed with the improvement of Basic Education, thus, aligned to extension program, the aim of this article is to report and discuss the main didactic-pedagogical activities developed in the Subproject PIBID: Teaching in English (PIBID- Edital Capes 2011) of the Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Câmpus Pato Branco.

Keywords: PIBID; UTFPR; Teaching in English.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerando o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como um extraordinário programa de formação inicial docente e também comprometido com a melhoria da Educação Básica, portanto, alinhado à extensão universitária, o objetivo deste artigo é relatar e discutir as principais atividades desenvolvidas no âmbito do Subprojeto PIBID: docência em Inglês (PIBID – Edital CAPES, 001/2011) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato Branco. O artigo está dividido em 4 seções, a partir desta. Na primeira apresentarei uma breve contextualização do Subprojeto. Na segunda seção apresentarei os pressupostos teórico-metodológicos que orientaram o Subprojeto. Na terceira seção apresentarei algumas das atividades didático-pedagógicas desenvolvidas no Subprojeto com início em agosto de 2011 e término em fevereiro de 2014, destacando, especialmente, as atividades focadas na articulação entre teoria e prática de ensino de língua inglesa na perspectiva de gêneros textuais. Por fim, tecerei algumas considerações referentes ao Subprojeto em questão.

¹ Didiê Ana Ceni Denardi é professora adjunta na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Câmpus Pato Branco, atuando principalmente no Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês. Possui mestrado (2002), doutorado (2009) e pós-doutorado (2013) em Letras/Inglês e Literatura Correspondente pela Universidade Federal de Santa Catarina. Como pesquisadora, interessa-se pelos temas: formação e identidade profissional dos de professores de Inglês como língua adicional, práticas pedagógicas, processo de ensino-aprendizagem de línguas materna e inglesa na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo. Na extensão, atua como professora em diferentes oficinas e cursos do Programa de Extensão do Curso de Letras e coordena a área de Inglês no PIBID Inglês (Editais 2011 e 2013), da UTFPR-Pato Branco. E-mail: didiedenardi@gmail.com.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO SUBPROJETO PIBID: DOCÊNCIA EM INGLÊS

O Subprojeto PIBID: docência em Inglês (Edital Capes-001/2011) do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Câmpus Pato Branco faz parte do Programa Institucional de Bolsas dessa instituição de ensino superior e tem como objetivo a formação inicial docente em Língua Inglesa de dez alunos do referido curso, uma vez que procurou orientar os alunos na construção de conhecimentos conceituais e comportamentais sobre o contexto sócio subjetivo da Educação Básica e sobre o fazer docente, baseando-se nos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2003, 2006; CRISTOVÃO, 2008, entre outros).

Especificamente, o Subprojeto visou inserir os alunos-bolsistas em uma Instituição Estadual de Educação Básica como assistentes de professores de Língua Inglesa. Inicialmente, de agosto de 2011 a junho de 2013, o Subprojeto teve como escola-parceira a Escola Estadual Carmela Bortot de Ensino Fundamental I e II. Em julho de 2013, devido a uma expectativa dos alunos-bolsistas em ter, também, experiência no Ensino Médio, o Subprojeto estabeleceu parceria com o Colégio Estadual de Pato Branco, que passou a ser a escola parceira até fevereiro de 2014. Ambas as instituições escolares estão localizadas na cidade de Pato Branco, Estado do Paraná.

O Subprojeto contou com a coordenação de uma professora de Inglês da UTFPR e com a supervisão de professoras de Inglês lotadas nas instituições parceiras. Retomando a finalidade do PIBID, tem-se, por meio da concessão de bolsas de iniciação à docência, a inserção de graduandos de licenciaturas das universidades públicas na prática docente de escolas públicas, através de uma integração gradual e constante no desenvolvimento de atividades inerentes ao magistério, como: aulas, planejamento, avaliação, conselhos de classe, reuniões com pais e reuniões pedagógicas. Dentro de tal perspectiva, a proposta do Subprojeto, aqui apresentado, na área de Língua Inglesa, consistiu, principalmente, em desenvolver as ações registradas no Subprojeto quando de sua submissão ao Edital da Capes em 2011, como vemos a seguir:

1- Observação do contexto escolar, e acompanhamento e assistência a docentes de Língua Inglesa em todas as suas atividades nas escolas em que trabalham; 2- acompanhamento e assistência a docentes de língua inglesa em suas atividades na escola através de tarefas que esses mesmos professores assistidos lhes delegarão, por exemplo: nas aulas, os professores poderão solicitar aos bolsistas que auxiliem e orientem os alunos com dificuldade na resolução de tarefas e exercícios ou que prestem monitoria, através de atividades complementares, a esses mesmos alunos no contra turno. Outras atividades referem-se ao acompanhamento do professor supervisor em reuniões pedagógicas, reuniões com os pais etc); e 3- redação de apontamentos sobre as observações e elaboração de diários ou outros textos tomados como instrumentos de reflexão sobre a ação docente (Subprojeto de Licenciatura: Letras-Inglês, UTFPR Câmpus Pato Branco, EDITAL CAPES /PIBID 001/2011).

Tais atividades visavam facilitar a compreensão da prática docente bem como a formação de professores cômicos de suas tarefas e com embasamento teórico que lhes permitisse contribuir para o exercício de um magistério, compreendendo novas abordagens de ensino, que por sua vez buscassem a melhoria do padrão de conhecimento de nossos estudantes. Ademais, uma série de atividades pertinentes também foram de-

envolvidas e ofertadas aos alunos das escolas parceiras, tais como: oficinas no contra turno e atividades artísticas (dramatização de textos, declamação de poesias etc).

Portanto, procurou-se no Subprojeto contemplar o desenvolvimento do aluno-bolsista como aprendiz de língua inglesa e como futuro profissional, contribuindo, dessa forma, para a formação de professores de Língua Inglesa críticos, reflexivos e socialmente comprometidos, bem como contribuir para a melhoria da qualidade na Educação Básica das instituições parceiras com relação ao ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Dessa forma, parece-me que as ações do subprojeto são condizentes ao trabalho de extensão universitária, uma vez que se entende por extensão universitária o “processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa de forma indissociável e viabiliza a ação transformadora entre universidade e sociedade (FÓRUM NACIONAL DE PRO-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1987).

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS QUE EMBASAM O SUBPROJETO

O Subprojeto PIBID: Docência em Inglês orientou-se através de conceitos bases para o trabalho docente com gêneros textuais na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2003; 2006; 2008 e colaboradores), dentre os quais destacarei nesta seção: a) a noção de gêneros de textuais; e b) a noção de didatização ou transposição didática, incluindo os conceitos de modelo didático e sequência didática. Tais conceitos são importantes para o processo de ensino e aprendizagem de línguas e podem contribuir para a formação/desenvolvimento do professor, em nosso caso, o de língua inglesa.

A noção de gêneros textuais

A noção de gênero textual adotada pelo Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD) vem do conceito de gêneros discursivos ou dos “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1986, p. 60, tradução da autora), que privilegiam, principalmente, as interações sociais que emergem da inter-relação discursiva nas diferentes áreas de atividade e comunicação humana e “refletem as condições e objetivos específicos de cada subárea (BAKHTIN, 1986, p. 60, tradução da autora). Portanto, os gêneros são determinados pelos parâmetros do contexto nos quais são produzidos e, principalmente, pela apreciação valorativa do conteúdo temático do enunciador e dos interlocutores da situação de comunicação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1926).

A noção de transposição didática

Em termos gerais, a noção de transposição didática (BRONCKART; PLAZAOLA GIGER, 1998) refere-se a um processo complexo de transformação do conhecimento da esfera científica para a esfera didática. A complexidade da transposição didática (TD) pode ser observada através das diferentes rupturas e mudanças que ocorrem durante essa transição, e também pelo fato de que o conhecimento científico deve ser selecionado, transformado ou adaptado para ser ensinado e entendido pelos estudantes. Machado (1997) e Machado e Cristovão (2006) afirmam que o trabalho com TD em torno de gêneros textuais segue três estágios: primeiramente, o conhecimento científico sobre o gênero em questão é construído; em seguida, o conhecimento científico é transformado em conhecimento para ser ensinado; e finalmente, esse conhecimento é

transformado em conhecimento para ser efetivamente apreendido. Em outras palavras, tal transposição ocorre a partir do conhecimento científico para o conhecimento didatizado e desse para o pedagógico. Para Petreche (2008), baseando-se em Machado (1997), o processo de TD deve partir da esfera comunicativa da qual as práticas sociais da linguagem e atividades se constituem em diferentes gêneros.

Assim, segundo Machado e Cristovão (2006), a TD de gêneros textuais não deve ser vista como uma transferência direta do conhecimento teórico sobre determinado gênero textual para o conteúdo de conhecimento a ser aplicado nas aulas de línguas, mas como uma série de transformações pelas quais passa um determinado conhecimento. Por exemplo, para ensinar um gênero específico (uma carta, um conto, um resumo acadêmico) é necessário que antes de aplicar o trabalho com esse gênero na sala de aula, se faça um estudo de seu contexto de produção, conteúdo e propósito, de sua organização textual e de seus elementos linguísticos. Nesse sentido, as autoras propõe a construção de um Modelo Didático do gênero.

Em relação ao modelo didático (MD), De Pietro et al.(1997) o definem como um instrumento didático descritivo e processual que ajuda os aprendizes a entender as características específicas de um gênero, e, conseqüentemente, guiar o trabalho em sala de aula. Em outras palavras, o MD refere-se à síntese das características de um gênero específico no qual os objetivos e dimensões do ensino são estabelecidos para tornar possível a construção de uma seqüência didática (ver apresentação desse conceito abaixo) do gênero em questão. Ainda, um MD permite que os professores de línguas tenham um entendimento claro das principais características de um gênero textual e possam selecionar os elementos de ensino para ensinar aos seus alunos. De acordo com Dolz et al. (2004, p. 259) um MD define "...princípios, orienta a intervenção didática e, enfim torna possível uma progressão entre os diferentes graus de aprendizagem". Portanto, um MD funciona como um material de referência para futuras intervenções didáticas permitindo o trabalho com um gênero específico aos níveis teórico e prático contribuindo para uma efetiva TD de um gênero textual, além de ser um instrumento para a formação do professor de Inglês como língua estrangeira (CRISTOVÃO, 2002).

Para Cristovão (2002; 2005) a construção de um MD para o ensino de gêneros, objetivando a compreensão e produção textual, é um importante instrumento para a formação do professor uma vez que é pré-requisito para a construção de uma **Seqüência Didática (SD)**; um instrumento para fazer adaptações necessárias na SD; e um parâmetro para a avaliação dos alunos com relação ao desenvolvimento das capacidades de linguagem, tais como: de ação (estudo/compreensão relacionada ao contexto de produção do texto, objetivo e conteúdo), discursiva (estudo/compreensão relacionada à organização macro textual) e linguístico discursiva (estudo/compreensão relacionado à organização micro textual).

Entende-se por uma SD um conjunto de atividades planejadas com o objetivo de guiar os alunos na construção de conhecimento sobre a linguagem oral e escrita focalizando um gênero textual específico, ou seja, em "práticas de linguagem historicamente construídas" (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 51). Os autores definem uma SD como

uma seqüência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem. As seqüências didáticas instauram uma primeira relação entre um projeto de apropriação de uma prá-

tica de linguagem e os instrumentos que facilitam essa apropriação. Desse ponto de vista, elas buscam confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem (ênfase dos autores).

Como observado, uma SD objetiva contribuir para a aquisição de determinadas práticas de linguagem que podem ser usadas adequadamente em diferentes contextos e situações. Em suma, para Schneuwly e Dolz (1999), Dolz e Schneuwly (2004) e Dolz et al. (2004), uma SD se caracteriza por:

a) uma abordagem de ensino de línguas contextualizada e sistemática através do estudo articulado das 3 capacidades da linguagem: a capacidade de ação da linguagem (observação e estudo da inter-relação entre condições de produção do texto, propósito do texto e conteúdo temático); capacidade discursiva (o entendimento da organização do texto e identificação de tipos de discurso e tipos de sequências textuais); e a capacidade linguístico-discursiva (o estudo de elementos linguísticos que tecem o texto pertencente a um determinado gênero envolvendo os aspectos de coesão e coerência);

b) uma estrutura modular: apresentação de uma situação, ou seja apresentação do gênero a ser estudado; uma primeira produção; diferentes módulos em que há mescla de reescrita do texto e um trabalho sistemático com as especificidades do gênero; e uma produção final;

c) uma abordagem de ensino de línguas que privilegia processo e produto. Sendo assim propicia a avaliação formativa ao se observar o processo de aprendizagem do aluno referente ao objeto de estudo. Esta é possível através da verificação da primeira e última produção textual do aluno; como também a avaliação somativa, ao se observar a produção final do aluno.

Por fim, ressalta-se que, além de ser uma metodologia importante para o ensino de línguas, o processo de construção de uma SD em torno de gêneros textuais específicos também pode ser um instrumento para o desenvolvimento/formação do professor de Inglês, uma vez que para sua construção é necessário que o professor tome conhecimento: a) do contexto escolar onde a SD será aplicada; b) do gênero textual; c) dos procedimentos metodológicos para análise dos textos; e d) dos procedimentos metodológicos para a aplicação da SD em sala de aula. Em outras palavras, o trabalho com SD propicia conhecimento sobre textos e seus contextos de produção, e provoca uma reflexão constante sobre a prática pedagógica.

PRINCIPAIS ATIVIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DO SUBPROJETO

As atividades desenvolvidas pelos alunos bolsistas tiveram início em agosto de 2011 e distribuíram-se em 20 horas semanais: 10 horas de atuação na escola, 2 horas para encontros presenciais com a Professora Coordenadora de Área, 5 horas para leituras e produção de textos e de 3 horas para atividades extras referentes ao Subprojeto, como por exemplo: a criação e manutenção de blog. De forma geral, as atividades didático-pedagógicas eram divididas em: a) atividades formativas na universidade; b) atividades teórico-práticas na escola; c) atividades integradoras; e d) atividades colaborativas pró-subprojeto. No que se refere às atividades teórico-práticas, formativas e integradoras, embora divididas, para melhor compreensão, as mesmas contemplam a

articulação entre teoria e prática.

Atividades Formativas na Universidade

As atividades formativas ou teóricas foram desenvolvidas através de reuniões semanais de 2 horas na Universidade e constituíram-se de estudos de textos acadêmicos, previamente solicitados para leitura, e oficinas relacionadas à área de formação dos alunos-bolsistas.

De forma geral, as orientações constituíram-se de: a) Orientações gerais sobre o Projeto de Bolsas de Iniciação à Docência (Edital PIBID 2011); b) Orientações sobre o Subprojeto PIBID: Docência em Inglês; c) Orientações e encaminhamentos às escolas (regras, participação em atividades extra-classe); d) Orientações de desenvolvimento de atividades de sala de aula; e) Orientações sobre desenvolvimento de pré-projeto de pesquisa (início em dezembro de 2011); e f) Orientações Projetos de Pesquisa (março de 2012-fevereiro 2014).

A Tabela 1 a seguir sintetiza as atividades referentes ao estudo de textos/oficinas desenvolvidas no Subprojeto até o presente momento.

Atividades Formativas na Universidade	
Estudo de Textos/Oficinas	Breve Descrição e Comentário
Estudo de texto: ANASTASIOU (2003).	O artigo “Ensinar, aprender e processos de ensino” discute conceitos básicos sobre o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, os bolsistas puderam confrontar esses conceitos com situações de sala de aulas por eles vivenciadas como alunos e como alunos-bolsistas PIBID em suas observações de aulas.
Oficina: Proposta Pedagógica Curricular	O objetivo da oficina foi compreender textos oficiais de ensino de Língua Estrangeira Moderna (PCNs-DCEs), confrontando com atividades de análise da Proposta Pedagógica Curricular- PPC da Escola Estadual Carmela Bortot. A oficina foi ministrada pela Professora Supervisora em outubro 2011.
Oficina: Ensino de Línguas mediado pelo procedimento de Sequência Didática	O objetivo da oficina foi discutir metodologias para o ensino de Língua Inglesa em uma perspectiva textual discursiva. Para tal foram discutidos textos referentes à didática de ensino de línguas embasados no quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2003), como explicitado na seção 2 deste artigo. Esse estudo permitiu aos bolsistas um embasamento teórico para a observação de aulas, monitorias e planejamento de oficinas no contraturno. A oficina foi ministrada pela Professora Coordenadora de Área.
Estudo de texto: HEBERLE, V. (2001).	O artigo “Observing EFL classes in primary and secondary schools: a research task in Applied Linguistics” apresenta, na perspectiva da Gramática Funcional (Halliday, 1985) e da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1995), orientações para observações de aulas de Inglês como Língua estrangeira nos Ensinos Fundamental e Médio.

Tabela 1: Atividades Formativas na Universidade.

<p>Estudo de texto: UR, P. (1996).</p>	<p>O livro “A course in language teaching” refere-se a um curso básico de ensino de Língua Inglesa, enfatizando o ensino de língua inglesa, com orientações, sugestões de atividades e propostas de reflexão sobre a prática pedagógica. Os capítulos do livro referente ao ensino propriamente das habilidades comunicativas (ler, ouvir, falar, escrever) e linguísticas (gramática, vocabulário) foram estudados pelos bolsistas e apresentados em forma de seminários.</p>
<p>Estudo de texto: DENARDI, D.A.C. (2013).</p>	<p>O artigo “O desenvolvimento do Professor de Inglês em uma perspectiva de gêneros textuais” discute o desenvolvimento do professor de Inglês e apresenta contribuições para tal através de uma perspectiva de ensino e aprendizagem de Línguas em torno de gêneros textuais. Especificamente, discute os conceitos de transposição didática (Bronckart; Plazaola Giger, 1998; Dolz et al., 2004; Machado; Cristovão, 2006) e as confronta com as dimensões de ensino (Shulman, 1987) e as dimensões de ensino de Inglês (Richards, 1998).</p>
<p>Estudo de texto: BORTONI-RICARDO, (2009).</p>	<p>O livro “O professor pesquisador” discute o conceito de pesquisa qualitativa, instrumentos de coleta de dados, métodos e técnicas de análise de dados etc, e incentiva o professor a tornar-se pesquisador de sua prática pedagógica.</p>
<p>Estudo de textos específicos</p>	<p>Os bolsistas foram orientados na leitura de textos específicos para o desenvolvimento de suas pesquisas que giram em torno de temas como: A avaliação de aprendizagem; Influência do contexto familiar na aprendizagem de Língua Inglesa; O livro didático de Inglês; O procedimento de sequência didática em torno de gêneros textuais; O trabalho de produção de fábulas nas aulas de Língua Inglesa; O status e o ensino de Língua Inglesa na contemporaneidade; A produção escrita nas aulas de Língua Inglesa; O ensino de leitura nas aulas de Língua Inglesa em uma perspectiva textual discursiva.</p>

As atividades relacionadas ao estudo de textos contribuíram para o aprofundamento do conhecimento teórico-metodológico dos alunos bolsistas, bem como para o estabelecimento das relações entre teoria e prática que surgiu através das discussões críticas nas atividades formativas. Consequentemente, tais atividades puderam auxiliar quando da necessidade dos bolsistas - futuros professores de Inglês - de transformar conhecimentos referentes ao uso da língua inglesa em diferentes contextos sociais em conhecimento pedagógico. Tal processo que se caracteriza como TD foram aplicados através de oficinas projetadas no procedimento de SD , tendo sido algumas SDs aplicadas no contra turno e outras que poderão ser aplicadas posteriormente quando já professores, beneficiando alunos de Educação Básica e bolsistas através de uma efetiva transposição didática.

Atividades Práticas na Escola

As atividades práticas na escola tiveram como principal objetivo oportunizar aos alunos-bolsistas a práxis pedagógica tanto através da observação de aulas, da assistência aos alunos nas aulas ministradas pelas professoras supervisoras e professoras das escolas parceiras quanto na interação com o contexto escolar de forma a construam identidade como futuros professores. As atividades na Escola Estadual Carmela Bortot tiveram início em setembro de 2011 e se desenvolveram até o mês de junho de 2013. Com a notícia de ampliação do período do Subprojeto para fevereiro de 2014 e considerando uma expectativa dos bolsistas em atuar em escola de Ensino Médio, em julho de 2013 o Subprojeto passou a ser desenvolvido no Colégio Estadual de Pato Branco. A transferência de instituição ocorreu de forma tranquila, com a concordância de ambas as direções das instituições em questão. A tabela a seguir resume e apresenta resultados das atividades nas instituições parceiras do Subprojeto PIBID: Docência em Inglês.

Atividades Práticas na Escola	
Atividade	Breve Descrição/Comentário
Apresentação dos alunos na escola	Escola Est. Carmela Bortot- setembro de 2011. Os bolsistas visitaram a Escola Est. Carmela Bortot juntamente com a professora coordenadora e foram recebidos pela Diretora da Escola e convidados a participar como ouvintes das atividades de planejamento de atividades para o segundo semestre de 2011. Também houve a apresentação do Subprojeto e dos alunos bolsistas à equipe pedagógica e professores da escola. Colégio Estadual de Pato Branco- junho de 2013. Em reunião, a Professora Coordenadora de Área apresentou o Subprojeto e os bolsistas às Pedagogas e Professora Supervisora. As pedagogas fizeram uma breve explanação do funcionamento do Colégio e das regras a serem seguidas para boa inserção na escola.
Observação de aulas e assistência aos docentes e discentes	Durante todo o desenvolvimento do Subprojeto: os alunos bolsistas observaram as aulas e auxiliaram as Professoras Supervisoras e outras da instituição em questões práticas na sala de aula como: vistar tarefas, auxiliar os alunos com dificuldades na realização das atividades propostas em sala de aula, verificar se os alunos trouxeram o material necessário para as aulas de inglês, buscar materiais na secretaria, digitar e auxiliar na correção de avaliações e atividades. A observação permitiu analisar os diferentes encaminhamentos metodológicos, as relações estabelecidas em sala de aula, as questões práticas da rotina escolar e a forma como a aprendizagem se processa. Enquanto que o apoio em questões práticas e burocráticas possibilitaram uma visão dos diferentes universos que compreendem a Educação Básica.

Tabela 2: Atividades Práticas na Escola.

<p>Monitoria</p>	<p>Os bolsistas prestaram atendimento individualizado no contra-turno a alunos que não conseguiam ter uma efetiva participação e/ou aprendizagem em sala de aula, aplicaram provas e trabalhos de segunda chamada. O acompanhamento aos alunos com dificuldade de aprendizagem suscitou reflexões sobre processos cognitivos, enquanto que o atendimento individualizado a alunos com problemas comportamentais permitiu a análise de questões relacionadas à motivação e afetividade, pois constatou-se que os mesmos, em sua maioria, não tinham interesse nas aulas porque em algum momento não aprenderam e desde então “desistiram” da disciplina. Em ambos os casos percebe-se que após alguns atendimentos os alunos retornam para a sala mais confiantes e começam a participar das aulas, tendo sido essa mudança significativa para o aproveitamento de vários alunos, principalmente dos 6º anos, tendo resultados positivos nas aprovações de alunos.</p>
<p>Oficinas no contra-turno: Prática docente e produção de material didático</p>	<p>Organizados em pares ou individualmente, os bolsistas desenvolveram e aplicaram atividades a partir de diferentes temáticas (valores morais e éticos, consumismo, alimentação saudável, meio ambiente, etc) e mediadas pelo procedimento metodológico de Sequência Didática, ou seja, em torno de gêneros textuais.</p> <p>Oficinas desenvolvidas na Escola Estadual Carmela Bortot –EF: de outubro de 2011 a junho de 2013</p> <p>Produção textual de fábulas, leitura e produção textual de propagandas institucionais e não institucionais, leitura e produção de “fact-file” de países; leitura de poesias.</p> <p>Planejamento e execução de Oficinas no Colégio Estadual de Pato Branco – EF e EM: setembro a novembro de 2013.</p> <p>Planejadas:</p> <p>Música: compreensão de letras de música de temas diversos em Inglês, desenvolvimento de pronúncia e entonação em Inglês.</p> <p>Folhetos turísticos: Compreensão e produção textual de folhetos turísticos.</p> <p>Contos de terror: Compreensão de contos de terror (contos de Poe).</p> <p>Planejadas e executadas:</p> <p>Propagandas: Leitura de propagandas institucionais e não institucionais e produção escrita de propagandas institucionais; argumentação.</p> <p>Diálogos cinematográficos: compreensão oral e escrita, dramatização de diálogos.</p> <p>Os resultados obtidos permitem afirmar que ao planejarem, elaborarem material didático e aplicarem a SD em torno de gêneros textuais e literários os alunos -bolsistas ficaram motivados a refletir sobre questões didáticas, processos cognitivos e os diferentes caminhos/possibilidades que permeiam o processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.</p>
<p>Leitura de textos oficiais e de literatura na área</p>	<p>Leitura do Regimento Escolar, dos PCNs (BRASIL, 1997) e DCEs (PARANÁ, 2008) e das orientações contidas no Livro Didático adotado pelo estabelecimento de ensino são obrigatórias aos alunos-bolsistas. A atividade permitiu refletir sobre questões legais e teórico-metodológicas que sustentam o ensino de Língua Estrangeira Moderna no estabelecimento de ensino.</p>

Organização de evento e preparação de alunos para apresentações artístico-culturais	Na Escola Estadual Carmela Bortot, a equipe PIBID protagonizou a organização do evento de confraternização de final de ano “Christmas Time” das edições de 2011 e 2012, preparando os alunos para as apresentações artístico-culturais, tais como: canto, teatro e poesia em Língua Inglesa e contribuindo em todas as etapas do evento. No Colégio Estadual de Pato Branco, os bolsistas contribuíram na organização dos eventos artístico-culturais propostos pelo estabelecimento no segundo semestre de 2013.
---	--

É importante salientar que é a partir das atividades na escola que os alunos-bolsistas puderam vivenciar situações reais de ensino e aprendizagem no cotidiano da escola.

Muito se questiona sobre a formação de professores com relação à inserção de acadêmicos nas escolas. Neste sentido, a forma como o PIBID está estruturado e vem ganhando espaço parece responder ao anseio dos professores-formadores, uma vez que os alunos-bolsistas são levados a se aproximar e conhecer a realidade da escola em forma de um estágio de vivência. Assim, a partir do arcabouço teórico construído na graduação, esses podem refletir criticamente sobre a realidade que conhecem e interferir na escola teorizando a prática docente a partir de atividades ali desenvolvidas.

Atividades integradoras e interacionais

As atividades integradoras referem-se às atividades de participação em eventos científicos regionais, nacionais e internacionais. Ao participarem dos eventos, os bolsistas não só apresentam seus trabalhos na escola e de pesquisa como também têm a oportunidade de integrar e interagir com outros bolsistas (de diferentes níveis), conhecer trabalhos que são desenvolvidos por bolsistas de diferentes licenciaturas se o evento é específico do PIBID e, em caso de não especificidade, interagir com pesquisadores da área de linguagem, língua e literaturas de Língua inglesa. A tabela abaixo apresenta a síntese de trabalhos com breves comentários referentes aos resultados obtidos.

Atividades Integradoras e Interacionais	
Evento	Breve Descrição e Comentários
I Jornada de Integração do PIBID	Promovido pela UTFPR Câmpus Pato Branco e realizado em junho de 2011, o evento teve o objetivo de integrar os bolsistas PIBID do Câmpus das Licenciaturas de Química, Português, Matemática e Inglês. Ainda antes de serem inseridos na escola, os bolsistas do Subprojeto PIBID Inglês participaram como ouvintes e observaram trabalhos de pesquisa de bolsistas veteranos.
I Fórum de Áreas do PIBID	O objetivo do evento foi o de estabelecer e estreitar as relações entre as universidades federais do Paraná (UTFPR e UFPR), e entre elas e a Secretaria de Educação do Estado do Paraná, bem como provocar e contribuir para uma transformação e melhoria na Educação Básica e na Educação Superior relacionada aos Cursos de Licenciatura. Ocorreu em 1º de outubro de 2011 na UTFPR Câmpus Curitiba. Os bolsistas do Subprojeto participaram como ouvintes.

Tabela 3:
Atividades Integradoras e Interacionais.

II Seminário de Extensão e Inovação da UTFPR –II SEI	Evento da UTFPR com objetivo de socializar e promover ações/atividades de extensão. Ocorreu em setembro de 2012 na UTFPR Câmpus Curitiba. No evento os 10 bolsistas apresentaram trabalhos referentes às suas pesquisas e a relatos de experiência no PIBID na modalidade pôster.
II Jornada Internacional de Estudos de discurso e I Encontro internacional de Imagem e discurso	II JIED/I EID- UEM/ Maringá, março 2012. A coordenadora de área apresentou de trabalho em comunicação oral e publicação de artigo “PIBID: DOCÊNCIA EM INGLÊS: foco na formação do professor de inglês em uma perspectiva de gêneros textuais, nos anais do evento (anais.jiedimagem.com.br).
X Círculo de Estudos Linguísticos do Sul	X CELSUL - UNIOESTE Cascavel/PR out 2012 A coordenadora de área apresentou o trabalho “Formação de professores de Inglês: dois projetos , um só objetivo” em comunicação oral.
IV Encontro Internacional de Letras	IV Encontro Internacional de Letras – UNIOESTE - Cascavel dez 2012 2 alunos bolsistas apresentação seus trabalhos em foma de comunicação oral e um bolsista publicou o trabalho em anais do evento.
IV Congresso Latino Americano de Formação de Professores de Inglês	IV CLAFPL- Universidade de Brasília – Brasília – fevereiro de 2013 Apresentação de trabalho em comunicação oral pela coordenadora de área e de trabalho, resultados parciais de pesquisa científica, na modalidade pôster por uma aluna bolsista.
Challenges of teaching English in Public Schools	Evento promovido pelo PIBID Inglês da UTFPR Câmpus Curitiba em junho de 2013. O evento teve o objetivo de discutir assuntos relacionados ao ensino e a aprendizagem de Língua Inglesa em escolas públicas no Brasil e agregou professores, acadêmicos e pesquisadores da área de Língua Inglesa. (ver http://www.pibidingles.ct.utfpr.edu.br/). A Professora Coordenadora participou de mesa redonda juntamente com as Professoras Vera L. L. Cristovão (UEL/PR) e Miriam Retorta (UTFPR Câmpus Curitiba). Os bolsistas apresentaram em comunicação oral em língua inglesa uma síntese das atividades desenvolvidas no Subprojeto.
IV Congresso Nacional de Linguagens e Interação: Múltiplos Olhares-	IV CONALLI Universidade Estadual de Maringá – Maringá, junho 2013 Apresentação de 2 trabalhos em forma de comunicação oral e publicação de 1 artigo nos anais do evento, cujo título é Algumas reflexões sobre produções textuais em inglês em torno do gênero fábula. O artigo é resultado da pesquisa desenvolvida no Subprojeto.
III Seminário de Extensão e Inovação da UTFPR	III SEI – A 3ª edição do Seminário de Extensão e Inovação da UTFPR -setembro de 2013 na UTFPR Câmpus Dois Vizinhos/PR. Dois trabalhos no âmbito do Subprojeto foram apresentados por bolsistas na modalidade pôster. Demais bolsistas participaram como ouvintes.
II Fórum de Áreas do PIBID do PR: O lugar do PIBID numa política estadual de formação de professores	O 2º. Fórum de Áreas do PIBID PR - setembro de 2013 na UFPR em Curitiba/PR. A edição de 2013 ampliou a atuação das Universidades do Paraná (em número de 11) que juntamente com a Secretaria de Educação do Paraná discutiram o papel do PIBID na Educação Superior e Básica. A Professora Coordenadora de Área participou do evento.

Como podemos observar pela leitura da Tabela 3, as atividades integradoras e interacionais devem ser entendidas em um sentido amplo, uma vez que promovem o encontro dos alunos bolsistas com outros acadêmicos, professores e pesquisadores da área, ampliando assim seus horizontes e conhecimentos. Ademais, a participação dos bolsistas em eventos científicos e a publicação de textos foi uma das formas de mostrar a síntese do conhecimento construído no Subprojeto, bem como de oportunizar a difusão das atividades nele desenvolvidas.

Atividades colaborativas pró-subprojeto

As atividades colaborativas pró-projeto referiam-se às atividades que visavam dar suporte à viabilização das várias atividades do Subprojeto e eram comumente discutidas em reuniões deliberativas para tomada de decisões. Dentre tais atividades teve-se, por exemplo: pesquisa de preços para aquisição de materiais e uniformes; contabilidade do Subprojeto; design e manutenção do blog do grupo (<http://pibiderspb.blogspot.com>); e registro e arquivamento de documentação pertinente ao Subprojeto. É importante salientar que todas as reuniões deliberativas foram registradas em formas de atas. O desenvolvimento das atividades acima contribuiu para o envolvimento de todos os bolsistas no Subprojeto, uma vez que os alunos participaram das tomadas de decisões das diferentes atividades do Subprojeto.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste texto, procurei relatar e discutir as principais atividades desenvolvidas no âmbito do Subprojeto PIBID: docência em Inglês – Edital Capes 2011 - da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato Branco de agosto de 2011 a fevereiro de 2013. Dentre as atividades, destaco o relato das atividades didático-pedagógicas desenvolvidas à luz dos pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo, o qual embasa teórica e filosoficamente o Subprojeto.

Acredito que podemos considerar positivos os resultados obtidos no Subprojeto, uma vez que: a) as atividades correspondentes aos objetivos do Subprojeto (ver seção 1) foram desenvolvidas adequadamente através das diferentes atividades didático-pedagógicas. Como exemplo, cito a) a atividade de organização de evento de confraternização de final de ano na Escola Bortot que obteve sucesso nas duas edições, ou seja, em 2011 e 2012; b) os alunos da Escola Estadual Carmela Bortot se mostraram mais interessados nas aulas de Inglês, bem como mostraram evidências de melhoria na aprendizagem, conforme relatos dos alunos-bolsistas e da professora Supervisora; c) os alunos do Colégio Estadual de Pato Branco adaptaram-se rapidamente com os bolsistas e disseram que a presença dos mesmos em sala de aula os ajudando na compreensão de atividades e conteúdos foi importante para a aprendizagem de inglês, segundo relato da Professora Supervisora; d) as Professoras Supervisoras, em número de 4 procuraram integrar e orientar os alunos-bolsistas nas atividades didático-pedagógicas, tornando-se copartícipes para a formação docente dos bolsistas; e e) as Direções e Equipes Pedagógicas das escolas parceiras apoiaram os bolsistas e as atividades propostas pelo Subprojeto.

É importante também registrar, mesmo que de maneira bastante sucinta, algumas das principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do Subprojeto. Na Escola Estadual Carmela Bortot uma das principais dificuldades encontradas foi devido ao pequeno porte da escola resultando na falta de espaço físico para o desen-

volvimento das atividades no contra turno. Também no Colégio Estadual de Pato Branco, embora considerado de porte médio. Nesse, devido à maior oferta/procura por aulas no turno diurno foi difícil conciliar atividades de monitoria aos alunos com dificuldades ou oferta de oficinas por falta de sala de aula para o desenvolvimento dessas atividades.

Outro fator limitador, segundo relatos dos bolsistas e supervisoras, refere-se à indisciplina na escola e à falta de interesse dos alunos nas aulas em geral e em específico, nas aulas de Inglês. Já no início do Subprojeto a indisciplina em sala de aula de Inglês chamou a atenção dos bolsistas e desde então foi tema frequente nas reuniões formativas. Neste sentido, nós Professoras, Coordenadora e Supervisoras, procuramos chamar a atenção dos bolsistas para analisar essa questão de forma mais ampla, entendendo a indisciplina não apenas como um aspecto da subjetividade dos alunos, mas sim como resultado de fatores socioculturais, contextuais, afetivos e de um mundo plural, porém sem deixar de dar atenção especial à questão.

Com relação às atividades na Universidade, os alunos disseram ter dificuldades em conciliar o grande volume de leituras solicitadas no Subprojeto PIBID e no Curso de Letras, como também em entender novos conceitos e terminologias. Acredito ter sido esse aspecto referente a uma fase de desenvolvimento /maturidade dos bolsistas iniciantes, à medida que foram tendo mais contato com textos e com os contextos das escolas.

Por fim, ao refletir sobre a trajetória do Subprojeto PIBID: Docência em Inglês da UTFPR Câmpus Pato Branco e das atividades prescritas, planejadas realizadas ou não, parece-me que o saldo foi positivo. Entendo que o sucesso em qualquer atividade depende, não exclusivamente, mas muito do comprometimento com a atividade e da interação entre seus agentes, o que pôde ser observado durante a execução do subprojeto.

Para finalizar, é importante dizer que, no subprojeto, procuramos construir o diálogo necessário para negociações de sentido e entusiasmar os bolsistas para participarem ativamente e construir identidades de professores de Inglês, a partir das diferentes atividades executadas e dessa forma estabelecendo relações entre teoria e prática. Quanto aos alunos-bolsistas, esses se autominaram pibiders já no início das atividades do Subprojeto. Em outras palavras, certa vez, perguntei-lhes se ao autominarem pibiders eles estavam conscientes do significado do termo que haviam cunhado a partir do sufixo ‘-er’ que em Inglês uma de suas significações refere-se a aquele ou algo que desenvolve uma ação. A resposta à questão foi

“pibiders” porque temos o compromisso e a responsabilidade de desenvolver ações que vem ao encontro da dimensão desse importante programa, ou seja, de sermos agentes de nossa própria formação e da formação dos alunos na escola na qual estamos inseridos (PIBIDERS, Encontro Formativo 16/12/2011).

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C. **Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica.** IBPEX, Curitiba, 1998.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte.** Trad. C. Tezza; C. Faraco (mimeo), 1926.

_____. The problem of genre speech. In: BAKHTIN, M. M. **Speech genres and other late essays.** Austin: University of Texas Press, 1986. p. 60-102.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL–CAPES. Programa de bolsas de iniciação à docência – PIBID. Edital n. 001/2011.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental, língua estrangeira.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 120 p.

BRONCKART, J. P. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores.** São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

_____. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano.** São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

_____. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo.** 2. ed. São Paulo: Educ, 2003.

_____. PLAZAOLA GIGER, I. **La transposition didactique: histoire et perspectives d'une problématique fondatrice.** Pratiques, 1998, p. 97-98.

CRISTÓVÃO, V. L. L. Modelo didático de gênero como instrumento para formação de professores. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros textuais.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

_____. (Org.). **Estudos da linguagem à luz do interacionismo sociodiscursivo.** Londrina: UEL, 2008.

_____. Aprendendo a planificar o próprio trabalho: gêneros textuais na formação de professores de língua estrangeira. In: CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. **Gêneros textuais: teoria e prática II.** Palmas, União da Vitória: Kaygangue, 2005. p. 153-162.

DE PIETRO, J. F.; ÉRARD, S.; KANEMAN-POUGATCH, M. **Um modelo didático do 'debate' do objeto social à prática escolar.** Enjeux, 39/40, p. 100-129, 1997.

DENARDI, A. C. D. O desenvolvimento do professor de inglês em uma perspectiva de

gêneros textuais. In: BUENO, L.; TEIXEIRA LOPES, M. A. P. ; CRISTOVÃO, V. L. L.(Org.). **Gêneros textuais e formação inicial: homenagem a Malu Matêncio**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

_____. Subprojeto: docência em inglês. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID – Edital n. 001/2011/CAPES.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Os gêneros orais e escritos na escola**. Trad. R. Rojo e G. S. Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

_____; SCHNEUWLY, B.; DE PIETRO, J. F. Relato da elaboração de uma sequência: o debate público. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Os gêneros orais e escritos na escola**. Trad.: R. Rojo e G. S. Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 247-278.

_____; SHENEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: R. Rojo, & G. S. Cordeiro. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 41-70.

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. London; New York: Longman, 1995.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (1987). Documento Final do 1º. Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Brasília: SIu/MEC.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HEBERLE, V. **Observing EFL primary and secondary schools: a research task in Applied Linguistics**. Ilha do Desterro, Florianópolis, n. 41, 2001.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista discursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L. et al. (Org.). **Gêneros, teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 237-259.

_____. A transposição do conhecimento científico para o contexto de ensino: as necessidades e as dificuldades. Seminário sobre critérios de avaliação de livros didáticos 6ª a 8ª séries. Brasília: Ministério de Educação e de Desporto, 1997. (Mimeo).

_____; CRISTÓVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 6, n. 3, 2006. NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. São Carlos: Clara Luz, 2009.

PARANÁ. Diretrizes curriculares de língua estrangeira moderna para a educação bá-

sica. Secretaria do Estado de Educação do Paraná, 2008.

PETRECHE, C. R. C. **A seqüência didática nas aulas de língua inglesa do ensino médio e o desenvolvimento das capacidades de linguagem.** Dissertação de Mestrado. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

RICHARDS, J. C. The scope of second language teacher education. In: RICHARDS, J. C. (Org.). **Beyond training.** Cambridge: Cambridge University Press. 1998. p. 1-48.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Os gêneros orais e escritos na escola.** Trad.: R. Rojo e G. S. Cordeiro. Mercado das Letras, 2004.

_____; DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, p. 5-16, 1999.

SHULMAN, L. S. **Knowledge and teaching: foundations of the new reform.** Harvard Educational Review, 57/1, p. 1-22, 1987.

UR, P. **A course in language teaching.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

DENARDI, Didiê Ceni. Subprojeto PIBID: extensão universitária para a formação de professores de língua inglesa. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 86-101, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 8 jul. 2014.

Aceito em: 28 set. 2014.

O câncer infantil sob vários olhares

Marielelem Pazzinato¹
Tatiane Piazza²
Suraia Estacia Ambros³

¹ Marielelem Pazzinato é psicóloga graduada pela Universidade de Passo Fundo. Atua como Psicóloga Organizacional em empresa desde abril de 2014. E-mail: marielem-pazzinato@yahoo.com.br.

² Tatiane Piazza é psicóloga graduada pela Universidade de Passo Fundo. Atua como Psicóloga Clínica em consultório particular desde maio de 2014. E-mail: taty_piazza@hotmail.com.

³ Suraia Estacia Ambros é psicóloga graduada pela Universidade de Passo Fundo. Atua como Psicóloga Clínica em consultório particular, é Mestre em Psicologia Clínica (ISPA) e Mestre em Educação (UPF) desde 1983. E-mail: suraia@upf.br.

RESUMO

O estudo buscou investigar as reações do câncer infantil na dinâmica familiar, bem como compreender a relação dos profissionais e cuidadores com as crianças em tratamento e seus pais. Participaram deste estudo cinco pais/responsáveis das crianças com câncer, dois psicólogos, um médico oncologista infantil e uma enfermeira que trabalham diretamente com a doença, além de duas cuidadoras de uma instituição que hospeda os pais e as crianças que necessitam de tratamento oncológico, em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Utilizou-se a entrevista semi-estruturada como método de coleta de dados, realizada em um encontro com cada profissional e cuidador, e em dois encontros individuais com os pais. Evidenciou-se o forte impacto emocional que o câncer infantil causa em toda a família, nos cuidadores e equipe multidisciplinar. A intervenção do psicólogo assume importância fundamental como elemento mediador e facilitador no processo de enfrentamento e tratamento.

Palavras Chave: Psico Oncologia Infantil; Pais de pacientes; Profissionais oncológicos.

The Childhood Cancer Looks Under Various

ABSTRACT

The study sought to investigate the reactions of childhood cancer in the family dynamics, as well as understand the relationship between professionals and caregivers with children in treatment and their parents. The study included five parents / guardians of children with cancer, two psychologists, a children's oncologist and a nurse working directly with disease, and two caretakers of an institution that houses the parents and children who need cancer treatment, in a town in the interior of Rio Grande do Sul. used to semi-structured interview as the data collection method, in a meeting held with each and caregiver, and two individual meetings with parents. Revealed a strong emotional impact that childhood cancer causes throughout the family, carers and the multidisciplinary team. The intervention of the psychologist is of fundamental importance as a mediator and facilitator element in coping and treatment process.

Keywords: Pediatric Psycho-oncology; Patients' parents; Oncologists.

INTRODUÇÃO

Compreender o estado psicológico de uma pessoa é importante não só quanto à geração da doença, mas também durante o processo de cura, além de englobar as relações estabelecidas por todos os que se envolvem nos cuidados que demandam. O câncer infantil, devido à tenra idade que atinge os pacientes, mobiliza ainda mais os sentimentos de todas as pessoas que com a criança se envolvem durante o tratamento,

exigindo uma abordagem psicológica.

Atualmente o câncer é uma doença de grande incidência que causa danos tanto físicos quanto psicológicos, devido a isso, nesta pesquisa, buscaremos identificar o papel do psicólogo frente aos danos psíquicos desencadeados pela doença.

De acordo com Cardoso (2007), quando se trata do câncer infantil, os fatores de risco ainda não são claros, ao contrário dos cânceres nos adultos, que além do fator hereditário, também é influenciado por fatores ambientais, hábitos alimentares, estilo de vida e aspectos emocionais. Portanto, como a prevenção ainda não é possível, o diagnóstico precoce do câncer infantil torna-se ainda mais importante.

Mesmo com os constantes avanços tecnológicos na detecção e tratamento do câncer, ele ainda é extremamente temido e fortemente associado à morte, desencadeando uma reação emocional, o que demanda a presença do psicólogo para intervir junto ao paciente, ao familiar e aos demais profissionais envolvidos. Quando o portador de câncer é uma criança, não há como não falar da família, pois os danos causados pela doença afetam também seus familiares de forma muito intensa, afinal estes têm papel fundamental no tratamento do paciente (CARDOSO, 2007).

Considerando a vulnerabilidade dos pais diante de todo esse processo de doença e tratamento e a oportunidade de ter em nosso meio uma instituição que abriga e trabalha com eles se dispondo a participar da pesquisa, buscamos investigar formas de intervenção e contribuição através da psicologia para minimizar o sofrimento.

Silva (2009) tece que uma das características da atenção ao paciente oncológico é a possibilidade de um envolvimento emocional mais estreito do profissional com o paciente e seus familiares, visto que, geralmente, o tratamento é longo, sendo as hospitalizações e retornos bastante frequentes. O contato com a fragilidade humana e com as expressões psicológicas de desamparo, medo, desespero, pânico, depressão, agressividade e tantas outras que estão associadas ao fenômeno do adoecer, são experiências vividas constantemente no cotidiano profissional. Visto que tanto pacientes, familiares e profissionais se envolvem emocionalmente com a doença que repercute nos aspectos psíquicos de cada um, a presença de um psicólogo torna-se indispensável neste momento.

Em caso de pacientes com câncer, as intervenções não se atêm unicamente aos aspectos psicológicos, mas se propõem a lidar com a dinâmica psicossocial que está presente, nela se incluem os profissionais (CARVALHO; LIBERATO, 2008). Estes, também podem precisar de orientação e suporte psicológico, pois cada situação por mais que se repita é experimentada e enfrentada de formas diferentes (LIONE, 2008).

Esta pesquisa objetiva, portanto, contribuir com o aprendizado dos psicólogos na atuação da problemática do câncer infantil visando oferecer suporte para que os envolvidos com a doença consigam através do apoio psicológico, enfrentar o tratamento e suas demandas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa buscou através de um estudo exploratório, realizar descrições precisas das situações e descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da pesquisa. Tal estudo teve por objetivo se familiarizar com o fenômeno, obter nova percepção do mesmo e descobrir novas ideias (CERVO; BERVIAN, 2002).

Este estudo está dentro de uma abordagem qualitativa que consiste em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. A pesquisa buscou através da análise descritiva investigar a descoberta do diagnóstico, as consequências da doença na dinâmica familiar e na vida social da criança, visou avaliar também a reorganização e aceitação das implicações causadas pela doença, bem como compreender como se dá a relação dos profissionais e cuidadores com as crianças em tratamento e com seus pais/responsáveis diante da debilidade ocasionada pela doença.

Inicialmente submetemos a presente pesquisa ao Comitê de Ética e após sua aprovação iniciou-se a coleta e análise dos dados obtidos. Desta forma, entrou-se em contato com os possíveis participantes indicados pela instituição colaboradora, e com aceitação dos mesmos, deu-se início a coleta de dados através de entrevistas semi-estruturadas, realizadas individualmente com cada participante. Após a coleta de dados, o material foi analisado de acordo com a bibliografia e concluído dentro do direcionamento dado a pesquisa.

O local onde foi feita a coleta de dados, com os cuidadores e profissionais, encontra-se no interior do estado do Rio Grande do Sul, sendo esta uma instituição filantrópica que trabalha em prol de pacientes com câncer, adultos ou crianças.

Essa instituição está há três décadas realizando trabalho voluntário com foco na prevenção e orientação aos portadores de câncer, abrigando adultos, crianças e seus familiares da cidade ou região. É mantida através de recursos das atividades promovidas e de doações.

Os participantes foram indicados pela instituição que hospeda os pais e as crianças que necessitam do tratamento, como também os profissionais e cuidadores envolvidos durante o período da pesquisa. Na população analisada constou um grupo de cinco (5) pais/responsáveis das crianças com câncer, dois (2) psicólogos, um (1) médico oncologista infantil e uma (1) enfermeira que lida diretamente com a doença, além de duas (2) cuidadoras da instituição analisada, totalizando onze pessoas. Os critérios de inclusão foram: 1) pais de crianças em tratamento de câncer ou em manutenção do mesmo com idades correspondentes de 0 a 12 anos; 2) profissionais e cuidadores em contato direto com crianças portadoras de câncer; 3) concordarem, mediante a exposição dos objetivos, a participarem do estudo; 4) obterem e apresentarem às alunas pesquisadoras o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

A entrevista foi utilizada como instrumento para coleta de dados sendo a mesma muito comum por pesquisadores das ciências sociais e psicológicas. Recorrem esses à entrevista sempre que têm necessidades de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais e que podem ser fornecidos por certas pessoas (CERVO; BERVIAN, 2002).

Utilizou-se a metodologia de entrevistas semi-estruturadas, na qual foi aplicada a todos os participantes, ocorrendo em um encontro com os profissionais e cuidadores e em dois encontros com os pais, sendo que no último foi realizado uma “conversa” com o intuito de acompanhar a evolução do tratamento e fornecer apoio psicológico e emocional quando necessário, assim evitando os riscos que poderiam ser causados pela pesquisa.

De acordo com Manzini (2004), a entrevista semi-estruturada é uma forma de coleta de dados, pois insere um espectro conceitual maior que é a interação propriamente dita, que se dá no momento da coleta. Ou seja, a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem, favorecendo não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão na sua totalidade.

Após foi solicitado à instituição que auxiliasse na indicação dos sujeitos prováveis para o estudo, fazendo assim o contato através do telefone com os sujeitos indicados, expondo os objetivos da pesquisa e convidando-os para participarem da mesma, após a aceitação dos mesmos, combinamos um local adequado para realizarmos a entrevista. Mediante a aprovação, receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os encontros aconteceram com os indivíduos em horários flexíveis e em locais alternados de acordo com a disponibilidade de cada um. Os mesmos tiveram a duração em média de trinta minutos cada um.

Os encontros com os profissionais foram norteados com as seguintes questões:

- 1) Devido ao câncer ser uma doença que desperta a fragilidade emocional familiar, como você costuma agir nessas situações com os familiares?
- 2) Como podes definir a relação que normalmente se estabelece entre você como profissional, com a criança em tratamento e sua família?
- 3) Como você costuma dar suporte aos pais e as crianças perante o diagnóstico?
- 4) O que você acha que é necessário neste momento de dor para confortar os familiares?
- 5) Incluirias a participação de um psicólogo? Se sim, como pensa que poderia ser?

E nos encontros com os pais/responsáveis com as questões citadas abaixo:

- 1) Quais foram os primeiros sinais evidenciados que levaram a descoberta do câncer?
- 2) Poderias definir qual foi sua reação perante o diagnóstico dado?
- 3) De que forma o diagnóstico foi comunicado a criança?
- 4) Quais as mudanças que ocorreram na rotina familiar e na vida social da criança?
- 5) Com seu(ua) filho(a) está enfrentando o tratamento prescrito?
- 6) Na sua percepção, de que forma a família está reagindo diante da situação após o diagnóstico ?
- 7) Consideras que o acompanhamento de um psicólogo possa auxiliar no processo de enfrentamento? Se sim, de que forma?

Tabela dos sujeitos participantes

Pais - Responsáveis	Filho (a), sexo	Idade da criança	Diagnóstico	Estágio do tratamento
Pai A	Filho A – masculino	11 anos	Leucemia	Final
Mãe B	Filho B – masculino	7 anos	Leucemia	Final
Pai C	Filho C – masculino	12 anos	Câncer de abdômen	Inicial
Mãe D	Filha D – feminino	1 ano	Tumor Embrionário Endoderme	Inicial
Mãe E	Filha E – feminino	5 anos	Leucemia	Final

Tabela 1: Dados com informações dos Pais/responsáveis analisados na pesquisa. (Fonte: Autoras da pesquisa).

Profissionais e Cuidadores	Profissão	Sexo	Local de trabalho	Tempo de trabalho
Cuidadora 01	Cuidadora voluntária 01 (farmacêutica)	Feminino	Instituição	5 anos
Cuidadora 02	Cuidadora voluntária 02 (professora)	Feminino	Instituição	8 anos
Enfermeira	Enfermeira de hospital geral	Feminino	Hospital	14 anos
Médico	Médico de hospital geral	Masculino	Hospital	5 anos
Psicólogo	Psicólogo voluntário	Masculino	Instituição	1 ano
Psicóloga	Psicóloga de hospital geral	Feminino	Hospital	7 anos

Tabela 2: Dados com informações dos Profissionais e cuidadores analisados na pesquisa (Fonte: Autoras da pesquisa).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através de pesquisas e estudos já realizados diante da temática apresentada, comparamos os dados obtidos para realização da presente análise e discussão dos dados. Dessa forma, ressalta-se algumas das questões mais relevantes e com maior impacto aos que vivenciam e acompanham a criança em tratamento oncológico.

Reações dos pais diante do diagnóstico

Inicialmente iremos nos deter nos sentimentos causados aos pais quando recebem a notícia de que seu filho tem câncer. Percebeu-se que a reação da grande maioria deles ao relatar a experiência, foi o choque e a incredulidade, visto nas falas abaixo:

Nos primeiros dias foi desesperador, depois passou. Eu sempre fui firme, a mulher que se abalou mais, principalmente quando fomos em oito familiares fazer exame de compatibilidade de medula e ninguém foi compatível, ficou com depressão e ainda esta se tratando. (Pai A)

Foi um susto, a gente não esta preparado pra isso, parecia que ia desabar o mundo, a gente vê só em televisão esse tipo de coisa, nunca pensamos que poderia acontecer com a gente. Agora que a gente já está sabendo da condição, foi bem informado, que não precisa ter medo, que é só uma fase, então estamos tranquilos e ele também. (Pai C)

Dupas et. al. (2012) descrevem, que as reações iniciais dos pais são o choque, a confusão, o medo e uma tensão que acaba refletindo em toda a família. Os pais de uma criança com câncer, frente ao seu papel, buscam informações, conhecimento e compreensão sobre a doença, para que possam se sentir capazes de cuidar do filho, conseguindo assim diminuir significativamente seu estado de estresse e ansiedade.

A recusa em acreditar é a expressão de um processo complexo, que é resultado de duas atitudes contraditórias: dever acreditar no acontecimento cuja realidade parece incerta, e por outro lado, não acreditar que isso pudesse acontecer algum dia (BRUN, 1996).

Essa incredulidade se torna ainda maior, quando se trata de uma criança que até então se desenvolveu de uma maneira saudável, visto na fala da Mãe E:

[...] porque não achava que era uma doença assim, ninguém imaginava porque ela era uma menina saudável, menina normal, ela brincava, ela comia, e de um dia pro outro isso, em um mês ela começou a ficar doente, ai a gente perdeu o chão, começamos a ficar desesperados. É bem complicado, e daí tu fica assim, pensando da onde que vem, porque dá neles né? (Mãe E)

De acordo com Ramalho e Valle (2008), o diagnóstico de câncer de um filho marca um momento de incertezas e de angústias diante da possibilidade de morte.

Ao entrar em contato com os primeiros sinais da doença do filho, os pais vivem a experiência de consultarem vários especialistas e realizarem diversos exames para chegarem ao diagnóstico, vivendo por vezes a expectativa de ouvir do médico que não encontrou nada de errado, embora perceba o problema se agravando (FERREIRA et. al., 2010).

Ela caiu primeiro, na verdade não sofreu uma queda, mas ela caiu bastante forte, daí saiu um caroço, e trouxemos ela na emergência, o raio-x não mostrou nada, falaram que era uma lesão devido ao tombo que ela teve. Ai não fiquei contente com o resultado do exame e fui atrás do pediatra dela, que me falou exatamente a mesma coisa, então eu fiquei muito indignada. Ela começou a decair muito, começou a não querer mais ficar sentada, bastante chorosa, ai começou a ter dificuldade pra fazer coco, xixi, ai eu resolvi levar ela, e marquei (em outro hospital local), fizemos uma ressonância e ai descobriram o diagnóstico. (Mãe D)

De acordo com Franco (2008), a impotência e a incerteza são sentimentos presentes em todas as etapas da doença. Desta forma, é compreensível a busca de outros profissionais para a comprovação do diagnóstico, especialmente na fase inicial da do-

ença.

A gente levava no médico e ele dizia que era gordura, que ele tinha que correr. Foi feito os exames, ecografia e tomografia e foi identificada a lesão. Assim ele foi encaminhado para cá, porque a gente mora em outra cidade [...]. (Pai C)

[...] mas a Dra. aonde eu tratava ela, achou que era uma anemia simples, mas já moderada, avançadinha, daí foi onde que tivemos que esperar, ficar quase um mês pra fazer exame de novo, foi onde eu resolvi consultar com outro médico, onde deu o resultado de leucemia, daí foi feito punção de medula, onde foi descoberto [...]. (Mãe E)

Desde o momento em que os pais percebem modificações na criança, até a familiarização com a doença do filho, chegam à etapa de descobrirem-se pais de uma criança com câncer. A descoberta da doença causa um grande impacto tanto nos pais como em toda a família. Surge inesperadamente, causando muito medo, pois o nome da doença carrega o significado de sofrimento e possível morte (DUPAS et. al., 2012), como visto em uma fala da Mãe D: “É um nome feio que a gente nem gosta de falar [...]”

Nenhuma mãe diz que seu filho teve câncer como falaria de um resfriado, e, no entanto, teríamos razão de pensar que ela pensa assim em vista da desorientação que experimenta ao se sentir privada de apoio (BRUN, 1996).

Ramalho e Valle (2008) ressaltam que ao lado dos medos, inquietações e preocupações, a família precisa encontrar forças para poder ajudar a criança doente a reagir bem, tanto física quanto emocionalmente, diante das condições que a doença e o tratamento impõem.

A gente tem um pouco de medo, eu achava que ele ia melhorar até um pouquinho mais, que não ia existir essa dificuldade para alimentação. Mas estamos tranquilos, ele se ajuda muito e a nossa amizade é grande, a gente não briga, não discute, às vezes um pouquinho mas faz parte. (Pai C)

No entanto ao buscarem força para encararem a doença, Dupas et. al. (2012) dizem que os pais descobrem que esta força é dada pelo próprio filho, quando demonstra estar com os pés no chão, sendo forte e lutador. Este postulado se comprova através dos depoimentos dos pais:

Ele foi um gigante, passou de cabeça erguida, ele ia faceiro para as quimios porque era mais uma que ele eliminava.[...] Ele nem se importou, teve que raspar a cabeça seis vezes e logo depois do transplante começou a nascer pelos por todo o corpo, mas logo caíram e os cabelos nasciam de novo. (Pai A)

[...] agora ela ta reagindo super bem, ela que nos passa força, ta sempre rindo, contente, ela é assim, fazem 12 dias que fez cirurgia e está assim, ela que acaba nos passando força mesmo. Ao meu ver de mãe, que só quero ver coisas boas, ela ta indo bem, ta reagindo bem. (Mãe D)

A grande maioria dos pais ressaltou a aceitação que os filhos apresentaram diante do diagnóstico e do tratamento, tornando assim mais fácil o processo de enfrentamento da doença.

Alterações na rotina do paciente e familiares

A criança com câncer tem seu cotidiano alterado muitas vezes com limitações, sendo que frequentemente é submetida à hospitalização para exames e tratamento, de acordo com a evolução da doença.

Para a criança em idade escolar, no período do adoecimento, normalmente acontece o afastamento da escola, que pode ser uma fonte de estresse devido à debilidade física que a mesma se encontra, ou mesmo por resistências e preconceitos de diferentes ordens (SILVA; VALLE, 2008).

Ele em função do tratamento teve que parar de estudar, ai depois do transplante ele teve acompanhamento de uma professora particular. Ele dorme comigo, acreditam que eu não durmo com a minha esposa há 3 anos, a gente dorme em cama separada, e hoje ele tem medo de ir pra escola sozinho, de ir no mercado, de sair na rua, mas os médicos disseram que é normal. (Pai A)

De acordo com Franco (2008), a rotina muda, a uma ruptura na estrutura familiar, pois a criança e seu acompanhante se afastam do restante da família:

Eu sou policial civil, fui três meses mais ai bateu a exaustão, o estresse, ai eu tive que dar uma recuada, mas eu tentei conciliar só que não teve como, começaram muitas internações, ai eu cansava, não conseguia dormir a noite. Já o meu marido é autônomo, ai tinha mais possibilidade para lidar com isso. (Mãe B)

Além do enfrentamento de todo o processo de tratamento, ocorrem ainda muitas renúncias na dinâmica familiar e na vida social da criança, que mais tarde será retomada. Inclui-se aqui, não somente a criança e seus pais, mas como observado nos casos a seguir, os irmãos e a família estendida também vivenciam os processos do tratamento.

[...] mas a família sofre, com certeza, mexe com todos né, com o pai, com a mãe, os irmãos dela ficaram bastante sentidos. [...] Claro que toda a família sofreu bastante, minha mãe principalmente, era muito ligada a ela, mas até quando ela vem pra cá, ela não admite, mas ela vem por uma coisa boa. (Mãe E)

Além disso, Ramalho e Valle (2008) destacam que os outros filhos durante o tratamento sentem-se “deixados de lado” podendo se revoltar com a proteção e a atenção especial que os pais dão ao irmão doente, evidenciado na fala a seguir:

[...] eu tenho outra filha também de 6 anos, [...] ela cobra bastante da gente. Quando ela crescer, ela vai entender tudo isso, agora ela é criança ainda, não é porque a mãe e o pai amam menos ela, então eu procuro explicar dessa forma, mas é difícil, dói muito na gente, a gente também não queria estar aqui e poder ficar mais com ela, poder dar mais atenção, porque era só ela né, depois nasceu à mana, mudou um pouco e assim de uma hora pra outra descobrimos a doença e daí todo mundo em função dela. (Mãe D)

Franco (2008) afirma que, quando a estrutura familiar é funcional, a doença (nesse caso o câncer) pode vir a fortalecer ainda mais os laços, fazendo assim com que a criança encontre o suporte necessário. Isso pode ser visto em um relato da Mãe D: “Está todo mundo nos ajudando, essa foi o momento em que mais uniu a família, quem

a gente nem imaginava, está hoje nos ajudando, então mudou muita coisa.”

Para enfrentar a doença a família vai aceitando ajuda, pois se percebe precisando de muito apoio para o enfrentamento de todo o processo. Este é um momento em que o apoio familiar é muito importante, pois é quando os membros da família se reorganizam para ajudar (FERREIRA et. al., 2010).

A busca de auxílio e apoio

Além do apoio de familiares e amigos, nesse momento é muito comum o apego à religiosidade independente da religião seguida. Para Horta, et al. (2003), a fé como um tipo de crença existencial é uma importante aliada no processo de enfrentamento de situações difíceis podendo auxiliar o indivíduo a obter ou conservar a esperança, além de ajudá-los a encontrar um sentido para a vida e para a doença, também facilitando a emergência de recursos psicológicos para combater a enfermidade.

[...] entreguei nas mãos de Deus que ele seria curado e nunca abaixei a cabeça [...] Quando ele viu o exame de sangue ruim, ele mesmo se ajoelhou na frente das enfermeiras e do médico e pediu que Deus o curasse. [...] (Pai A)

[...] mas a gente não pode perder a fé e a esperança né, e acreditar que tudo vai dar certo, porque pra Deus nada é impossível, entregamos na mão dele né, mas não foi fácil, nós nos unimos porque ela precisava da gente pra passar força pra ela, não podia decair.[...] Eu nunca chorei em cima dela, nunca, sempre passei força mesmo pra ela, sempre pedi a Deus assim, que não me deixasse cair porque eu não podia, porque ela precisava, então ela foi uma guerreira. (Mãe D)

A fé auxilia os pacientes a reagirem com esperança diante do diagnóstico e a continuarem o tratamento, confiando na equipe de saúde, superando as demandas negativas da doença e do tratamento, procurando encarar assim a vida de forma positiva (HORTA et al., 2003).

Além do apego a religiosidade, a família volta grande parte de sua confiança ao médico que acompanha seu filho (a) nesse período. Brun (1996) ressalta que no hospital os pais perdem parte de suas responsabilidades, já que as decisões sobre o destino do filho não cabem mais somente a eles e sim, aos profissionais que estão lhe cuidando, desta forma o sentimento de impotência cada vez mais se torna presente.

[...] A Dra. já sabia, porque a gente sente nos olhos da pessoa, também a gente tem uma certa amizade, além do profissionalismo a gente já tinha dois anos juntos, já nos conhecíamos nas reações, então eu senti que tinha alguma coisa mais grave que era. [...] (Mãe B)

[...] ela fez ressonância, fez tomografia, biopsia tudo certinho, o Dr. já entrou com o tratamento antes do resultado dos exames, não podia esperar, ela chegou no último estágio da doença no hospital, ele estava muito agressivo, tava comprimindo todos os órgãos dela, então graças a Deus que ele agiu rápido né?! [...] (Mãe D)

Diante da situação em que se encontram e da impotência que os cercam, os pais relatam a necessidade do acompanhamento psicológico não só para a criança, mas para toda a família, isso em todas as fases do tratamento.

Eu até procurei algum psicólogo que trabalhasse com câncer infantil e não achei aqui, queria porque ele já não ia na escola, claro que tinham amigos que davam uma aulinha pra ela, mas profissional mesmo, especializados em crianças com câncer não tem, porque eu vejo assim, que algumas mães tem um pouco de instrução, mas aquelas que não tem nada, se abalam e passam muito isso pra criança. [...] Até eu tenho um caderninho, que tem as anotações de tudo que ele fazia, servia como um desabafo meu, a cada novo procedimento eu anotava e colocava o que eu estava sentindo. (Mãe B)

Muito, muito, muito importante. [...] aqui teria que ter gente, professores assim que ajudasse sabe, a eles, os entretece na hora das quimios. Tem dias que tinha professoras, tinha estagiárias que vinham, tinha psicólogas que faziam trabalho aqui, com eles. E é bom, porque ajuda na autoestima, pra sair um pouco dessa doença, por mais que a (filha E) fala abertamente da doença dela, ela sabe o que é, hoje também nós estávamos conversando ali, ela lida bem. (Mãe E)

A família do paciente com câncer pode também necessitar de cuidados psicológicos ou mesmos psiquiátricos. A tensão a que estão sujeitos e a exaustão provocada quando os pais tem o papel de cuidador faz com que percebamos a importância dos cuidados psíquicos destes pacientes e de seus familiares (CARVALHO; LIBERATO, 2008).

No entanto, percebeu-se que os pais acabam se voltando mais para o cuidado do filho, por vezes esquecendo um pouco de si mesmos, o que os tornam vulneráveis ao adoecimento, como visto na fala do Pai A: “A minha esposa que foi quem sentiu mais, ela entrou em depressão, recentemente ficou 19 dias no hospital internada e inclusive hoje levei ela em uma consulta.”

Em todos os casos, um dos pais ficou como principal responsável da criança, e esses, gradativamente, se dedicaram com mais intensidade, voltando a sua própria vida para a rotina de tratamento em que o filho (a) estava vivendo, como se dessem uma pausa em suas próprias vidas, passando a viver a vida do filho (a) e, conseqüentemente o processo da doença dele.

Também ressalta-se aqui o acompanhamento psicológico que abarca a criança e a família deve ir além do processo de diagnóstico e tratamento, pois ambos precisam reincidir na sociedade, retomando as suas atividades, não esquecendo que vieram de um processo o qual deixou marcas.

Segundo Brun (1996), uma criança curada pelo câncer é um ex-doente, portador de sequelas físicas e psíquicas mais ou menos visíveis, mais ou menos invalidantes, que conserva por muito tempo em si, as marcas da ameaça que o atingiu em seu corpo e que pesou na sua vida.

Profissionais e Cuidadores vivenciando o Câncer Infantil

A vivência dos profissionais e cuidadores que estão diretamente ligados ao processo de tratamento da criança, bem como suas reações em cada fase da doença serão apresentadas a partir da análise de seus depoimentos, iniciando pela difícil tarefa de lidar com a família diante do diagnóstico recente de câncer.

A fase do diagnóstico propicia aos pais vários sentimentos. Esses são denunciadores da fragilidade psíquica, muitas vezes advindas da fragilidade física. É comum estar presente à angústia, a ansiedade, raiva, medo, insegurança, sensação de impotência, sentimentos de perda, vergonha, desespero e fantasias de morte (CARVALHO; LIBERATO, 2008). São os profissionais que lidam diretamente com esses sentimentos, e para isso buscam maneiras de dar suporte tentando amenizar o sofrimento decorrente do choque causado pelo diagnóstico. Percebeu-se nas entrevistas, que independente da formação profissional de cada um deles, todos procuram oferecer este suporte de maneiras semelhantes.

[...] Nós não temos preparo, mas a maneira que lidamos é com a escuta, dando atenção a tudo que falam, deixando eles colocarem para fora o que estão sentindo. Isso acontece com os pais principalmente, porque a criança não tem noção da sua doença. E às vezes até mentimos ‘isso vai passar’ ou ajudamos a buscar remédios que são mais difíceis de conseguir. (Cuidadora 01)

[...] Na fase inicial é mais de esclarecimento, de cuidado para não demonstrarem tanto essa fraqueza e confiarem. Assim cito exemplos, converso com eles tentando dar esclarecimentos quanto à doença e seus cuidados. É mesmo um suporte, pois a gente sabe o quanto eles estão abalados e angustiados com o tratamento que está iniciando. (Psicólogo)

De acordo com Pedro e Fungheto (2005), técnica alguma pode substituir a presença, o afago, o olhar, a palavra, a escuta entre outros. O suporte pode começar com as primeiras aproximações, os primeiros contatos, e seu fortalecimento também pode precisar de tempo. Estar próximo neste momento é um tempo de compartilhar, de interagir, de conviver.

A relação entre profissionais da saúde e o paciente se efetivam a partir de uma visão multidisciplinar do homem, em que cada profissional se estende para a subjetividade do paciente como um amparo, que vai além do conhecimento científico, de acordo com as necessidades de cada área de atuação (RODRIGUES et. al., 2003). Os relatos dos entrevistados confirmam a importância desta mediação entre o paciente e os cuidados oferecidos pelo profissional.

A minha postura é de tentar passar confiança aos familiares à medida que as pessoas tem muitas dúvidas, em toda aquela questão do inconsciente coletivo, das pessoas acharem que o câncer é uma doença fatal, uma sentença de morte, então no momento inicial a questão fundamental aos familiares é passar o maior número de informações possíveis, sobre o tratamento e sobre a doença e também passar conforto pra eles e estar aberto a muitas perguntas quanto à necessidade de suporte a qualquer momento. (Médico)

Eu vejo o nosso trabalho muito como uma questão de acolhimento a essas famílias, de poder estar ouvindo, recebendo e valorizando o sentimento deles, o que eles estão trazendo. A questão da orientação também, porque eles chegam muitas vezes confusos, é uma situação totalmente nova, então nosso trabalho também é de poder estar orientando, esclarecendo, diminuindo um pouco as fantasias, tentando diminuir um pouco a ansiedade deles [...]
(Psicóloga)

Muito mais que a disponibilidade de tempo, é a intenção e a capacidade do profissional que faz do momento algo diferente e especial. A atitude de cuidar tem a

preocupação não somente com a técnica, mas também com o emocional das crianças e seus familiares (PEDRO; FUNGHETO, 2005). Através deste cuidado os profissionais buscam diferentes maneiras de confortar os familiares durante o acompanhamento da criança doente:

É necessário escutá-los, porque eles vêm com muitas dúvidas e oferecer o nosso apoio psicológico, e também com remédios, comidas, camas pros que vem de longe acompanhar os filhos, porque boa parte das famílias que vem aqui buscar ajuda, são de classe baixa e muitas vezes não tem condições de comprar os remédios, ou de se deslocar e arrumar um lugar pra ficar. Então é oferecer as coisas que estão ao nosso alcance e que não nos custa nada poder contribuir como podemos. (Cuidadora 02)

[...] essa segurança e confiança que é passada para os pais e a criança também é importante, só os remédios não dão segurança pra quem está passando por isso, porque como eu falei, existem muito medos, por mais que o médico saiba o que fazer não basta isso pros pais, eles tem que estar seguros que está realmente sendo oferecido tudo que a medicina fornece para o paciente que está com a doença e que também eles na medida que tiver uma intercorrência vão ter condições de serem prontamente atendidos. (Médico)

Para confortar os pais neste momento, além da informação quanto ao tratamento, também é importante a vinculação da equipe com os familiares e a criança.

Vínculo para Pedro e Fungheto (2005), significa falar da essência da vida humana no sentido em que o ser humano, se relaciona e se vincula a outras pessoas, sendo feliz e sofrendo em decorrência destas inter-relações. O vínculo na visão dos profissionais, ocorre por meio de um ato de escutar, de dialogar, entre outros, possibilitando que a criança adquira confiança em quem a cuida, podendo ser um meio facilitador para a adesão da criança ao tratamento.

[...] Então esse meu contato inicial, é também um contato muito aberto com a criança, pra tentar tirar um pouco o foco das questões médicas, mesmo que paralelamente isso também tenha que acontecer, pra criar um laço também com a criança, pra que esses primeiros dias que são dias de estranheza passem o mais rápido possível, e que depois de passado esses dias crie um estreitamento desses laços comigo e com a equipe. (Médico)

Na verdade a gente acaba criando um vínculo bem forte porque os nossos pacientes são pacientes crônicos, não é o paciente que vem uma vez ou interna uma vez, principalmente no caso das crianças, a maioria é um tratamento em média de dois anos [...] então não tem como não se vincular, até a gente acaba virando uma certa referência pros pais e para as crianças, e da mesma forma esse vínculo não tem como ser diferente, da gente não se apegar ou não se envolver, principalmente porque é criança. (Psicóloga)

A criança com doença crônica estabelece um vínculo com o ambiente hospitalar devido às internações recorrentes e ao tempo de duração das mesmas. O que faz com que os profissionais que atuam nos serviços desenvolvam vínculos conhecendo as particularidades, tanto da família quanto da criança e aprendendo a identificar suas necessidades, para assim, prestarem um cuidado com qualidade (PEDRO; FUNGHETO, 2005).

A boa relação equipe-paciente-família traz benefícios para todas as partes. Inúmeras vezes, dada à fragilidade egóica que o paciente e os pais apresentam, a equipe

literalmente “empresta” a eles, auto-estima e confiança para que estes se sintam capazes (SANTOS; SEBASTIANI, 1996).

Este trabalho, focado na fragilidade dos familiares e pacientes, cabe ao psicólogo (a) em especial, pois lida diretamente com os aspectos emocionais, diferente de outras áreas que atuam mais com os aspectos físicos e da doença em geral. Muitos profissionais sentem-se inseguros para intervir diante das demandas psicológicas dos pacientes quando surgem frente a eles. Abordar estas questões, além de exigirem preparo, formação e técnicas adequadas, podem remetê-los as suas próprias vivências, principalmente por estarem lidando com crianças, e a condição de fragilidade que elas suscitam.

Portanto, essa fragilidade relatada nas falas a seguir, mostra o quanto esses profissionais carecem de um auxílio psicológico, mesmo que na maioria dos casos eles não reconheçam, recomendando esse acompanhamento somente para as crianças e seus familiares.

É indispensável. Essas crianças acabam ficando frágeis com todas as mudanças que ocorrem, porque ao invés de terem uma vida normal, tudo vira de ponta cabeça, tanto pra ela quanto pra família, e eles precisam de um tratamento psicológico, pra conseguir enfrentar esse tratamento da melhor maneira possível [...] (Cuidadora 02)

Acho bem importante o psicólogo estar presente tanto no atendimento aos pais e as crianças, as famílias das crianças. E acho bem importante uma das coisas que eu to fazendo, terapia com um psicólogo e ele me diz que a gente deve, como setor, trabalhar mais com a equipe [...] (Enfermeira)

Não tem como separar os sintomas físicos do emocional, então o psicólogo vai poder fazer uma mediação entre a equipe, entre os médicos, entre os pais com a criança, e estar podendo dar atenção para o lado emocional. A gente sabe o quanto o emocional também influencia no tratamento, na cura da doença, então sem dúvidas é muito importante o nosso papel [...] (Psicóloga)

De acordo com Santos e Sebastiani (1996), o psicólogo tem por função entender e compreender o que está envolvido na queixa, no sintoma e na patologia. Desta forma, terá visão ampla do que se passa com o paciente, auxiliando no enfrentamento desse difícil processo, bem como dar a família e equipe de saúde, subsídios para uma melhor compreensão no momento da vida da pessoa enferma.

É possível perceber, não só na teoria, mas também nas falas trazidas, que o profissional carece de um acompanhamento psicológico, seja ele individual ou como forma de apoio e acolhimento na equipe multidisciplinar, pois eles não podem estar desassistidos para oferecer um tratamento de qualidade para o paciente e seus familiares.

Ao sentirem-se vulneráveis pela situação da criança e da família, em muitos momentos estes profissionais necessitam de um espaço para troca de experiências para minimizar as suas angústias, ou seja, a necessidade de criação de espaços para discussão e exposição de sentimentos, além de um suporte emocional (SILVA, 2009).

Contudo é necessário que o psicológico também busque acompanhamento, pois está envolvido, juntamente com toda a equipe (médicos, enfermeiros...) nesse contex-

to, que mobiliza-os emocionalmente. Por ser o depositário de uma enorme gama de sentimentos, acaba por ser o profissional da equipe mais sobrecarregado diante das demandas emocionais. Ele tem que administrar e conviver com os demais profissionais em seu cotidiano de trabalho, o que chama a atenção para a preocupação de não descuidar-se daquele que cuida, pois somente com uma estrutura pessoal bem resolvida, com um espaço para também refletir sobre suas dificuldades e angústias que poderão realizar um trabalho digno e adequado (SANTOS; SEBASTIANI, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou o impacto causado pelo câncer infantil, percebido em todas as pessoas envolvidas com a criança na situação da doença. As reações emocionais desencadeadas justificam a fragilidade e a dificuldade de enfrentamento dos familiares durante o período do diagnóstico ao tratamento. O câncer é visto como uma possível ameaça de morte, sendo um processo longo e desgastante, que envolve mudanças no âmbito familiar e social. A partir dos relatos, os pais deixaram evidentes em suas narrativas à incredulidade perante o diagnóstico, especialmente por se tratar de uma criança que está no início de sua vida.

Constatou-se que estes pais buscaram forças em outros meios, que serviram como apoio em todo esse processo, por ser esta uma doença vista até então como algo distante, que nunca ocorreria com eles. Sendo estes apoios, a família estendida, conhecidos e amigos, profissionais, a religiosidade e na maioria dos casos, no próprio paciente.

Em alguns casos pode-se analisar o quanto é frustrante para os pais se depararem com uma doença que os incapacita de fazer algo pelo seu filho, sendo que até então eles conseguiam suprir as necessidades de cuidado dos mesmos. Sentem-se incapacitados de mudar essa situação, como se nesse período o papel de pai/mãe fosse colocado à prova.

A literatura nos traz que o papel que os pais ocupam tem um significado essencial no processo de cuidado, pois eles são referências de amor, confiança e o motivo de sua existência. Quando essa criança é acometida por uma doença crônica, o papel de pai atribui outro significado. Nessa experiência, o pai reconstrói seu papel em um processo de maior interação e afetividade com o filho.

Devido a sentirem-se incapacitados de exercerem seu papel de pais, acabam depositando confiança nos profissionais, que representam neste momento, as possibilidades concretas que podem gerar mudanças no quadro da criança. Apegam-se à equipe que cuida dos filhos depositando suas expectativas e esperanças, sentindo-se eles também, pacientes que precisam de cuidado e amparo.

Constatou-se que os profissionais que trabalham em contato com o paciente, também acabam por se envolver com toda a família, criando vínculos decorrentes e reforçados pela fragilidade e vulnerabilidade causadas pelas circunstâncias do momento. Através da análise dos relatos dos profissionais e cuidadores, percebeu-se o quanto esse envolvimento é recíproco, pois o contato é tão grande que os mesmos passam a ter objetivos iguais aos dos pais, buscando a cura, não olhando somente para a doença do paciente, mas o indivíduo como um todo.

A maneira como descreveram suas experiências pode evidenciar que o envolvimento foi muito além da conduta profissional. Mostravam-se profundamente tocados pelos sentimentos despertados nos casos atendidos. Pensa-se que possa haver uma identificação como pais dessas crianças e por isso o desejo tão forte de colaborar com a sua recuperação.

Em todos os casos, foi possível identificar que o vínculo não se forma somente pela convivência proporcionada pelo tratamento, e sim pela disponibilidade desses profissionais em escutar, relatando ser esse o principal instrumento para conter as angústias.

O psicólogo entra nesse contexto como profissional membro da equipe multidisciplinar direcionando sua escuta aos conflitos presentes tanto dos pacientes, quanto de seus pais. Esse trabalho é desenvolvido ao longo das internações, podendo variar o tempo e quantidade das intervenções, de acordo com o prognóstico de cada um. Assim, percebeu-se que o acompanhamento psicológico é breve e focal, sem continuidade, sendo somente um apoio naquele momento.

A partir das entrevistas com os pais, notou-se que há grande demanda de ajuda e suporte emocional, principalmente em casos recém diagnosticados. A presença do psicólogo fica explícita, percebendo a importância dele nesse momento, que é marcado por fortes e significativas reações, influenciando diretamente no tratamento e no dia-a-dia de seus envolvidos.

O psicólogo é um elemento mediador e facilitador deste processo, peça importante que auxilia no enfrentamento dos pacientes e seus pais, bem como na interação com os demais profissionais da equipe multidisciplinar. Ficou evidente a demanda emocional dos demais profissionais que estão diretamente vinculados nesse contexto, que por vezes demonstraram não dar conta sozinhos dos encargos psicológicos despertados.

Devido à grande demanda pelo trabalho do psicólogo, e a importância atribuída como parte fundamental no processo do tratamento, fica registrada a sugestão para que as instituições voltadas para o cuidado do câncer infantil possam estender o acompanhamento psicológico à criança e seus familiares, após a saída do hospital.

Assim sendo, conclui-se que a participação do psicólogo é indispensável seja frente ao paciente, aos seus pais e profissionais, elemento fundamental ao longo de todo o processo e também depois da finalização do tratamento. Não podemos esquecer que estes pacientes acometidos pela doença são crianças que podem ter uma longa vida pela frente, mas sempre recordarão, seja pela memória ou pelas marcas deixadas, do que foi vivenciado.

REFERÊNCIAS

BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

BRUN, D. **A criança dada por morta: riscos psíquicos da cura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

- CARDOSO, F. T. **Câncer infantil: aspectos emocionais e atuação do psicólogo.** Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2007.
- CARVALHO, V. A.; LIBERATO, R. P. **Terapias integradas à oncologia.** In: CARVALHO, V. A. et al. (Org.). **Temas em psico-oncologia.** São Paulo: Summus, 2008.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.
- DUPAS, G. et al. **Câncer na infância: conhecendo a experiência do pai.** Revista Mineira de Enfermagem, v. 16, n. 3, p. 348-354, 2012.
- FERREIA, N. M. L. et al. **Câncer e família: compreendendo os significados simbólicos.** **Ciênc. Cuid. Saúde**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 269-277, 2010.
- FRANCO, M. H. P. **A família em psico-oncologia.** In: CARVALHO, V. A. et al. (Org.). **Temas em psico-oncologia.** São Paulo: Summus, 2008.
- HORTA, C. R. et al. **O papel da fé no enfrentamento do câncer.** In: NENE; RODRIGUES (Org.). **Psicologia da saúde: perspectivas interdisciplinares.** São Carlos: RiMa, 2003.
- LIONE, F. R. D. **Dor: aspectos médico e psicológicos.** In: CARVALHO, V. A. et al. (Org.). **Temas em psico-oncologia.** São Paulo: Summus, 2008.
- MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivo e de roteiros.** Bauru: USC, 2004.
- PEDRO, E. N. R.; FUNGHETTO, S. S. **Concepção de cuidado para os cuidadores: um estudo com a criança hospitalizada com câncer.** **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 210-219, 2005.
- RAMALHO, M. A. N.; VALLE, E. R. M. **O câncer na criança: a difícil trajetória.** In: CARVALHO, V. A. et al. (Org.). **Temas em psico-oncologia.** São Paulo: Summus, 2008.
- RODRIGUES, O. M. P. R. et al. **Diagnóstico da criança com anomalia congênita e/ou gravemente enferma: aspectos da transmissão e recepção da notícia.** In: NENE; RODRIGUES (Org.). **Psicologia da saúde: perspectivas interdisciplinares.** São Carlos: RiMa, 2003.
- SANTOS, C. T.; SEBASTIANI, R.W. **Acompanhamento psicológico à pessoa portadora de doença crônica.** In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **E a psicologia entrou no hospital.** São Paulo: Pioneira, 1996.
- SILVA, G. M.; VALLE, E. R. M. **A reinserção escolar de crianças com câncer: desenvolvimento de uma proposta interprofissional de apoio em oncologia pediátrica.** In: CARVALHO, V. A. et al. (Org.). **Temas em psico-oncologia.** São Paulo: Summus, 2008.
- SILVA, L. C. **O sofrimento psicológico dos profissionais de saúde na atenção ao paciente de câncer.** **Psicol. Am. Lat.**, São Paulo, n. 16, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2009000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 fev. 2014.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

PAZZINATTO, Marielelem; PIAZZA, Tatiane; AMBROS, Suraia Estacia. O câncer infantil sob vários olhares. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 102-118, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 4 abr. 2014.

Aceito em: 13 set. 2014.

A escola no universo da arte do faz de conta: o teatro corroborando nas práticas pedagógicas do Centro de Ensino Urbano Rocha em Imperatriz – MA

Domingos Alves de Almeida¹
Herli de Sousa Carvalho²
Maria da Penha Nunes da Rocha³
Railson Silva Lima⁴

Agradecemos aos atores/atrizes da Companhia de Teatro REinvert'arte e à gestão do Centro de Ensino Urbano Rocha - CEUR

RESUMO

O presente artigo analisa as atividades de extensão do projeto “A Escola no Universo da Arte do Faz de Conta”, vinculado ao Grupo de Pesquisa Memórias, Diversidades e Identidades Culturais, desenvolvida com estudantes do ensino médio do Centro de Ensino Urbano Rocha – CEUR, na cidade Imperatriz, sudoeste do Maranhão. Trabalhou-se com esses/as alunos/as aulas expositivas, exercícios lúdicos de interação, cantigas de roda, exercício de dublagem, interpretação de textos, teatrais e não teatrais. Aponta-se para o desenvolvimento e fortalecimento do potencial criativo, cognitivo, corporal e artístico dos/as estudantes, bem como a criação da Cia. de Teatro REinvert'arte e da I Mostra de Artes Cênicas (Marcas) no CEUR. As ações do projeto vão para além do simples processo de aprender as práticas teatrais, e perpassa pelo desenvolvimento cultural dos alunos colaborando para um resultado positivo no desenvolver de atividades dentro e fora da sala de aula.

Palavras-chave: Teatro; Cultura; Educação.

School in the universe art imaginary: The theater at the pedagogical practices corroborating Education Center Urbano Rocha in Imperatriz - MA

ABSTRACT

This article analyzes the extension activities of the project “A School in the Universe Aart Imaginary”, linked to the Research Group Memories, Identities and Cultural Diversity, developed with high school students at the center education for Urbano Rocha – CURE, in the city of Imperatriz, southwest of Maranhão. We worked with these students lectures, exercises playful interaction, rhymes, exercise dubbing, interpreting texts, theatrical and non-theatrical. Pointing to the development and strengthening of the creative, cognitive, physical and artistic potential of students as well as the creation of Co. REinvert'arte Theatre and Performing Arts Show I (Marks) in CURE. The project's actions go beyond the simple process of learning the theatrical practices and permeates the cultural development of students collaborating to develop a positive result in activities inside and outside the classroom.

Keywords: Theater; Culture; Education.

¹Acadêmico do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão – CCSST/UFMA - campus de Imperatriz. Membro do Grupo de Pesquisa e Extensão Memórias, Diversidades e Identidades Culturais e do Grupo de Pesquisa Sociedade, Integração Regional e Globalização. Ator e Diretor de Teatro. domingos.jzufma@gmail.com.

²Doutora em Ciências Sociais pela Univesidad del Norte – Assunción – PY. Coordenadora do Projeto ALMA. Atualmente é Professora Assistente no Curso de Pedagogia do UFMA / CCSST – campus Imperatriz. herlli@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O surgimento do teatro se confunde com a o desenvolvimento da própria humanidade, e a Grécia, apontada como base do pensamento ocidental, é também o país precursor dessa atividade humana. Desde os primórdios, o ser humano se relaciona com a natureza e com a espiritualidade por meio de expressões artísticas em múltiplas formas como música, dança e diálogos dramáticos de montagens cênicas, na execução de rituais para as divindades e nas celebrações dos festivais, em exaltação a vida terrena e a espiritual (BERTHOLD, 2000). Com o passar dos anos, o desenvolvimento da Arte por outras civilizações colaborou para a inserção das atividades artísticas em outras áreas, como a educação.

Na Grécia, já em meados do século V a.C., pensadores e educadores começaram a percorrer o caminho que criaria um vínculo inquebrável entre a arte e a educação, valorizando o teatro, a música a dança e a literatura. Essas ferramentas colaboram para o processo de aprendizagem e convergem para a construção de um pensamento crítico, além de desenvolver habilidades cognitivas e artísticas nos alunos/as. Justificando a relevância da utilização dessas ferramentas de aprendizagem em sala de aula, a pesquisadora de teatro Olga Reverbel (1989) afirma que o processo de formação deve começar de maneira lúdica e sem qualquer ar de constrangimento para que as crianças possam desenvolver a tendência natural de seu caráter.

Séculos se passaram e o que se percebe, ainda hoje, é certo distanciamento entre o teatro e a prática pedagógica da sala de aula. São diversos os fatores que levam a essa realidade. Um deles é revelado, na compreensão de Reverbel (1989, p. 175) ao ressaltar que “conhecer a pedagogia da expressão (teatro) é fundamental aos professores, não só os de teatro e educação artística, mas também os de outras disciplinas, para que possam ajudar o aluno a desenvolver a difícil arte de expressar suas ideias, pensamentos, anseios e desejos”. Falta o contato do/a professor/a com a arte de atuar. Outro fator determinante é a formação do/a professor/a. É muito comum encontrar professores ministrando a disciplina de arte, mesmo que sua formação seja outra. E mesmo os formados em Arte demonstram a necessidade de atualização dos seus conhecimentos.

O projeto “A Escola no Universo da Arte do Faz de Conta”, ligado ao Grupo de Pesquisa Memórias, Diversidades e Identidades Culturais da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Sociais Saúde e Tecnologia – UFMA/CCSST na cidade de Imperatriz, no estado do Maranhão, surge viabilizando as oportunidades de descobertas e desenvolvimento do potencial criativo e artístico dos/as alunos/as com a descoberta de novos artistas colaborando para a construção de novos conceitos e práticas de cidadania. O projeto objetiva incentivar o reconhecimento, a valorização e o respeito da ação artística para diversidade cultural no Centro de Ensino Urbano Rocha e na região e despertar o apreço dos/as alunos/as para a prática artística teatral.

O teatro é uma arte com características genuinamente educativas, portanto deve sempre permear o exercício pedagógico dos/as professores/as na escola. Um dos mais respeitados estudiosos do teatro, o teatrólogo brasileiro Augusto Boal, afirma que “o teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele”, (BOAL, 1998, p. 11). E se as transformações sociais dependem quase que

³ Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Consultora AD HOC da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. Atualmente é professora Adjunta II no curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal do Sul do Bahia, Campus de Porto Seguro. penharochas@uol.com.br.

⁴ Acadêmico do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do UFMA / CCSST - campus de Imperatriz. Membro do Grupo de Pesquisa e Extensão Memórias, Diversidades e Identidades Culturais. lima.raylson@gmail.com.

exclusivamente da educação, é sábio usar o teatro como uma ferramenta pedagógica, aplicando-o para essa finalidade.

O PAPEL PEDAGÓGICO DO TEATRO

No decorrer das atividades, os/as alunos/as puderam aprender a ouvir, a acolher e a expressar opiniões, respeitando as diferentes manifestações artístico-culturais estabelecendo a relação do individual com o coletivo promovendo a socialização. As atividades despertaram neles/as o prazer pela leitura e contribuiu, principalmente, para melhorar as aprendizagens dos conteúdos propostos pelos professores em sala, nas disciplinas tradicionais. No que se refere ao prazer dos/as alunos/as pela leitura, é válido destacar o pensamento da respeitada atriz brasileira, no teatro, cinema e na televisão, Laura Cardoso, que destaca a importância da leitura diária dos clássicos para quem deseja optar pela arte. Essas habilidades desenvolvidas pelos alunos são reforçadas ainda pelas afirmações da professora e pesquisadora de cultura e educação Wánely Felício (2009, p. 176):

O teatro tem um papel importante na vida dos estudantes, uma vez que, sendo devidamente utilizado, auxilia no desenvolvimento da criança e do adolescente como um todo, despertando o gosto pela leitura, promovendo a socialização e, principalmente, melhorando a aprendizagem dos conteúdos propostos pela escola.

Os/as estudantes do Centro de Ensino Urbano Rocha - CEUR, hoje, são exemplos dessa realidade, fato que corrobora para a constatação de que essas possibilidades de aprendizagem reafirmam a relevância do teatro no ambiente escolar. No entanto ressalta-se que a probabilidade de se encontrar um trabalho pedagógico fundamentado nas técnicas teatrais, sendo desenvolvido nas salas de aulas das escolas públicas, é mínima, considerando que os professores não recebem formações para tal finalidade.

Os professores deixam de trabalhar teatro com seus/suas alunos/as por falta de conhecimento na área. A escola pesquisada tem aproximadamente 500 estudantes, grande parte deles é de baixa renda e sem condições de custear a participação em atividades artístico-teatrais, que são escassas em Imperatriz. Mesmo a cidade sendo a segunda maior do estado, é carente de cursos, oficinas e atividades teatrais voltadas para a comunidade.

As possibilidades dos/as estudantes de ingressarem em um curso de formação em teatro, em Imperatriz, são raras. As únicas oportunidades são resultados de iniciativas de pesquisadores e apreciadores do teatro ou de atores, atrizes vindos/as de outras regiões para cursar uma graduação na cidade. As escolas não dispõem de espaços adequados para trabalhar o teatro, e o único espaço que apresenta as condições ideais para essas práticas é o Teatro Ferreira Gullar, mas pertence à iniciativa privada e custa caro acessá-lo. Além disso, o Ferreira Gullar não oferece nenhuma atividade, paga ou gratuita, relacionada com a arte de encenar. Trata-se apenas de um espaço para realização de eventos.

Em 1996 é instituída a Lei Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, 1996), com um texto atual buscou contemplar com maior abrangência as necessidades da educação nacional, sendo uma delas a educação artística. Instituiu-se a arte como componente curricular obrigatório na educação básica, como forma de promover o

desenvolvimento cultural dos alunos. Mas a lei não garantiu aos professores o direito de se atualizarem para conseguir trabalhar com êxito a arte, incluído aí o teatro. O resultado é certa apatia das escolas e conseqüentemente dos professores no desenvolver das atividades pedagógico-teatrais em sala de aula.

O interesse em realizar atividades de extensão na escola surge a partir do entendimento do papel social da universidade, que por meio da pesquisa e do ensino produz conhecimento, e tem compromisso com uma sociedade mais justa. A extensão universitária não é apenas uma prestação de serviço. É um caminho de diálogo com a comunidade. A partir dessa compreensão foram planejadas as ações de extensão do projeto, ferramentas pelas quais se criou o vínculo da instituição de ensino com a escola que acolheu o projeto, levando a produção exercida na Academia, mas respeitando os saberes tradicionais dos estudantes e prática pedagógica tradicional dos professores.

PRECEITOS PARA APLICAÇÃO DO TEATRO NA ESCOLA

Na classificação das artes o teatro é considerado a quinta arte, em uma numeração que vai até doze. É a mais tradicional e popular, e no universo artístico, é visto como a mais nobre entre todas. Para pesquisadores, diretores, atores e atrizes, o teatro é considerado a mais eficiente arte para o desempenho do ser humano no cotidiano. Boal (1998) destaca a importância da prática teatral ao afirmar que todos os seres humanos são atores. Para ele o teatro é algo que existe dentro de nós. E dimensiona o sentido do teatro afirmando que “a linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial” (BOAL, 1998, p. xx). Nesse aspecto o teatro pode ser usado estrategicamente em sala de aula, para estimular o aprendizado dos estudantes.

Considerando também, os benefícios dessa arte para o desempenho pessoal e profissional dos estudantes os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN Artes destaca:

Ao participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo (BRASIL, 1997, p. 83).

Baseado nesses preceitos buscou-se despertar as habilidades artísticas dos alunos, entendendo que a prática do teatro vai para além do simples processo de aprender as práticas teatrais e colabora para o seu desempenho, tanto na escola, quanto no convívio social, além de passar pelo desenvolvimento cultural dos alunos. O trabalho foi realizado sempre reforçando o respeito pela diversidade cultural, característica comum da humanidade, que é necessária ser reforçada no Brasil.

O projeto buscou ainda trabalhar atividades lúdicas que desenvolvessem as habilidades criativas e a capacidade de compreender a realidade social que convive e que facilite o desempenho dos alunos/as na escola e nas relações sociais. Conforme aponta Felício (apud NAZARETH, 2009, p. 172):

A arte é libertária e o teatro é, sem dúvida, das Artes, expressão libertária por excelência. A possibilidade de “reviver” sentimentos e situações sem barreiras de tempo e espaço, de presenciar fatos de verdade ocorridos ou

apenas existentes no imaginário do autor, possibilita resgate do indivíduo e da sociedade.

Nesse sentido, entende-se os benefícios reais do teatro, meio pelo qual é possível transformar a timidez, que atinge muitos estudantes, em atitudes transformadoras. O despertar da criatividade, através do teatro, favorece as crianças, jovens e adultos possibilidades de descobertas, ideias, sentimentos, atitudes, ao permitir a observação de diversos pontos de vistas, além de construir um imaginário positivo buscado na realidade.

O teatro foi levado à escola, por meio do projeto de extensão, como arte externa ao espaço pedagógico de compartilhamento de aprendizagens. E buscou trabalhar-lo como arte que incentiva a promoção de cidadania. Apresentando-o também com um instrumento de formação de possíveis artistas e cidadãos entendedores das relações sociais para uma cultura de promoção de valores.

CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL, RECURSOS E METODOLOGIA

O Cento de Ensino Urbano Rocha é uma escola da rede estadual de ensino, localizada na cidade de Imperatriz – MA. A direção da escola disponibilizou uma sala de aula comum para se desenvolver as atividades do projeto com os/as alunos/as, sem estrutura adequada para essa finalidade, foi necessário adequar o ambiente para atender as demandas das ações, como a retirada das carteiras para deixar o espaço amplo.

As ações do projeto foram realizadas no período de 2 de agosto a 18 de dezembro de 2013, conforme expostas na tabela do cronograma de atividades que segue:

Cronograma de atividades do projeto de extensão

Mês	Atividades realizadas
Agosto	Inscrição dos/as estudantes interessados em participar do projeto; Início das atividades com exercícios lúdicos básicos.
Setembro	Aprofundamento dos exercícios básicos; Inclusão dos exercícios intermediários e avançados.
Outubro	Seleção dos espetáculos a serem encenados; Escolha dos/as alunos/as para interpretarem os personagens; Entrega de textos dos espetáculos trabalhados; Início dos ensaios.
Novembro	Continuação dos ensaios dos espetáculos; Elaboração e montagem dos cenários; Escolha e confecção dos figurinos.

Fonte: Projeto “A Escola no Universo do Faz de Conta” (2013)

Dezembro	Finalização dos ensaios dos espetáculos; Apresentação na I Mostra de Artes Cênicas (Marcas) do Centro de Ensino Urbano Rocha - CEUR.
----------	--

Ao longo dos quatro meses de duração das atividades, trabalhou-se com exercícios de interação através de jogos e dinâmicas de percepção e observação do corpo para o desenvolvimento das habilidades de confiança concentração e companheirismo, músicas de relaxamento para dança e o desenvolvimento da expressão corporal, exercícios lúdicos, atividades dramatúrgicas com jogos teatrais, material didático de abordagem do teatro na escola, interpretação de textos teatrais e não teatrais, dinâmicas de grupo, cantigas de roda e exercícios de dublagem. A metodologia utilizada capacita o/a aluno/a a desenvolver habilidades artísticas, cognitivas, de expressão corporal que são fundamentais para a imersão no universo teatral.

Os recursos utilizados durante o desenvolvimento do projeto de extensão foram textos teatrais de autores regionais e nacionais, textos teóricos sobre a relevância do teatro na escola e sobre a história mundial do teatro, bastões de madeira nos exercícios de concentração, notebook para a execução de músicas instrumentais de relaxamento, Tecido Não Tecido (TNT) e tecidos normais para montagem de cenários e figurinos. Utilizou-se ainda maquiagens específicas de teatro, tinta de tecido, quadros de pintura, gravadores de áudio, caixas amplificadas, Datashow, e etc.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As ações de extensão do projeto “A Escola no Universo da Arte do Faz de Conta”, atenderam um público de 25 alunos/as. Tiveram início no dia seis de setembro e terminaram no dia 18 de dezembro de 2013, quando foi realizada a I Mostra de Artes Cênicas da escola, onde foram apresentadas as montagens dramáticas elaboradas no decorrer do projeto, como peças de teatro, recital de poesias, e concerto musical. Mas as atividades de teatro no CE Urbano Rocha - CEUR não finalizaram com o término do projeto, elas continuam por meio da Cia. de Teatro REInvernt´arte e com a manutenção anual da Mostra de Artes Cênicas (Marcas), ambas criadas pelo projeto, fato que mostra a relevante colaboração do projeto para a inserção do teatro no universo escolar do CEUR.

A iniciativa de permanecer como projeto beneficiará outros/as alunos/as, alguns já buscaram a direção da escola mostrando interesse em participar da Cia de Teatro. Eles/as entenderam a relevância de conciliar o teatro com a educação. Para realizar as ações de extensão foram feitas parcerias com as gestoras e as professoras de arte e sociologia da escola, com o Centro de Cultura Negra Negro Cosme e com o Instituto de Cultura e Artes Sotaque, ambos de Imperatriz.

Um questionário com três perguntas estruturadas foi aplicado aos 25 estudantes antes e depois das atividades do projeto, para avaliar a compreensão dos/as mesmos/as, sobre a relevância das atividades de extensão no universo escolar. Escolheu-se esse método por apresentar praticidade na comparação entre as respostas dos entrevistados na fase de análise de dados (GIL, 1987). A primeira pergunta do questionário foi a

seguinte: Você tem facilidade em apresentar trabalhos em sala de aula?”

Resposta	Sim	Não
Antes do projeto	12%	88%
Depois do projeto	100%	0%

Tabela 01: Alunos/as com facilidade em apresentar trabalhos.
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

O percentual de alunos/as que afirmam não ter facilidade em apresentar de trabalhos em sala de aula, antes do projeto, é de 88%, e apenas 12% disseram não ter problemas com as apresentações. Esses dados chegam a 100% depois das atividades de extensão, dados que aponta para um resultado positivo da utilização do teatro na escola.

Na sequência perguntou-se: “Faria um curso de teatro para seguir a carreira de ator/atriz?”.

Resposta	Sim	Não
Antes do projeto	87%	13%
Depois do projeto	100%	0%

Tabela 02: Alunos/as que fariam um curso de teatro para seguir a carreira artística.
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Inicialmente, 87% dos/as alunos/as afirmaram ter o desejo de fazer um curso de teatro para seguir a carreira de ator/atriz e 13% declararam que não fariam. Após as ações do projeto, 100% responderam que fariam o curso de teatro para seguir a carreira artística. A última pergunta feita aos estudantes foi: “Você gosta/gostaria de estudar teatro nas aulas de artes?”.

Resposta	Sim	Não
Antes do projeto	72%	28%
Depois do projeto	100%	0%

Tabela 03: Alunos/as que gostariam de estudar teatro na disciplina de artes.
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

De início, 72% dos/as alunos/as responderam que gostam/gostariam de estudar artes em sala de aula e 28% disseram que não. No segundo momento, a totalidade de 100% responderam que gostam/gostariam de estudar artes em sala de aula. Essa constatação reforça o ideal de que essa disciplina é estratégica para atrair a atenção dos/as alunos/as.

Ressalva-se que, os 28% que responderam inicialmente que não gostam/gostariam de estudar teatro na disciplina de arte, revela o receio dos/as alunos/as de terem um aumento substancial de trabalhos, sendo transformada em mais uma disciplina cansativa. O contato dos alunos com a arte deve ser feita de forma prazerosa para não se tornar desgastante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro é acima de tudo um instrumento de aprendizagem, que permite ao aluno/a se portar de forma coesa diante de problemas de natureza diversa, tanto no ambiente escolar quanto no meio social. Essa arte vem desempenhando diversos papéis nas sociedades ao longo dos tempos sendo que um deles é o papel pedagógico, indispensável no contexto escolar. Desde a Grécia do Século V a. C. quando pensadores/as

e educadores/as já sinalizavam para uma relação benéfica do teatro com a educação, que essa arte vem sendo trabalhada no processo de formação cidadã. Ao longo dessa experiência com alunos/as e professores/as do CE Urbano Rocha percebeu-se, além do desenvolvimento das aprendizagens dos/as alunos/as, a necessidade de formação dos/as professores/as para o aprimoramento das atividades artísticas nas escolas públicas.

Como resultados alcançados destaca-se a relação de proximidade que os/as alunos/as desenvolveram com a escola, êxito na realização das tarefas, o crescimento do espírito coletivo, o respeito e a socialização com os colegas. Alcançando assim, os objetivos propostos pelo projeto. Destaca-se também que os/as alunos/as assimilaram as aprendizagens e já conseguem externá-las nas atividades da escola. O teatro colaborou para torná-los mais críticos e abertos ao mundo em que vivem. De alunos/as que não tinha qualquer conhecimento sobre teatro, o projeto os possibilitou a imersão no universo de atores/atrizes, tornando-os capazes de idealizar o pensamento de um futuro no mundo do faz de conta.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FELÍCIO, Wanély Aires de Sousa. Teatro e a escola: funções, importâncias e práticas. **Revista CEPPG, CESUC – Centro de Ensino Superior de Catalão**, ano XI, n. 20, 1º. Sem., 2009.

FERRAZ, M. Heloisa; FUSARI, M. F. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1989.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

ALMEIDA, Domingos Alves de; CARVALHO, Herli de Sousa; ROCHA, Maria da Penha Nunes da; LIMA, Railson Silva. A escola no universo da arte do faz de conta: o teatro corroborando nas práticas pedagógicas do Centro de Ensino Urbano Rocha em Imperatriz – MA. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 119-126, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 1 abr. 2014.

Aceito em: 9 out. 2014.

Juventudes e Políticas Públicas: temporalidades e identidades percebidas a partir de uma experiência de extensão universitária para inclusão digital

Giuseppa Maria Daniel Spenillo¹
Vanessa Maria Santiago da Silva²
Aline de Oliveira Bomfim³
Eliane Maria Araujo da Silva⁴

¹ Professora Adjunto do Departamento de Ciências Sociais, área de Sociologia, na UFRPE. Coordenadora do GP em Comunicação, Direitos, Cidadania e Mudanças Sociais/COMUDI. Docente do Programa de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX/UFRPE. gspenillo@yahoo.com.br.

² E Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX – UFRPE. Bacharel em Ciências Sociais/UFRPE. Membro e oficinaira do COMUDI. E-mail: vanessamariasantiago@hotmail.com.

³ Mestranda POSMEX – UFRPE. Bacharel em Ciências Sociais/UFRPE. Membro do COMUDI, Oficinaira e bolsista no projeto em questão. E-mail: alineob@yahoo.com.br.

⁴ Mestranda POSMEX – UFRPE. Bacharel em Ciências Sociais/UFRPE. Membro do COMUDI, Oficinaira e bolsista no projeto em questão. E-mail: elianearaujo80@yahoo.com.br.

RESUMO

Neste artigo propomos interpretações sobre a experiência de inclusão digital de jovens rurais que vivemos como atividade extensionista no semiárido pernambucano, entre 2011 e 2013. O objetivo foi qualificar as políticas de inclusão digital com uma proposta de usos das tecnologias digitais de comunicação e informação para o exercício dos direitos de cidadania pela juventude local. Buscou-se o protagonismo dos jovens, o redimensionamento da inclusão como política pública e o estímulo à permanência criativa e produtiva dos jovens. Os resultados atenderam em parte a tais objetivos, visto que a ação extensionista universitária precisa ser melhor formulada enquanto política de inclusão social. A partir da experiência, desenvolvemos reflexão sobre relações que se constroem em grupos sociais pós-coloniais [Santos, 2010]. Analisamos, ainda, as dimensões temporal e identitária aparentes nas políticas públicas de inclusão digital e nas decorrentes configurações de poder [Elias, 2000] entre órgãos de fomento, academia e jovens de áreas rurais.

Palavras-chave: Juventude; Temporalidades, Identidades; Traduções; Inclusão digital.

Youngness and Publics Politics: Temporariness and identities toward an experience on digital inclusion

ABSTRACT

In this article we propose interpretations about the experience of digital inclusion as extension action with youth living in rural areas, the semi-arid of Pernambuco, between 2011 and 2013. The aim was to qualify the digital inclusion policies with new proposed uses of digital communication and information technologies for the exercise of citizenship by local youth. Efforts have been made promoting the role of young people, resizing the inclusion as public policy, and stimulating creative and productive youth permanence in their local. The results answered in part to these goals, since the extension action needs to be better formulated while social inclusion policy. Based on the experience, we develop reflections on relationships that are built on post-colonial groups [Santos, 2010]. We also analyzed the temporal and the identity dimensions, apparent in digital inclusion public policies and the resulting power figurations [Elias, 2000] between funding agencies, academia and rural youth.

Key words: Youngness; Temporariness, Identities; Translations; Digital Inclusion.

INTRODUÇÃO

Como e por que formar jovens moradores de áreas rurais em diferentes linguagens das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC)? Essa grande questão vem nos conduzindo em nossas atividades de extensão universitária – associada à pesquisa acadêmica – e sobre ela buscamos refletir a seguir. Para tal, apresentamos e debatemos a experiência de inclusão digital de jovens rurais que vivemos como atividade extensionista no semiárido brasileiro, a partir do projeto Usos de Tecnologias da Informação e Comunicação para a Afirmação da Cidadania e do Protagonismo de Jovens Rurais no Município de Limoeiro/PE.

Com financiamento do Ministério das Comunicações, o projeto esteve vigente entre dezembro de 2011 e dezembro de 2013. Trabalhamos seguindo a sistemática de reuniões semanais e atividades coletivas e integradas de estudo, pesquisa e extensão, que desenvolvemos desde 2009, quando da criação do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Direitos, Cidadania e Mudanças Sociais/COMUDI.

Buscamos, em síntese, a inclusão social das e dos jovens, via inclusão digital, favorecendo a apropriação pelos jovens de meios de comunicação e informação, através das oficinas de Introdução à Comunicação, Jornal Mural, Blog, Animação, Fotografia, Teatro, Vídeo e Rádio. A Secretaria de Ação Social de Limoeiro viabilizou o encontro com os jovens, assim como o acesso ao sítio e os lanches durante as oficinas. As atividades ocorreram, em sua maioria, em escola desativada localizada no sítio Jucá, com jovens moradores deste e de outros sítios das redondezas, conforme retratado na Foto 01. Algumas atividades foram realizadas no prédio de uma Faculdade particular no centro da cidade de Limoeiro, por negociação da Secretaria de Educação local. Também fizemos atividades nos estúdios de uma rádio na cidade.



Foto 1: Início das oficinas na Escola Municipal Roberto Eugênio Mações em área rural de Limoeiro.
Crédito: Aline Bomfim

A partir de tal experiência, propomos discutir os usos possíveis das TDIC, no sentido da promoção do exercício e da garantia dos direitos de cidadania, bem como do protagonismo juvenil, enquanto elemento para a permanência criativa, produtiva e integrada da jovem e do jovem brasileiro em áreas rurais. Procuramos narrar e interpretar a vivência do projeto problematizando a ação extensionista e o lugar da universidade e das políticas públicas na formação de nossa juventude rural, a partir da noção elisiana de diferenciações de poder [Elias, Scotson, 2000], que aplicamos tratando de temporalidades, identidades e invisibilidades.

Tais questões aparecem inerentes à compreensão das microrrelações que se constroem num dado conjunto cultural (no caso, o nordeste brasileiro) e refletem macrorrelações, como as pós-coloniais [Santos, 2010]. Da mesma forma, problematizamos a noção empírica de inclusão digital, que sustenta políticas públicas recentes, e o papel e a densidade da extensão universitária frente a questões como a produção e validação de conhecimentos e as dinâmicas locais de poder.

É para interpretar criticamente tal experiência que desenvolvemos as discussões que se seguem, tendo como elementos empíricos a narrativa de alguns momentos e situações vividas durante a execução do projeto, seja nas oficinas ou nos trâmites administrativos; e como elementos teóricos, conceitos e categorias socioantropológicas tratados por Norbert Elias, Boaventura de Sousa Santos, Stuart Hall e Manuel Castells. Recorremos, ainda, a fontes da sociedade civil organizada, como a ASA Brasil e o Comitê Gestor da Internet no Brasil/CGI.br, e a dados oficiais como os do Censo populacional realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e os do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/PNUD.

CONTEXTO LOCAL E CONTEXTOS DAS ATIVIDADES DE INCLUSÃO DIGITAL

Para interpretar criticamente o trabalho realizado junto a jovens dos sítios Jucá e Esperança, localizados na área rural de Limoeiro, desdobramos e analisamos elementos e situações vivenciadas na experiência, tendo como referencial teórico o conceito de configuração proposto por Norbert Elias [1970; 1994] e a noção de construção de conhecimentos conforme perspectiva das epistemologias do Sul [Santos, 2010]. Com estes autores acreditamos ampliar e alargar o exercício de interpretação da prática extensionista e do papel da Universidade em sua participação nas ações de desenvolvimento local, particularmente no trabalho com jovens.

Nesse sentido, o contexto local, ou como está configurado o grupo social em Limoeiro, com suas vizinhanças, suas delimitações urbanas e rurais, suas formas de produção e consumo, de trabalho, lazer e educação, de organização familiar e geracional, é em si e como um todo desafiante à ação de extensão, bem como também à pesquisa que precede e sucede tal ação. Da mesma forma, o lugar da mulher, da criança, do jovem, do idoso, e os conteúdos de carisma e de estigma [Elias, Scotson, 2000] que cada um desses papéis sociais adquire no grupo aparecem como dados subjetivos que nos apontam caminhos de interpretação da vida local e de qualificação do trabalho extensionista.

A partir de Elias [1994], compreendemos que todo indivíduo está enraizado num processo chamado sociedade. Nesse enraizamento cada indivíduo adquire valores, crenças, segurança e também modos de ser e de pensar – em uma palavra, *habitus* sociais que são internalizados e, em seguida, externalizados na forma de *habitus* individuais. Como falar, como vestir-se, como agir, por exemplo, numa sala de aula, são aprendizagens intuitivas, construídas nas relações do indivíduo com seu grupo (com os iguais – nós) e que lhe servirão de referência na conduta social (com o outro – ele). Para Elias [1994: 21], “A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis.”

A idéia de uma figuração social, ou um grupo formado por indivíduos e que conforma o município de Limoeiro, indica o caminho da ação de extensão, ressaltando no olhar, na conduta, na fala, na postura do extensionista a percepção de que ele próprio é um elemento novo que se coloca numa tal figuração social e nela participa reconfigurando-a. Ao propor oficinas e outras formas de construção de conhecimento, a extensão universitária traz à tona necessidades e expectativas presentes/ausentes no grupo e nos indivíduos. Quais as condições da Universidade para lidar com a reconfiguração que provoca nos grupos locais? Quais os limites da ação no que concerne ao jogo local de integração e diferenciação? Quais os diálogos possíveis para uma troca de conhecimentos válida, justa, equilibrada, digna? Para tal, será necessário considerar e compreender as diferenças de tempos, de poderes e de contextos entre os jovens locais, a Universidade e os agentes governamentais de políticas públicas. Em que configuração chegamos quando nos propomos atuar com inclusão digital em Limoeiro?

O município de Limoeiro, criado em 1786, com área de 273,9 km², está a 90 Km de Recife, capital pernambucana, cujo acesso é feito pela BR-408, e pela PE-090/005, como podemos visualizar no mapa a seguir. Limita-se a norte, a sul, a leste e a oeste com cidades do mesmo porte. A população, conforme Censo 2010/IBGE, é de 55.439 habitantes distribuídos em 44.560 na área urbana e 10.879 na área rural.



Figura 1 - Dados cartográficos 2014 Google

Limoeiro situa-se no semiárido pernambucano, uma região singular cuja configuração geográfica forja características socioculturais fortemente presentes nos jovens que participaram das atividades realizadas, como a identidade-espelho em relação à metrópole próxima, ou o gosto musical e as formas de lazer. Em relação a esta juventude é necessário destacar particularidades decorrentes da figuração em que se encontram enquanto moradores de áreas rurais, aparentes na relação deles com a cidade e seus habitantes. Ou seja, na configuração local de Limoeiro, aparentemente um todo para quem chega de fora, há diferenciações e desigualdades, integrações e exclusões que conformam os lugares, as temporalidades, os papéis e as expectativas de cada indivíduo no grupo. Conforme a Articulação do Semiárido Brasileiro [www.asabrazil.org.br/portal], a maior área territorial da região é coberta pela caatinga, um “bioma exclusivamente brasileiro -, rico em espécies endêmicas, ou seja, que não existem em nenhum outro lugar do mundo. (...) Apresenta grande variedade de paisagens, de espécies animal e vegetal, (...) que garantem a sobrevivência das famílias agricultoras da região”.

O clima é tropical, com vegetação de mata atlântica. Apesar de ser o semiárido mais chuvoso do planeta, sofre com déficit hídrico, devido às irregularidades das

chuvas. Esses fatores climáticos afetam as condições de vida e trabalho da população local, e conseqüentemente a formação da sua juventude. Viver num bioma exclusivo pode gerar a percepção, nos indivíduos jovens confrontados com os modelos globais veiculados pelas grandes mídias, de que são diferentes num sentido negativo: anormais, exóticos, desajustados, pobres, fracos, outsiders [conforme Elias, Scotson, 2000]. Estigmas criados pelo sistema-mundo capitalista e fortalecidos por todos através da internalização/externalização de habitus culturais.

De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/PNUD, Limoeiro possui um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal/IDHM de 0,663, ocupando a 2828ª posição no Ranking Nacional em um total de 5.570 municípios. Um indicador próximo ao IDH do Estado de Pernambuco que, com 0,673, ocupa a 19ª posição do Ranking Nacional do Índice de Desenvolvimento Humano Estadual/IDHE. Conforme o Atlas Brasil 2013, a renda per capita é de R\$ 398,37, muito abaixo da nacional que é de R\$ 793,87. E há 42.265 pessoas alfabetizadas num total de 55.439 habitantes, ou de 76,23% da população.

Os dados acima revelam um cenário de precário desenvolvimento humano em Limoeiro, fator que talvez influencie nas possibilidades de inclusão digital ou, objetivamente, de aquisição das tecnologias de informação e comunicação. São dados quantitativos, colhidos e oferecidos de modo genérico e geral a partir de estudos panorâmicos e globais. De todo modo, foram estes dados que provocaram a construção do projeto de extensão aqui em discussão. No entanto, considerando a configuração específica dos jovens moradores em áreas rurais de Limoeiro, a ação de extensão se apresenta como um trabalho de conhecimento local, de valorização e aplicação dos saberes e competências desses jovens e de seus grupos sociais, de traduções, conforme propõe Santos [2006: 152], nas “perspectivas interculturais” que podem permitir “o reconhecimento da existência de sistemas de saberes plurais, alternativos à ciência moderna ou que com esta se articulam em novas configurações de conhecimentos”.

No que tange a habilidades e possibilidades de usos de tais tecnologias, o mais relevante são as oportunidades locais, ou não, de acesso, valorização, reconhecimento dos sujeitos que as utilizam pelo seu grupo social. Dessa forma, visando conhecer e interpretar as necessidades sociais de jovens dessa região, entende-se necessária a implantação de políticas de inclusão não apenas digital, mas também social. Políticas de inclusão devem ser construídas a partir das condições locais, das competências culturais, dos saberes e valores que, uma vez canalizados e praticados pelos jovens, permitirão a revalorização dos mesmos em seus grupos.

Para o Comitê Gestor da Internet no Brasil/CGI.br, “As disparidades regionais e socioeconômicas em relação ao acesso às TIC (...) requerem do governo políticas públicas efetivas (...) a partir de evidências e dados estatísticos sobre a infraestrutura tecnológica...” [TIC Domicílios e Empresas 2012. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013: 29]. Conforme o CGI.br o acesso às TIC parece ser condição necessária para a inclusão dos cidadãos, no que tange às sociedades contemporâneas, que no decorrer dos processos de globalização fizeram surgir uma nova cultura informatizada e conectada e novas formas de poder, que ocorrem através do acesso à informação, de modo rápido, imediato, em tempo real.

As tecnologias multimídia oferecem variadas possibilidades de informação e comunicação que se sobrepõem (linguagens, equipamentos, programas, interfaces) e que derivam em novas formas de organização social, configurando as chamadas sociedades da informação ou sociedades do conhecimento, conforme a ênfase que se deseje dar aos processos de crescente acessibilidade a conteúdos via tecnologias de informação e comunicação (TIC). As sociedades contemporâneas, de fato, dispõem e fazem usos, em escalas diversas, de renovadas tecnologias de informação e comunicação, inclusive vivenciando já uma popularização do digital. Hamelink [2005: 105-111], ao discutir a “dimensão tecnológica da interação” entre “sociedades e desenvolvimentos informacionais”, destaca os “efeitos nocivos” dos avanços tecnológicos e lembra que “Nas últimas décadas, a Comissão de Direitos Humanos e a Assembléia Geral da ONU têm atentado para o fato de que os avanços da tecnologia não geram somente benefícios, mas também podem prejudicar as pessoas.”. Conforme Hamelink [2005: 111], “Há consciência dos potenciais efeitos negativos das novas tecnologias sobre a integridade física e mental das pessoas (por meio de novas formas de testes pessoais e corporais); sobre a privacidade de seus lares e a confidencialidade de suas correspondências...”.

Em meio a uma proliferação de tecnologias nas sociedades atuais, as TIC caracterizam-se por formarem um conjunto de técnicas heterogêneas e em reorganização permanente, o qual se orienta pela possibilidade de prescindir da presença do indivíduo (ao menos de todos os envolvidos) para o estabelecimento de processos informativos e comunicativos. Na discussão sobre as sociedades contemporâneas em suas características e condições de troca e acumulação de dados de modo cada vez mais veloz e menos dispendioso, coloca-se – dentre tantas outras – a questão do conhecimento que se produz em um cenário preenchido de informações. Informações às quais se atribui um significado mercadológico.

As TIC podem ser vistas como resultado de questionamentos humanos na relação espaço/tempo. Brittes [2002: 12] pontua que “as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) permitem transcender às determinações ligadas ao espaço e ao tempo, uma vez que todos os pontos tornam-se equidistantes a partir de um satélite geoestacionário”. Essa transformação espaço-temporal vivida através dos usos de TIC se coloca em todas as esferas da vida contemporânea, tensionando, por exemplo, o sentimento e o sentido de pertença ao grupo para os jovens indivíduos moradores das áreas rurais de Limoeiro.

As tecnologias de comunicação e informação fazem do tempo o local para os grandes investimentos, sejam eles financeiros ou ideológicos. O tempo real permite inúmeras outras formas de atuação que independem de um espaço onde abrigá-lo. Pode-se comprar, vender, trocar, criar objetos e marcas via Internet sem chegar a possuí-los materialmente, sem pegá-los, transportá-los e armazená-los. As TIC estão na televisão, no rádio, no cinema, no computador pessoal, no telefone, na Internet e outros formatos de comunicação à distância, e também nos sistemas bancários-financeiros, médico-hospitalares, educacionais, científicos, aeroespaciais e – num futuro já presente – na interação multimídia dos eletrônicos residenciais.

Mais que isto, as TIC protagonizam o cenário de convergência tecnológica que associa imagem, som, texto, telefonia, gerenciamento de dados a distância. Nas TIC desenvolvem-se linguagens como a das mensagens de bate-papo na Internet ou dos torpedos nos celulares, em que a grafia segue lógica própria – sem acentos, abreviada;

ou a linguagem oral, a partir da digitalização da voz, como nos programas que monitoram deficientes visuais na digitação de textos e na navegação pela Internet; a linguagem tátil e a linguagem imagética – uso de ícones auto-explicativos. Sobre tudo isso, a interatividade proporcionada pelo computador, que faz dele o instrumento de comunicação e informação por excelência. “É importante notar que o computador só se tornou um veículo de comunicação quando se ligou a um monitor e um teclado. Só assim o computador passou a interagir com o usuário.” [Silveira, 2001: 11].

Comunicação, informação e suas tecnologias de mediação estariam também no centro de uma identidade digital em formação, em que novas funções e papéis sociais surgem, ressurgem, desaparecem, reescalando relações sociais e os sentidos de pertencimento social. Estamos diante de um contexto de mudanças estruturais na comunicação e na informação. Como indica Manuel Castells [1999: 39], essa mudança estrutural na informação e comunicação “começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável”.

Ou seja, os formatos tecnológicos de produzir e consumir informação e comunicação no mundo globalizado obedecem às lógicas da mercadoria, do capitalismo e do colonialismo opressores e dominadores, das diferenciações de poder manifestadas em desigualdades estruturais. É nesse contexto, portanto, que podemos pensar em processos de exclusão social a partir do acesso ou não a TIC. E, ainda mais relevante, considerar que mesmo com acesso a TIC, as formas e condições de cada ator social utilizar esses instrumentos são também motivo de preocupação e intervenção através de políticas públicas. Afinal, os usos de TIC se dão reproduzindo as lógicas de dominação ou produzindo novos meios de emancipação? Este seria, então, o desafio para a extensão universitária enquanto prática de traduções entre saberes diversos e de construção de conhecimentos, entre eles o digital, que acumulam e fazem convergir diferentes perspectivas e expectativas de mundo. Como fazer da extensão universitária um exercício de interculturalidade e pluralidade de conhecimentos? Conforme Santos [2010], através de uma ecologia de saberes que reúna as diversidades das práticas científicas com as diversidades de outros saberes, sem valorização ou predomínio de um sobre os outros.

A credibilidade da construção cognitiva mede-se pelo tipo de intervenção no mundo que proporciona, ajuda ou impede. Como a avaliação dessa intervenção combina sempre o cognitivo com o ético-político, a ecologia de saberes distingue a objectividade analítica da neutralidade ético-política. (SANTOS, 2010, p. 49)

Em meio a tais questões, encontramos os jovens dos sítios Jucá e Esperança, denominados como jovens rurais pela Prefeitura local, com dificuldades para se locomover até o centro da cidade, onde estudam, dependendo do precário transporte escolar público. O trajeto entre os sítios e o centro da cidade é de difícil locomoção, não há pavimentação, sinalização ou iluminação. A estrada de terra possui muitos buracos, inclinações e curvas fazendo os moradores depender de algum transporte particular (moto, carros, animais). Foram esses os jovens com quem trabalhamos durante o projeto, privados de direitos básicos como o de se locomover pelo município, e ainda sem escolas na localidade que atendam a sua faixa etária.

Com esses jovens almejamos a promoção da inclusão digital, por meio do uso das tecnologias de comunicação e informação, para que, assim, a comunidade, a partir dos jovens, se aproprie dos processos de cidadania ativa digital, defendendo e garantindo direitos e deveres igualitários em sociedade, aptos a utilizar as ferramentas tecnológicas que o mundo atual exige. Inclusão tem que ter por princípio a melhoria das condições de vida de uma dada comunidade. O maior objetivo do estudo das técnicas de vídeo, fotografia, radioweb, teatro, jornal-mural, blog e fotolog, rádio e televisão com jovens de áreas outsiders [Elias, Scotson, 2000], está em levá-los a avaliar e indagar informações, de modo a qualificarem-se pessoal, social e politicamente no sentido do desenvolvimento local. Passamos, então, a um debate que se quer mais aprofundado acerca de temporalidades e identidades presentes nas relações sociais que se estabelecem a partir de políticas públicas de inclusão digital de jovens rurais, enquanto ação de extensão universitária.

TEMPORALIDADES, PODERES, TRADUÇÕES

Tempos diferentes. Esta percepção pontuou nossa experiência de inclusão digital com os jovens de Limoeiro, no semiárido brasileiro. Uma diversidade no uso e significação do tempo e no sentido temporal das ações entre a metrópole e o interior, entre o litoral e o semiárido e entre o urbano e o rural. Diversidade que vem mesmo de um ponto de vista diferente, dados os referenciais de partida e de chegada. As situações tempos-lugares da vida contemporânea carregam traços do pós-colonialismo, como vemos em Santos [2010], quais sejam: manutenção das formas de saber racionais e descrédito ao que delas difere; regulação para a desigualdade; perpetuação de uma visão binária sobre a realidade social que constrói os duplos rural/urbano, semiárido/litoral, incluído/excluído.

Temos, então, uma pluralidade de saberes e vivências que num mesmo tempo – o hoje – compõem os tempos presentes, passados e futuros de nossos jovens, e que nos desafiam a dar conta de transformações sociais que permitam superar as desigualdades sociais, tecnológicas, culturais. Tais desigualdades diferenciam lugares e poderes e provocam os tempos de cada indivíduo, na busca por condições de participação no imenso e ampliado tempo global, como também nas heranças locais. É nesse sentido que tratamos as dinâmicas de inclusão digital de jovens, a partir da experiência no Sítio Jucá em Limoeiro. Partimos da noção empírica de inclusão digital enquanto políticas públicas promovidas por entes governamentais, considerando tempos e lugares de onde saem as propostas e onde as mesmas são realizadas, na perspectiva de refletir sobre as imbricações entre resistências locais e proposições globais.

Juventude, ou o que se tem definido hoje que seja juventude, responde às conformações identitárias de nossas sociedades contemporâneas, assentadas sob a perspectiva dos direitos de cidadania e do alargamento das esferas de participação, ao menos no plano legal e jurídico. Nessas sociedades, os lugares sociais e políticos e os direitos deles advindos encontram-se em permanentes disputas, na busca por realização daquilo que a modernidade ofertou mas não concretizou: a existência do sujeito social que, conforme Hall [2011: 10-11], apareceu aos olhos iluministas como um “indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação”.

Nesse sentido, podemos entender política pública como uma forma possível de atuação racional do Estado moderno, o Estado de bem-estar social, em que as desigualdades econômicas entre os cidadãos de um determinado Estado-nação, dadas pelos processos produtivos de cunho capitalista, são minimizadas por ações compensatórias do Estado, fundadas nos direitos de cidadania. Marshall [1967: 76] afirma que a questão central dos direitos está nas possibilidades que trazem de ampliação da cidadania, que entende como “um status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade.”. As políticas públicas agiriam com instrumentos de ampliação da cidadania, respondendo ao que o autor classifica como sentimento de injustiça decorrente de condições desiguais de acesso a bens sociais.

É preciso não esquecer, no entanto, que tais equacionamentos promovidos pelo Estado de Direito e de bem-estar social fundam-se numa estrutura social que se estabelece por meio de mecanismos de controle social do indivíduo, como a socialização, as maneiras civilizadas, a aprendizagem formal, a linguagem, a partir dos quais se desenvolve uma vontade de impotência [Santos, 2006]. Ou seja, a formação, como traço cultural, de um habitus de delegar decisões de largo alcance e coletivas para o Estado e suas instituições, incluídas as formas de compensação socioeconômicas.

No entanto, cabe questionar: De que forma tal compensação aponta para a transformação das relações sociais em seus aspectos opressor e regulador, conforme herdamos com a formação moderna do Estado-nação e, em seu desdobramento, as práticas coloniais? Ou, em outras palavras, como o exercício dos direitos de cidadania realizado por meio de políticas públicas colabora para uma transformação social emancipadora [Santos, 2006] por aqueles grupos injustiçados no jogo de poder capitalista?

No Brasil, políticas públicas resultam de negociações entre forças sociais que nem sempre têm como meta compensar, de fato, grupos ou indivíduos privados das benesses sociais e econômicas. De acordo com a estrutura governamental brasileira, disponível em www.brasil.gov.br/governo/2009/11/organizacao-do-governo, a implantação de políticas públicas é da alçada do poder executivo, através de seus ministérios, secretarias e outros órgãos, que devem seguir o princípio constitucional “da participação social como forma de afirmação da democracia”. Postula-se, no referido documento, que “Ao construírem espaços capazes de incorporar as pautas e os interesses dos mais diversos setores da sociedade na elaboração das políticas públicas, as secretarias estimulam o compartilhamento das responsabilidades entre Estado e sociedade.”.

Diante do exposto, poderíamos considerar que as políticas públicas brasileiras respondem aos anseios de sua sociedade, atendendo demandas, necessidades e expectativas dos grupos sociais. No entanto, quando focamos as políticas públicas, não é o que aparece. Na questão específica da inclusão digital, desenvolvida a partir do Ministério das Comunicações e de um conjunto de ministérios liderados pela pasta da Educação, percebemos já nas propostas a ausência “dos mais diversos setores da sociedade”, conforme citado acima. Não há presença dos jovens, não há conhecimento sobre as expectativas desses jovens, não há distinção entre jovens, idosos, deficientes, mas apenas sua nomeação como grupos abstratos e carentes (impotentes) de políticas públicas compensatórias.

Não há, ainda, conhecimento prático sobre as condições de aplicabilidade de uma política pública de inclusão digital. E não há, sequer, fundamento para uma política de inclusão digital que venha dos grupos sociais, a partir de sua busca por transformação e emancipação. Tais políticas públicas são, de fato, instrumentos reguladores, que sustentam e, muitas vezes, fazem crescer as desigualdades deixadas pelas experiências da colonização e da pós-colonização. Uma colonização que persiste e aparece nas relações sociais e culturais, tornando invisíveis saberes, vivências, práticas, necessidades, competências. Relações sociais e culturais que, para além das compensações acadêmicas promovidas por políticas públicas, mantêm-se e mantêm as estruturas de desigualdade e de diferenciação de poder entre grupos sociais interdependentes, como aquele dos jovens rurais, o da academia e o dos produtores de políticas públicas. Isso ocorre particularmente na construção/validação de conhecimentos, questão central, porém muitas vezes marginalizada, no debate sobre inclusão digital.

Temos, então, que a política de inclusão digital é tratada como ação extensionista das Universidades Federais, mas as referidas Universidades não participam do processo de construção da política pública. Entram em concorrência mediante edital público e recebem uma verba para execução do projeto, quando aprovado. E não há mais qualquer diálogo entre a instituição acadêmica e o órgão gestor da política pública.

Aqui começam a aparecer elementos que apontam para a dimensão temporal como lócus de análise social: entre o momento em que a política pública é construída (tempo de poder determinar/futuro-passado), o momento de ação das Universidades (tempo de poder agir/passado-presente) e o momento de usufruir a política pública pelos jovens (tempo de poder acessar e vivenciar/presente-futuro) há verdadeiros fossos ou hiatos impossíveis de serem preenchidos se não passamos a uma revisão e redistribuição dos tempos de poder nos quais cada grupo se encontra e se reconhece e daqueles em que coloca os outros grupos. Os diálogos, ou traduções entre as diversas formas e tempos de conhecimento e percepção de mundo, acolhem e significam o desconhecido e o diferente, não para enquadrar em modelos pré-determinados. Em Santos [2006: 123] “A tradução é o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis”. No entanto, como fazer da ação extensionista uma prática de tradução dada a distância autoritária e reguladora entre os tempos em que cada ator social chega à política pública?

Tal incompatibilidade temporal, prevista e conduzida pelas práticas sistêmicas e sociais pós-colonialistas de regulação e dominação, estressa o tempo presente, simultaneamente alargando-o e comprimindo-o, engessando os sujeitos e retirando a autonomia de suas ações. Dessa forma, a inclusão digital enquanto política pública silencia e aliena, conforme perspectiva aberta por Santos [2006: 100-101], uma vez que ao sobrepor os ideais da produtividade e da legalidade soterra diversidades e criatividades, o que leva a uma relação de temporalidade em que “a contracção do presente esconde, assim, a maior parte da riqueza inesgotável das experiências sociais no mundo”.

O Quadro 1 apresenta, de modo sintético, os tempos-lugares do pós-colonialismo que percebemos na experiência de inclusão digital em Limoeiro, e vimos discutindo aqui quanto à realização de políticas públicas no Brasil. Os carismas e estigmas que representam o Estado, os jovens e a Universidade levam a compreensões dos outros e de si fechadas e totalizadas, apesar de incompletas, que impõem, por exemplo, ao

jovem o lugar de carente e à Universidade o papel de executora. E a todos a desconexão entre os tempos presente, passado e futuro, que empobrece a experiência de cada um. Conforme Santos [2006],

A contracção do presente esconde, assim, a maior parte da riqueza inesgotável das experiências sociais no mundo. Benjamin identificou o problema mas não as suas causas. A pobreza da experiência não é expressão de uma carência, mas antes a expressão de uma arrogância, a arrogância de não se querer ver e muito menos valorizar a experiência que nos cerca, apenas porque está fora da razão com que a podemos identificar e valorizar. [SANTOS, 2006: 101].

Quadro 1 – Temporalidades como reguladoras na produção de políticas públicas.

Tempos-lugares do pós-colonialismo [a partir de Santos, 2006]	Políticas públicas		
	Estado (órgãos de governo)	Jovens rurais (em Limoeiro)	Universidade (ação extensionista)
a. Manutenção do saber racional como central e exclusivo	Produtor e promotor	Receptáculos	Executora
b. Regulação para a desigualdade	Controle social do indivíduo	Vontade de impotência [Santos, 2006]	Burocracia e juridismo
c. Perpetuação de visão binária (duplos)	Inclusão como exclusão	Carentes e ausentes Estigmas	Silêncios que sustentam carismas
d. Diferenciações de poder no uso do tempo	Determinista no tempo futuro/passado	Vivencial no tempo presente/futuro	Atuacional no tempo passado/presente

É possível vislumbrar numa inclusão com essa estrutura qualquer elemento emancipatório? Nem a Universidade, como instituição, nem seu corpo docente, nem seus discentes, nem aqueles que recebem a ação de extensão universitária têm um envolvimento suficiente e uma capacidade sistêmica (porque o sistema foi organizado de modo a não o permitir) para protagonizar mudanças nem para produzir novos conhecimentos ou consolidá-los. A fragmentação das ações, programas e projetos em etapas e instituições que não se vêem, não dialogam e não co-laboram é, portanto, uma das formas de fazer das políticas públicas um agente regulador dos indivíduos e grupos sociais.

O que há, de fato, é um grande número de atores sociais, com acesso a recursos materiais e tecnológicos, perdidos diante da complexidade de demandas e expectativas individuais abertas pela lógica racional e individualista da Modernidade e pelos jogos de desigualdade e de colonização que regem as estruturas capitalistas modernas (silenciamentos, ausências, ignorâncias/incompreensões). Ao final, envolvemo-nos todos nos tempos miúdos das burocracias e procedimentos contábeis, jurídicos e administrativos. Deixamos escapar oportunidades de ampliação dos tempos de criação, interação, descobertas, reciprocidades. Enquanto não praticarmos a tradução sem pré-conceitos e com emoção, continuaremos reproduzindo nas microrrelações as lógicas das macrorrelações e desenhando identidades sociais marcadas pelas relações

pós-coloniais.

IDENTIDADES PERIFÉRICAS, AUSÊNCIAS NOS TEMPOS E LUGARES PÓS-COLONIAIS

“Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos.” [Hall, 1992: 71]. Na compreensão das identidades a partir de suas representações temporais e geográficas, temos o debate tanto social como sociológico sobre o que é o jovem e qual a identidade de jovem. Afirmamos em outro momento [Spenillo, 2013: 19-20] que “Ser jovem, portanto, é uma determinação social, seja por força de Leis, de habitus, de acordos em torno de direitos e deveres, de negociações culturais e cotidianas, de ideologias e enfrentamentos”. Soma-se, entretanto, ao espaço e ao tempo, na construção das identidades, as particularidades locais e suas imbricações com as questões hegemônicas globais. No que se refere a jovens moradores de áreas rurais no Brasil globalizado, vislumbramos aquilo que Santos [2010: 104] classifica de ausências ou “formas sociais de não-existência”.

Na experiência aqui em análise, trabalhamos com jovens entre 13 e 17 anos, em séries escolares diferentes, numa proposta de oficinas participativas. A proposta metodológica foi o construtivismo e a experimentação, sem preocupação de cumprir estritamente conteúdos programáticos e com bastante atenção quanto à participação efetiva dos jovens. Seguiu-se uma metodologia de ação espelhada na pesquisa-ação e em cada módulo havia um tema que referia o jovem e seus contextos de vida, ou a figuração social em que cada jovem se encontra.

No módulo de fotografia, por exemplo, o tema foi trabalho e educação, para o qual, com a utilização de ferramentas das TIC tentou-se chamar atenção das e dos jovens sobre suas ideias acerca do tema e sua visão do trabalho no meio urbano e no meio rural. O objetivo era explorar sonhos e perspectivas de futuro. A oficina foi iniciada com a apresentação dos oficineiros e realização de dinâmicas para aquecimento e envolvimento de cada um. Logo após, foi sugerida a primeira atividade, em que as e os jovens ficaram dispostos em três grupos e fotografaram a si próprios (“self”), focando partes do corpo, como vê-se na Foto 02. A partir da atividade prática, então, foi apresentado em slides um breve relato sobre a fotografia e sua evolução. Por fim as e os jovens ficaram à vontade para que fotografassem o que desejassem.



Foto 02. Atividade de self da oficina de fotografia.
Crédito: Jovens do Projeto.

Cada oficina ocorreu em ao menos dois dias, aos sábados, de modo a que jovens e oficineiros tivessem um intervalo para refletir e reagir aos acontecimentos do primeiro encontro e pudessem externá-los no seguinte. Num coletivo, a sensação de participação é gratificante quando se pode expressar ideias e compartilhá-las. Nesse sentido, na segunda etapa da oficina de fotografia, meninas e meninos relataram o que percebiam de recortes de revista que fizeram previamente. Embora o instrumento didático fosse condizente com o objetivo da atividade, recorreu-se, ainda, a outra estratégia mais subjetiva e sutil para o envolvimento do grupo. A participação foi provocada com o

relato pessoal das oficinas sobre fotos pessoais que levaram com o intuito de criar um clima de curiosidade e engajamento.

Quanto aos relatos das e dos jovens, alguns foram bastante emocionados, com lágrima nos olhos, outros engraçados, alguns tímidos, mas todos passaram o que sentiam e isto demonstra a importância do papel do extensionista e da extensão universitária. Talvez o segredo da oficina de fotografia seja o encantamento entre extensionistas da Universidade e jovens de Limoeiro. Tal encantamento se revelou no engajamento dos atores envolvidos na ação de extensão, em que cada passo foi detalhadamente pensado não apenas com habilidade e técnicas, mas sobretudo com entusiasmo e carinho.

Todas as oficinas foram trabalhadas numa perspectiva crítica ao modelo sistêmico, na tentativa de praticar, dentre outras, a proposta da tradução de Santos [2010: 123-124], entendida enquanto “procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo [...] Trata-se de um procedimento que não atribui a nenhum conjunto de experiências nem o estatuto de totalidade exclusiva nem o estatuto de parte homogênea.”. No entanto, alguns momentos chegaram a ficar tensos de tão impactantes que foram as relações desses jovens com os oficinairos, membros da academia, por mais que se objetivasse uma relação de igualdade e parceria na construção de conhecimentos autônomos e criativos.

Um marco exemplar para o debate sobre as temporalidades diversas sufocadas pela lógica reguladora foi a dinâmica de programa de rádio, em que o microfone foi franqueado aos jovens dos Sítios, numa sala sem outro público exceto os oficinairos, e estes jovens ficaram intimidados e bloquearam. Não falaram no microfone! Esta já era a sexta oficina, vinha-se trabalhando em conjunto por mais de dez ocasiões, inclusive com uma oficina de teatro, e não houve jovem que aceitasse falar ao microfone.

O microfone se impôs como representante do discurso hegemônico e paralisou o grupo e cada indivíduo dentro dele, por se reconhecerem como não alinhados na linguagem, nos conteúdos, no ser escutado (estigmas) por outros que vinham de fora e tinham acesso aos discursos dominantes (carismas). Conforme Elias e Scotson [2000] carismas e stigmas são construídos e negociados nos grupos sociais e legitimam a retenção de poderes e os jogos de dominação estabelecidos nas dinâmicas culturais e sociais. Formam e forjam identidades.

A situação em questão, no entanto, extrapola o grupo local e aponta para suas relações com o global, com o poder sistêmico das corporações de mídias que circulam informações em larga escala e do Estado enquanto legítimos locutores e detentores da palavra. Carismáticos são os que falam na televisão e nas rádios. Estigmatizados os ouvintes e telespectadores, que silenciam e aceitam, como se não tivessem experiências e conhecimentos para narrar. É, de fato, uma outra configuração, que se faz nas relações entre local e global e, muitas vezes, se sobrepõe à configuração local, reconfigurando-a.

Este exemplo mostra o gradiente de invisibilidade ou ausência que se concentra sobre jovens de meios rurais, cuja identidade não comporta a articulação de um discurso digno de ser anunciado em alto som num microfone. Para Santos [2010: 104] “A produção social destas ausências resulta na subtração do mundo e na contração do presente e, portanto, no desperdício da experiência.”. A partir daí pode-se questionar a qualidade e a profundidade das políticas públicas de inclusão digital enquanto

elementos de um sistema regulador e opressor.

Na busca por romper com essa continuidade histórica de regulação e opressão, fizemos oficinas intuitivas e construtivistas, procurando levar os jovens ao conceito concreto do que é fazer comunicação em suas diversas nuances, visando promover os conhecimentos desses jovens como epistemologias possíveis, nem melhores nem piores, apenas válidas. Dessa forma imaginamos avançar na ruptura com os modelos contemporâneos de conhecimento que dão aos outsiders (os que estão no semiárido brasileiro, por exemplo) um lugar ausente na lógica do sistema-mundo, uma identidade frágil, estigmatizada como atrasada e, portanto, pouco valorizada, e fazem de seus modos de vida, suas competências, visões de mundo e seus discursos algo sem expressividade e importância, sem um carisma que se sobressaia no persistente capitalismo globalizado de práticas centralizadoras e opressoras.

INTERPRETANDO AS ATIVIDADES DE INCLUSÃO DIGITAL

Como interpretar, então, no sentido da relativização dos conhecimentos enquanto sistemas de significações, conforme colocado por Clifford Geertz (1997), a experiência de ação extensionista para inclusão digital de jovens moradores de áreas rurais? Partimos da perspectiva das diferenciações de poder estabelecidas em nossas sociedades contemporâneas para compreendermos as temporalidades distintas, as identidades ausentes, os não-lugares sociais e políticos que constituem e dão a tônica das dinâmicas e das inter-relações sociais. Tivemos como meta a formação cidadã dos jovens de Limoeiro e, também, na mesma medida, a formação dos graduandos enquanto extensionistas e educadores sociais. As oficinas foram construídas coletiva e processualmente, permitindo aos oficinairos tentar, refletir, ousar, arriscar metodologias e métodos. Não é um formato eficaz no sentido capitalista do termo, mas bastante interessante no caminho da emancipação social.

Afinal, o que é inclusão digital? Em uma palavra, fazer política pública de inclusão digital é trabalhar identidades. Como? Reconfigurando o status, a compreensão, a percepção desses jovens sobre as tecnologias e os meios de comunicação e informação. Seria, principalmente, levá-los a tomar consciência de sua habilidade comunicativa e de suas possibilidades de atuação comunitária a partir do uso de recursos de comunicação e informação locais. As propostas do projeto garantiriam a inclusão digital desses jovens? Não! Inclusão demanda continuidade, o que não se consegue com um projeto de 20 meses de duração e financiamento pré-determinado. O objetivo de uma política pública de inclusão digital deve ser o de levar o sujeito a se perceber comunicador – o que se almejou na experiência de cobertura jornalística em evento local, demonstrado na Foto 03. Retirá-lo da zona confortável de receptor e colocá-lo na difícil e árdua condição de comunicador. Ir além do acesso aos meios, formando e consolidando vozes e consciências sociais e culturais para o uso dos recursos digitais.



Foto 03. Cobertura Jornalística feita pelos jovens no evento da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Cidadania sobre erradicação do trabalho infantil. Crédito: Aline Bomfim

Como esperado, este objetivo foi atendido parcialmente. Além do tempo determinado do projeto e das dificuldades da Universidade para executar tal ação extensionista, outro elemento fundamental para isso foi o tempo disponível das e dos jovens para as atividades. E, ainda, a disponibilidade desses jovens que, estando aos sábados no espaço das oficinas, demonstravam medo e desconforto. Infelizmente é esse o mundo silenciado pelos meios massivos e pelos discursos dominantes das propagandas, dos telejornais, dos portais web. Os jovens dos sítios de Limoeiro, como as pessoas em geral nas sociedades contemporâneas, não esperam ter que tomar alguma iniciativa de comunicação ou informação além de apertar botões. E, se o fazem, serão comparadas ao padrão tecnológico global e consideradas incompetentes.

Da experiência aqui apresentada e discutida fica a sensação de que contribuímos para diminuir a mágica por trás das transmissões massivas e tecnológicas de informação. De modo freiriano, acreditamos que é possível estabelecer um pouco de conhecimento crítico sobre o conhecimento mágico em que se coloca o receber informação no mundo de hoje. As oficinas cumpriram os objetivos do projeto, estritamente quanto às expectativas sobre um projeto a ser desenvolvido em 20 meses, nos quais precisamos ainda criar condições de trabalho e sensibilizar todas as instâncias, desde a Universidade até os próprios jovens. Mas não cumpriu com a idéia de continuidade que viria a partir do blog e consolidaria o protagonismo juvenil local.

Faltou, entretanto, circular muito mais pelas comunidades com os jovens (termos nos perdido por lá, no sentido benjaminiano) e levado-los a observar seu lugar, suas qualidades, seus valores, para que percebam que têm o que narrar a partir do local e da figuração em que vivem. Ainda assim, a experiência foi valiosa, mesmo considerando que objetivamente tivemos pouca resposta ao trabalho, uma vez que o blog apesar de criado não ficou sendo utilizado pelos jovens, justamente por não haver conectividade internet nos sítios de moradia.

Uma resposta que transcende o projeto, em relevância social e na perspectiva de um outro mundo possível, é a da participação, ou seja, alguém (os jovens) aceita a idéia de um outro alguém (osicineiros) e investe nela. Isso é muito interesse e ficou evidente no dia de apresentação das atividades como conclusão das oficinas. Outra resposta, vinda do silêncio, nos parece uma crítica à proposta que levamos que, afinal de contas serve de ocupação do tempo, serve para recolocação deles na comunidade, mas não muda a vida deles. Ou seja, as expectativas existem. No entanto, parece que não há uma objetivação dessas expectativas (eles não sabem o que querem nem como chegar onde querem) e não há romantização sobre as condições de vida, no sentido de que algo fará com que a vida deles mude.

As oficinas iniciadas em 23 de fevereiro de 2013, no Sítio Jucá, envolvendo jovens das comunidades Duas Pedras e Fazenda Jucá, foram concluídas em 15 de junho de 2013, num total de 15 encontros. Realizamos na seguinte ordem as oficinas e atividades lúdico-didáticas: iniciação à comunicação, jornal mural, blog 1, animação, fotografia, vídeo, teatro, rádio, visita à rádio FM local, reunião de pauta, cobertura de evento na cidade de Limoeiro, blog 2, montagem de um blog com os jovens locais. Dos 26 jovens presentes no primeiro encontro, 15 cumpriram a carga horária e chegaram a receber declaração de conclusão do Curso.

A vivência desse projeto em Limoeiro foi uma oportunidade única para refinarmos olhares e conhecermos alguns dos jovens do município, observá-los a partir da nossa visão e para além das generalidades e padrões do discurso massivo. Chegar a um novo local é sempre uma experiência interessante, e conhecê-lo implica registrar objetos e paisagens que chamam a atenção, andar pelas ruas, observar hábitos locais, olhar o comércio e deslumbrar-se com a paisagem, mesmo quando se está em uma época de bastante seca. A experiência foi também uma oportunidade para se perceber as possibilidades analógicas que o mundo digital e informatizado ainda esconde. Na sessão de encerramento da turma, registramos a realização de um grande sonho: fazer comunicação comunitária com jovens pode ser o começo de um outro mundo possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual sentido da transformação social? Para que incluir jovens digitalmente? O que estas políticas públicas vêm permitindo transformar na vida da juventude que mora em regiões do semiárido brasileiro e em áreas rurais? Protagonismo? Perspectivas? Direitos? Deveres? Cidadania? Consumo? A Organização das Nações Unidas publicou, em 2013, em seu sítio na internet, a notícia “Políticas Públicas devem ser voltadas para felicidade e bem-estar”, com o texto: “A Assembleia Geral da ONU adotou na terça-feira (19/07) uma resolução para que os governos dêem mais importância à felicidade e ao bem-estar na elaboração de políticas públicas”. O que isto nos diz ou como recoloca a questão das políticas públicas?

Desenvolver políticas públicas para juventude pode vir a ser a contramão da regulação e da dominação, se tomarmos como partida e chegada o estado de bem-estar emocional associado ao bem-estar material que até aqui legitimou as decisões do Estado de Direito moderno e do capital em suas relações coloniais e pós-coloniais. De tal forma será possível atuar para a emancipação de jovens quanto ao uso de linguagens como vídeo, fotografia, radioweb, jornal-mural, blog e fotolog, radio e televisão, de modo a se habilitem a produzir instrumentos digitais de cidadania, como petições, mobilizações, participação em organizações e espaços virtuais de discussão, de modo crítico e criativo. Apenas assim oportunizaremos, enquanto agentes de extensão universitária, autonomia, felicidade e bem-estar aos jovens, envolvendo-os na produção de alternativas de trabalho e de atuação cidadã a partir de tecnologias de comunicação e informação. E, apenas assim, pode-se fomentar o desenvolvimento local de novos conhecimentos, não colonizados, não estigmatizados e não dominados pelos padrões capitalistas globais, mas sim por expectativas coletivas de uma felicidade não medida em bens materiais.

REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO Semiárido Brasileiro. Disponível em: <www.asabrazil.org.br/Portal/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

ATLAS Brasil 2013. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BRASIL. Governo Federal. Portal Brasil. Disponível em: <www.brasil.gov.br/governo/2009/11/organizacao-do-governo>. Publicado em: 31 out. 2009.

BRITTES, Juçara, Prefácio. In: PERUZZO, Cicilia; BRITTES, Juçara, 2002. **Sociedade da informação e novas mídias: participação ou exclusão?** São Paulo: s/ed., 2002. p. 11-15. (Coleção Intercom de Comunicação, n. 14).

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (Volume 1).

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

CENSO 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2014.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOOGLE. **Dados cartográficos 2014**. Disponível em: <www.googlemaps.com>. Acesso em: 15 maio 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HAMELINK, Cees. Direitos humanos para a sociedade da informação. In: MELO, José Marques de; SATHLER, Luciano. **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2005.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro, J.Zahar, 1967.

ONU Brasil. Organização das Nações Unidas. **Políticas Públicas devem ser voltadas para felicidade e bem-estar**. Disponível em: <www.onu.org.br/politicas-publicas-devem-ser-voltadas-para-felicidade-e-bem-estar>. Acesso em: 30 jun. 2014.

RANKING IDHE 2010. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. Disponível em: <www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-UF-2010.aspx>. Acesso em: 30 jun. 2014.

RANKING IDHM 2010. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. Disponível em: <www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2010.aspx>. Acesso em: 30 jun. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2010.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Exclusão digital. **A miséria na era da informação**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SPENILLO, Giuseppa M. D. Introdução. In: _____. (Org.). **Juventudes e modos de vida no semiárido pernambucano**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2013. p. 13-22.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

SPENILLO, Giuseppa Maria Daniel; SILVA, Vanessa Maria Santiago da; BOMFIM, Aline de Oliveira; SILVA, Eliane Maria Araujo da. **Juventudes e Políticas Públicas: temporalidades e identidades percebidas a partir de uma experiência de extensão universitária para inclusão digital**. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 127-144, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 4 abr. 2014.

Aceito em: 6 out. 2014.



1



2



3

As imagens utilizadas para ilustrar a Capa, assim como as seções *Relatos* e *Artigos* desta revista, foram gentilmente cedidas por seus criadores, os fotógrafos Jennifer Lee Palmer (Capa), Luciana Cajado (Relatos) e Douglas Iuri Medeiros Cabral (Artigos), participantes do projeto Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco, coordenado pelo Prof. Marcus Ramos. Participaram da seleção Marcus Ramos (UNIVASF) e Cecilio Bastos (UNEB).

DADOS TÉCNICOS

Título: EXTRAMUROS - Revista de Extensão da UNIVASF

Projeto gráfico: Cecilio Ricardo de Carvalho Bastos

Logotipo: Ricardo Guimarães Cardoso

Editoração Eletrônica: Bruce Wagner Amorim Pereira

Formato do arquivo: Portable Document Format (PDF)

Formato do papel: 21 x 29,70cm

Fontes: Bodoni, Berlin Sans e Chiantin

Número de páginas: 146